3,351/B

FRANCISCO, de Santa Luiz

P.C. 35 17836

Digitized by the Internet Archive
in 2017 with funding from
Wellcome Library

https://archive.org/details/b29325833_0002

L. Maurin lith.

O IMMORTAL

Infante D. Henrique.

OS

PORTUGUEZES

NA ASIA, AMERICA, E OCEANIA

[illegible] DE [illegible]

VOLUME II

[illegible]

LISBOA:
Typ. da Empresa, Rua da [illegible] n.º [illegible]

[illegible]

OS

PORTUGUEZES

EM

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

OBRA CLASSICA

VOLUME II.

SEGUNDA EDIÇÃO.

LISBOA:
Typ. de Borges, Rua da Oliveira n.º 65.

1849.

17836

WELLCOME
HISTORICAL
MEDICAL
LIBRARY

RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

NA

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

CAPITULO I.

ANNOS DE 1412 A 1463.

Portugal, pela sua posição geographica, e pela tendencia de seus habitantes para a navegação, é uma Nação maritima. Funda o Infante D. Henrique uma Eschola em Sagres; sua ardente paixão pelo progresso das sciencias mathematicas, cosmograficas, e nauticas. Conjectura a existencia de terras ao Occidente do mar Athlantico. Erro dos Antigos, ácerca da divisão do globo em cinco zonas; esforça-se o Infante por dissipal-o. Emprehende-se a 1.ª expedição a fim de dobrar o Cabo Bojador. Faz-se uma 2.ª expedição

para o mesmo objecto, cujo resultado é a descoberta da Ilha da Madeira. Murmurão os Grandes do Reino, sob pretextos especiosos da pertinacia do Infante, em proseguir suas novas descobertas. Este envia a Roma um emissario a fim de communicar ao Papa seus descobrimentos e pedir-lhe algumas graças. O Papa Martinho V., concede á Corôa de Portugal a posse de quanto viesse a descobrir até ás Indias inclusivè. O Infante cria Sociedades, e Companhias Commerciaes, a fim de se proseguir, com mais calor, nas descobertas maritimas. Os Reis de Portugal e de Castella disputam entre si a posse das Canarias. O direito d'estas é cedido ao Infante D. Henrique; toma depois posse d'ellas o Rei de Castella. O Infante promove na Madeira plantações da canna de assucar e de vinhas. D. Affonso V. firma mais o vantajoso, mas difficil, commercio das Costas d'Africa. Acontecimentos que quasi paralisão o progresso das descobertas Morte do Infante.

Quando Portugal nos seculos XIV. e XV. posto que Nação pequena, se constituio a primeira Potencia Maritima do Universo, formando emprezas vastissimas, occupando extensões immensas de terreno, vencendo os obstaculos que tanto interna, como externamente se lhes oppunhão, por mais difficeis que elles se apresentassem, não poupando homens nem despezas, por enormes que fossem; então a Europa, á vista das numerosas descobertas, e conquistas que levaram o nome Portuguez ás mais remotas terras do Mundo, contemplava este paiz com espanto e admiração, por quanto a vasta extensão do Oceano lhe havia

offerecido sempre uma barreira impenetravel em que vinha quebrar-se a ambição, e a cubiça dos homens. As Columnas de Hercules (*) havião sido o limite das maravilhosas façanhas d'este Heroe. Nada ou quasi nada a Antiguidade conhecia, além d'estas Columnas para o Occidente. Os Phenicios, que tão celebres se fizeram por seu commercio, não chegaram a conhecer mais do que as margens do Mediterraneo do lado da Europa e Africa, e posto que passassem áquem do Estreito, elles quasi que não chegaram mais do que a Cadiz. Quando comparâmos a viagem dos Argonáutas (**) tão celebrados pelos poetas da antiguidade, com as que hoje se emprehendem, e se effeituão, é evidente que ella não merece tantos elogios. As ilhas que os antigos chamavam *Afortunadas e Athlanticas* (***) erão tão pouco conhecidas, que por longo tempo, se tiverão por fabulosas, como tudo o que elles disserão do Ophir de Salomão, e da Tharsis da Escriptura é ainda hoje materia controversa, entre os Sabios, em que cada um diz o que lhe apraz, não deixando de produzir argumentos comprovativos. E' ainda hoje um problema, se os antigos jámais rodearam a Africa, posto que se encontrem em Herodoto indicios de se ter emprehendido esta viagem, ou mesmo effeituado no tempo de Carthaginezes, de Necáo Rei do Egypto, e de Xerxes; mas ainda quando tenha sido verdadeira, por quantos seculos não foi ella ignorada, e tida por fabulosa? Finalmente Ptolomêo, Strabão, e os outros geographos antigos são algum tanto escuros e incorrectos, por pouco que elles se affastem dos li-

(*) Assim chamavão os antigos aos dous promontorios que formão o Estreito de Gibraltar.

(**) Erão com este nome designados pelos antigos poetas os cincoenta e dous jovens principes da Grecia, que embarcaram com Jazão no navio Argos, e se dirigiram á Calchida, para se ampararem do tosão d'ouro.

(***) Hoje Ilhas Canarias.

mites do Imperio Romano. Os mesmos Romanos, no tempo de sua maior prosperidade, nos representaram a Grão-Bretanha e a famosa Thulé (*), como as extremidades do mundo para a parte do Polo Arctico.

Seria pois então difficil o passar mais ávante, como se effeituou nos ultimos seculos, cujas descobertas forão tão magnificas? Ter-se-hia então menos desejo de conhecer, de conquistar, de ajuntar Imperios a Imperios, e de amontoar riquezas sobre riquezas? Carecia-se de meios para que os homens melhorasem e adornassem os seus conhecimentos, aperfeiçoando a Nautica? Certamente não. E' mesmo incomprehensivel, como se não podesse então fazer o que ultimamente teve lugar com tão feliz resultado. (**)

Parece que a Nação Portugueza havia sido reservada pela Providencia, para ser o instrumento da execução de seus designios, para fazer conhecer o Evangelho e diffundir a civilisação entre tantas e tão remotas nações barbaras da terra. A posição geographica de Portugal, a tendencia que grande parte de sua população, desde os primeiros tempos da monarquia, mostraram para a navegação, parece terse achado em situação de favorecer aquellas vistas. Longo tempo victima da cruel invasão dos Mouros, que havião inundado a Hespanha, pela traição do Conde Julião, sob

(*) E' a terra mais austral conhecida ao Oeste da terra de Sandwich.

(**) Temos por causas principaes dos antigos não terem extendido mais a sua navegação, a falta da *bussola* que então não era conhecida, e os defeitos de sua construcção naval, a qual sómente nos ultimos tempos adquirio o grão da maior perfeição, e é a esta perfeição que se deve attribuir hoje a menor frequencia de naufragios, do que nos primeiros tempos, mesmo dos maiores vazos.

o reinado de Rodrigo, ultimo dos reis Visigodos, cujas desgraças são assaz conhecidas, elle se tinha não sómente sustentado a si, como tambem a Castella, contra a tyrannia d'estes antigos inimigos, e tinha sido, além d'isso, assaz feliz em ser o primeiro a expulsal-os de toda a extensão do Reino, a obrigal-os a repassarem o mar, híndo atacal-os mesmo em Africa, e forçal-os a tomar, no seu proprio paiz, a defensiva, habituando-os ahi mesmo a soffrerem a dominação portugueza.

Foi nestas circumstancias que a Providencia parece ter inspirado o Infante D. Henrique, Duque de Vizeu, Grão-Mestre da Ordem de Christo, para que lhe servisse de pedra fundamental da grande obra de seus inescrutaveis decretos. Nascido perto do Throno, elle pareceu digno de o occupar, mas pela ordem do nascimento, achava-se bastantemente affastado d'elle, para se ver obrigado a viver como subdito. Foi porém esta circumstancia, a que lhe fornecêra a occasião de praticar cousas, que o pêso do governo lhe não permittiria de effeituar, e de promover acontecimentos, que forão os dignos fructos de seu ocio, que lhe adquiriram tanta gloria, e pelos quaes, se póde dizer, que elle se tornára superior aos Hercules que a Antiguidade tanto celebrára.

Era o Infante, o 5.° filho d'El-Rei D. João I. e de D. Philippa de Lencastre, irmã de Henrique IV. Rei de Inglaterra. Elle tinha acompanhado seu pai na expedição que este levára á Africa; havia á vista d'este, assignalado seus primeiros annos, por muitas acções de valor. Mas o que era ainda mais estimavel, era o não querer elle utilisar o fructo de suas primeiras armas, por que considerando-se o Grão-Mestre d'uma Ordem, creada para o fim de combater os infieis, elle se julgava ainda mais obrigado a submettel-os a seu jugo suave, do que a procurar extender

os Estados dos Reis, seus predecessores. Instigado por tão nobres motivos, havia tomado, por devisa, estas palavras francezas *Talent de bien faire*, as quaes se viram depois muitas vezes gravadas em todos os paizes novamente descobertos, sob seus auspicios; ou fosse, por que quizesse com estas palavras d'uma lingua estranha testemunhar a sua estima para com uma nação, cujos soberanos elle considerava como tronco de sua familia, ou fosse por ter achado, na mencionada devisa, uma idéa que mais perfeitamente correspondia ao objecto de seus desejos.

Effectivamente persuadido, que um Principe deve, primeiro que ninguem, manter a superioridade de sua classe por meio das letras, elle reunio ás suas virtudes de piedade e de heroismo aquelles estudos e applicação que podião enriquecer um espirito que já se achava ornado dos optimos conhecimentos que as sciencias e as bellas letras fornecem; estudos que erão então bem raros, e que não obstante fazião o objecto da applicação dos Principes do seu tempo.

Elle se dedicou com especialidade, á Mathematica, e como esta conste de differentes ramos, se inclinou mais particularmente áquelle que melhor o podesse conduzir ao fim a que se propunha. Para mais facilmente o conseguir, entendeu, que devia affastar-se do tumulto da Côrte. Passou pois a estabelecer-se no Algarve, perto de Sagres, em uma de suas casas, a pequena distancia do Cabo de S. Vicente. Tendo-se alli entregado a uma agradavel solidão, a qual lhe era suavisada pela visita de alguns sabios, e pelo entretenimento de seus livros, elle se firmou cada vez mais na persuasão em que estava, ácêrca das noticias que obtivera dos mesmos Mouros, e das luzes que adquiríra pelo estudo da Geographia, que poderia conseguir-se o fazer alguns descobrimentos vantajosos, seguindo a costa d'Afri-

ca. Assegura-se que elle fôra ainda mais efficazmente fixado nesta idéa, segundo Odorico Reinaldi, por alguns francezes da baixa Bretanha, que tendo sido levados, pelas tempestades muito álem para o Occidente no mar Athlantico, e tendo ahi descoberto novas terras, derão-se pressa a virem a Lisboa, communicar-lhe as suas aventuras, e descobertas.

Era então a navegação, nestes mares, muito imperfeita. O terror que o aspecto do Occeano inspirava aos navegantes, e a ignorancia dos meios, que depois se obtiverão, de a tornar facil, fazião que elles se não atrevessem a affastar-se das costas. Alem d'isso, como nos Cabos ou pontas de terra, que entrão muito pelo mar, o concurso das aguas que de uma e outra parte se effeitua, torne ahi as vagas mais grossas, e se esteja mais exposto á agitação dos ventos, a difficuldade de os dobrar intimidava ainda os mais atrevidos. Um dos primeiros cabos d'Africa que se apresenta, da parte da Europa, parecia tão medonho, e d'um accesso tão difficil, que, por isso mesmo, lhe chamaram *Cabo de Não*, para que este nome significasse ou a impossibilidade que havia de o dobrar, ou a baldada e inutil esperança de voltar, no caso que se viesse a dobral-o.

(**1412**) Este perigo se tornava ainda mais horroroso, por um resto de opinião extravagante, transmittida desde a mais alta antiguidade. Das cinco zonas em que suppunhão dividida a terra estava-se na persuasão de que as duas temperadas, erão as unicas habitadas; que as duas extremas erão inaccessiveis por causa do intensissimo frio que ahi reinava; e que a torrida que está no centro era tão ardente pelos raios do sol, que parecia uma região de fogo; que as aguas que se lhe avisinhavão, ou se tornavão em torrentes de chammas, ou se consumião pouco a pouco pelo

excesso do calôr. Parecia-lhes observar isto mesmo, quando passavão álem dos Cabos proximos; pois que entrando nos golfos em que as terras são extremamente baixas, vião diminuir-se ahi as aguas, as quaes parecião ferver sobre os bancos de arêa, onde ellas se tornão mais agitadas que em outra alguma parte.

O Infante D. Henrique, que não acreditava taes quiméras, não deixava de empregar mui bôas rasões, a fim de dissipar tão falsas prevenções, como tambem não omittia nem diligencias para achar bons pilotos, e excellentes marinheiros, nem despezas para formar grandes armamentos, nem affagos e dadivas para recompensar uns e estimular os outros.

Perto de dez annos, comtudo, se havião passado, sem que alguma outra cousa se fizesse, mais do que dobrar o Cabo de Não, e passar mais álem umas trinta leguas até ao Cabo Bojador, assim chamado, por as terras ahi fazerem um grande circuito. Os Capitães de Navios sempre intimidados pela idéa do grande perigo d'estas viagens, se contentavão simplesmente com alguns desembarques sobre a costa, e orgulhosos por esse pouco que havião feito, voltavão mui contentes de si proprios e de suas expedições.

O Infante, dissimulando o que elle mesmo pensava de taes expedições, recebia-os sempre com affabilidade, e jámais descorçoava. Aquelles que pretendião achar o maravilhoso em todas aquellas cousas que envolvem novidade, asseveram que este Principe fôra induzido a começar esta empreza por inspiração Celeste, ou por algum sonho sobrenatural, e que por isso estava firme em proseguir em seus intentos. Mas, sem recorrer a prodigios, póde attribuir-se esta firmeza de caracter á alma nobre e naturalmente gran-

de, de que este Principe era dotado, à qual lhe não permittia ceder aos primeiros obstaculos, por invenciveis que elles parecessem.

Quiz o Céo recompensar sua constancia e inopinadamente effeituou o que não havião podido conseguir, nem a coragem, nem a habilidade dos pilotos. Dous fidalgos da sua Casa, por nomes João Gonçalo Zarco, e Tristão Vaz, tendo-se-lhe offerecido para dobrarem o cabo Bojador, e passarem mais além, para descobrirem novas terras n'um pequeno navio, que elle lhes fez equipar, forão surprendidos por uma violenta tempestade, que tendo-os arremessado para o alto mar, os forçou a abrigarem-se, na occasião em que se consideravão perdidos, n'uma Ilha, até então desconhecida, á qual, por isso que ella lhes serviu de porto de salvamento, pozerão o nome de *Porto Santo.*

(**1418**) Elles se derão pressa em trazerem a Portugal uma tão feliz noticia. O Infante consequentemente mostrou por ella uma alegria indesivel, e tendo dado graças ao Altissimo, equipou de novo trez navios, sob o commando dos mesmos, João Gonçalo Zarco e Tristão Vaz, aos quaes juntou Bartholomeu Perestêlo, fidalgo da Casa do Infante D. João, seu irmão. Esta segunda viagem foi ainda mais feliz que a precedente, pela descoberta da Ilha da Madeira, tão excellente por sua fertilidade, e actualmente tão famosa pela delicadeza de seus vinhos. Esta ilha não era então mais do que um espesso bosque, que visto desde a Ilha de Porto Santo, e parecendo no horizonte, como uma pequena negridão fixa, fez suspeitar a Zarco, e a Tristão, que podia ser terra, e em consequencia passaram a certificar-se. Elles lhe pozeram o nome de *Madeira*, por causa do espesso bosque que a cobria, e forão os primeiros que da mesma tomaram posse. O Infante, por consenso d'El-Rei seu pai, a dividio em duas Capitanias, com as quaes

gratificou estes dous fidalgos, tanto por esta descoberta, como pelos seus antigos serviços, pois que tanto um como outro se tinhão distinguido bastante na tomada de Ceuta, e no sitio de Tanger, onde seguiram o Infante, tendo merecido, pelos rasgos de bravura que alli havião mostrado, o serem por isso feitos cavalleiros.

(**1433**) O feliz resultado que, alguns annos depois, reinando El-Rei D. Duarte, obteve Gil Annes, dobrando o cabo Bojador, que até então se tinha considerado como a extremidade da terra, e cuja empreza se tinha por mais difficil do que na antiguidade parecera a conquista do Tosão d'Ouro, motivou que o vulgo renunciasse a seus primeiros êrros, e que se augmentasse cada vez mais a coragem dos Portuguezes. Então se observou concorrerem de todas as partes, tanto de dentro do Reino, como de fóra d'elle, individuos de todas as classes, a offerecerem seus serviços ao Infante, para hirem descobrir, e povoar as novas terras descobertas, attrahidos tanto pelo modo affavel e gracioso com que era por elle acolhida esta especie de requerentes, como pela lisongeira esperança das grandes vantagens que de taes emprezas contavão colher.

Não obstante, como em todo o Estado ha sempre homens demasiado prudentes ou demasiado timidos, para quem as novidades servem de ciume, e se tornão suspeitas, não faltavão estes em Portugal e principalmente entre os grandes, que parecendo declamar com razão contra o que se praticava, tomavão a liberdade de condemnar estes novos estabelecimentos, e de exprobrar, assaz alto ao Infante tanto a sua conducta, como seus projectos,

Elles levavão a mal: «que em quantó se esgotava «o Estado de homens e de dinheiro para sustentar a guerra «contra os Mouros, e manter-se nas conquistas d'Africa, da

« parte de Ceuta e de Tanger, se promovesse ainda uma
« maior perda, expondo aos perigos d'um mar terrivel por
« suas borrascas, tormentas, e por sua vasta extensão,
« tão grande numero de bons subditos, que podião ser me-
« lhor empregados, a bem do mesmo Estado, fornecendo-
« se-lhes ahi terras, grande parte das quaes estavão rotea-
« das, e que se tornarião mui productivas, se fossem bem
« cultivadas. Que nenhuma esperança havia de se poder ti-
« rar alguma vantagem certa d'essas terras desconhecidas,
« que os ardores do Sol indubitavelmente tornavão inhabi-
« taveis, e que não podião ser mais do que areáes ardentes,
« semelhantes aos desertos da Lybia. Que se taes paizes ti-
« vessem offerecido alguma vantagem real nos tempos anti-
« gos, seus antepassados, desde os Romanos e Phenicios,
« não deixarião de ter tentado esta especie de descobertas;
« e que a circumstancia de o não terem feito, determinava
« um verdadeiro preconceito e um indicio da vaidade, e li-
« geireza de tão quimericos projectos. Que ainda quando,
« de futuro viesse a colher-se algum fructo, este, como
« incerto e remoto, de fórma nenhuma poderia compensar
« um mal presente e certo, o qual não deixava de se tor-
« nar ainda mais sensivel pelo grande numero de naufragios
« que tinhão lugar, os quaes enchião as familias de luto
« e de dôr, multiplicando cada dia o numero das viuvas, e
« orfãos. Que se tão grande era o zêlo do Infante pelo bem pu-
« blico, devia elle empregar todos os seus esforços em fazer
« rotear as terras que El-Rei seu pai, lhe doára, e con-
« formar-se com o modo de pensar d'este principe, cujo
« exemplo parecia condemnar a conducta do Infante, pois
« que tendo dado, para serem roteadas, terras no Reino a
« um senhor Alemão, e a outras familias, vindas do Norte,
« bem mostrára com isto estar longe de permittir, que seus
« subditos sahissem d'elle, para hirem estabelecer-se além
« dos mares.

(**1438**) Estas rasões, posto que especiosas, não deixaram comtudo de fazer impressão no animo dos povos, de sorte que ellas attrahiram ao Infante certa especie de perseguição, que o não intimidou, e que elle julgou dever desprezar, como discursos populares. Nem El-Rei D. Duarte, que succedêra a El-Rei D. João I., fez caso algum d'elles; ao contrario, a fim de animar mais o Infante, lhe cedeu durante a vida d'este, o dominio das Ilhas de Porto Santo, e Madeira, e de outras terras que elle houvesse de descobrir sobre a Costa Occidental; destinou especialmente, com o beneplacito dos Soberanos Pontifices, a jurisdicção espiritual da Ilha da Madeira á Ordem de Christo. Esta doação foi depois confirmada pelo Infante D. Pedro, irmão do Infante D. Henrique, e Regente do Reino, na menoridade d'El-Rei D. Affonso V. seu sobrinho. Em consequencia d'esta doação, o Infante fez edificar n'aquella Ilha duas Igrejas; uma dedicada a Nossa Senhora do Calhão, e outra sob o nome de Nossa Senhora da Ascensão; esta segunda foi depois erecta em Archiepiscopal, e gosou por alguns annos da prerogativa de Primaz das Indias.

(**1440**) Para mais se authorisar ao proseguimento de suas descobertas, o Infante encantado com a vista de alguns escravos, que Antonio Gonçalo, e Nuno Tristão, tendo navegado até ao Cabo Branco, lhe trouxerão, e que erão as premissas d'estes paizes, resolveu mandar um Enviado ao Papa Martinho V., que então occupava a Cadeira de S. Pedro, afim de lhe communicar os seus descobrimentos, e de obter d'elle, em consequencia, algumas graças, em vista das grandes vantagens que de taes descobrimentos podião resultar a bem da Religião, e honra da Santa Sé. Elle lançou suas vistas, para esta commissão, sobre Fernando Lopes de Azevedo, Cavalleiro da Ordem de Christo, e depois Commendador da mesma Ordem, o qual gosava já do titulo de Conselheiro d'El-Rei, e era um indi-

viduo recommendavel pela authoridade que sua rara prudencia lhe adquiríra.

Este Enviado tendo sido admittido á presença de Sua Santidade, lhe fez sentir, em pleno Consistorio, com bastante força e energia, as infinitas obrigações de que a Igreja era devedora ao Infante seu Amo. « Elle manifestou « mui pomposamente o zêlo d'este Principe, que, havia mais « de vinte annos, fazia as maiores despezas para descobrir « paizes immensos, cujos habitantes sendo o ludibrio da « ignorancia e do êrro, gemião, havia muitos seculos, sob « tyrannico jugo do demonio, escravos do Mahometismo « e da idolatria. Que o principal objecto, a que o Principe « se propozéra em seus trabalhos, fôra a gloria de Deus, a « propagação da Fé, e o engrandecimento do gremio da Igre- « ja. Que a Nação Portugueza consagrando os seus bens e « a propria vida, exposta a tantos naufragios e a todos os « perigos imaginaveis, o Principe rogava a Sua Santidade « Houvesse por bem animar, e reconhecer o zêlo que esta « Nação manifestava pela propagação da Fé, concedendo á Co- « rôa Portugueza a posse de todas as terras, que viessem « a ser descobertas ao longo da Costa d'Africa até ás Indias « inclusivè; por isso que se devião reputar possuidores in- « justos todas as nações infieis que ahi se achavão estabe- « lecidas, e cuja salvação sómente Portugal procurava pro- « mover. Que Houvesse Sua Santidade de prohibir a todos os « Principes Catholicos com a cominação das penas canonicas, « as mais severas, de embaraçarem os Portuguezes em suas « emprezas, e de os perturbarem de qualquer fórma que « fosse, ou de pretenderem estabelercer-se nos paizes que « os Portuguezes tivessem descoberto, e que, por esse fac- « to, viessem a adquirir. Finalmente, que, como se tratava « do bem, e salvação das almas, abrisse Sua Santidade os « thesouros da Igreja, e diffundisse suas graças sobre aquel- « les subditos Portuguezes, que entregando-se á mercê do

« terrivel elemento, se expunhão a mil generos de morte» « e a perecerem longe da sua patria, de sua familia, e de « todos os soccorros espirituaes e temporaes, que elles te- « rião achado em suas casas. »

Este discurso de Azevedo, e as individuações, de que elle o acompanhou, fizerão grande impressão nos animos do Summo Pontifice, e do Sacro Collegio, os quaes não deixaram de conceber grandes esperanças relativamente á Religião, e de certo se não enganaram em suas conjecturas. Em consequencia, Sua Santidade, de acordo com os Cardeaes, fez expedir uma Bulla, da fórma e theor que o Infante desejava, pela qual concedeu livremente á Corôa de Portugal o soberano dominio de todas as terras, que os Portuguezes viessem a descobrir até ás Indias inclusivamente, ameaçando de proceder, por via de censura, contra os que os perturbassem, ou suas conquistas, como contra usurpadores, rectificando tudo quanto El-Rei D. Duarte fizera a favor do Infante e da Ordem de Christo; ajuntando depois muitos privilegios, graças, e indulgencias especiaes a favor dos navegantes e de algumas Igrejas que o Principe fundára nos paizes descobertos. E com isto se retirou o Enviado mui satisfeito do resultado da sua commissão. Estas doações e privilegios forão depois confirmados, e ampliados pelos Papas Eugenio IV., Nicoláo V. e Sixto IV., etc.

(**1444**) Como por esta parte ficassem satisfeitos os desejos do Infante, segundo as suas intenções e os seus *descobridores* fizessem sempre progressos mais consideraveis, cessaram as murmurações dos cortezãos. Os povos susceptiveis de novas impressões, que a serie dos acontecimentos lhes determinava, começaram a fazer-lhe mais justiça. Por toda a parte retumbavão os elogios á Nação Portugueza. Portugal foi desde então olhado, como um paiz restaurado do

estado de abatimento, e de prostração, a que o havião reduzido as guerras de Castella, e de Africa. Viu-se augmentar o numero dos que ambicionavão servir sob seus auspicios. De toda a parte, e do centro mesmo da Dinamarca concorrêram estrangeiros a offertar-lhe seus serviços, e a pedir-lhe empregos ou terras que cultivassem nos paizes novamente descobertos. Mas a circumstancia que se lhe tornou de mui grande vantagem foi, que tendo até então sido o Estado sómente, o que sustentava toda a despeza dos armamentos, cujo proveito estava longe de igualar o desembolso, começaram a formar-se sociedades, e companhias commerciaes, as quaes pagando certos direitos que El-Rei lhes impozera, ou sob outras condições, se encarregavão de toda a despeza das expedições maritimas.

Foi a Cidade de Lagos a primeira que armou seis caravellas, commandadas por um official, por nome Lançarote, o qual havia servido na caza do Infante.

Pouco tempo depois, fez a mesma cidade um segundo armamento de quatorze caravellas, sob a conducta do mesmo chefe. Concorrêram ainda para este, diversos proprietarios, cujos mais consideraveis forão Gonçalo de Cintra, Soeiro da Costa, Alvaro de Freitas, e Rodrigo Annes; de sorte que em muito pouco tempo se apromptaram vinte e seis ou vinte e sete embarcações em estado de darem á vella, e que effectivamente navegavão. Como porém sobreviesse um temporal, as caravellas, que formavão a expedição de Lagos, se dispersaram, e outros vasos, que as acompanhavão, mas que não seguião para o mesmo destino, forão arribar a differentes pontos da Costa d'Africa, desde o *Cabo Branco*, *rio do Ouro* e Ilhas de *Arguem* até *Cabo Verde*, álem do qual se não havia ainda então passado. Alguns d'elles tocaram nas Canarias, e aportaram á ilha de Goméra, (*)

(*) Uma das Canarias, situada entre a Ilha de Ferro

onde os habibantes os receberam com a maior affabilidade, lhes pediram que os auxiliassem contra os insulares de Palma, com os quaes estavão em guerra, o que teve lugar, e regressando d'esta expedição para Goméra, levantaram ferro, e voltaram para Portugal.

O Oceano Athlantico está semeado de Ilhas que se extendem muito álem pelo mar dentro ao longo da Costa d'Africa. D'algumas d'ellas tiverão conhecimento os antigos, das quaes nos deixaram uma idéa confusa, debaixo dos nomes de *Fortunatæ*, *Gorgones*, *Hesperides*, *Cassiterides* (*). Mas desde o principio do christianismo se havião ellas absolutamente perdido de vista, e passaram inteiramente por ignoradas até ao seculo XIV., em que começaram a ser descobertas por aventureiros genovezes, malhorquinos, castelhanos, biscainos, francezes, e inglezes. Os biscainos forão os primeiros que fizerão uma tentativa sobre a Lancerota, uma das Canarias, d'onde trouxerão setenta escravos e alguns generos do paiz. D. Luiz de Lacerda, Conde de Clermont, Principe de linhagem hespanhola e franceza, sobrinho de João de Lacerda apellidado o Principe desherdado, e que a si proprio se denominava Principe da fortuna, pareceu desejar estabelecer-se alli. Para esse fim, se dirigiu a El-Rei de Aragão, e depois ao Papa Clemente VI. o qual o coroou, em Avinhão, Rei das Canarias, e lhe deu o dominio d'estas Ilhas com a condição de as conquistar, e de fazer ahi prégar o Evangelho. Este Principe, porém, preferindo áquelle titulo alguma outra cousa que lhe assegurasse

e a de Tenerife; tem 22 legoas de circuito com um porto e uma pequena cidade. E' hoje fertil em grãos, fructos, e vinhos.

(*) Fortunatæ insulæ, erão as que hoje se conhecem sob o nome de ilhas Canarias. Gorgones insalæ, Hesperides insulæ, as Ilhas de Cabo Verde: e Cassiterides insulæ, ilhas do Occeano Occidental.

maior estabilidade, procurou empregar-se em França, onde fez grandes serviços na guerra, que esta potencia então trazia contra a Inglaterra. Os Reis de Portugal, e de Castella aquiesceram áquella doação do Papa, como o prova Reynaldo. Mas comtudo ambos se queixavão, de que semelhante doação se tivesse feito, sem que o soubessem, e com prejuizo seu. O primeiro pretendia que as Canarias lhe pertencião por terem sido descobertas por Portuguezes; o segundo fundava-se em ter um direito mais natural e mais immediato á conquista d'Africa, de que as Canarias erão uma dependencia.

O primeiro que se estabeleceu nestas Ilhas do Oceano Athlantico foi um francez, por nome João Betencourt, homem de qualidade, que havia cedido de suas terras de Betencourt e de Graninville a favor de Roberto de Braquemont, seu primo, Almirante de França, o qual como seguisse em Castella o partido de Henrique o Magnifico, e lhe tivesse feito grandes serviços para o collocar no throno de Pedro o Cruel, obteve d'aquelle principe as Canarias com o titulo de Rei para João de Betencourt, seu parente. Este ultimo conquistou algumas d'estas Ilhas, mas não conseguiu senhoriar-se da grande Canaria. Vindo a faltarem-lhe os fundos necessarios, tornou a passar á Europa, deixando alli Massiot de Betencourt, seu sobrinho, para este lhe conservar suas conquistas. Massiot como se indispozesse com o Bispo ou Vigario Geral que João de Betencourt para alli levara, desgostoso álem d'isso pela grande demora que seu tio tinha em França, onde se conservára não só por suas molestias, mas por que El-Rei lhe manifestára precisar de seus serviços, e não podendo alli manter-se por mais tempo, tratou com o Infante D. Henrique em lhe ceder todos os seus direitos sobre as Canarias, e de receber d'este, em troca, algumas terras na Ilha da Madeira, aonde sua familia passou depois a estabelecer-se, e se alliou com a de

Gonçalo Zarco, o qual possuia a principal Capitania da ilha.

O Infante, apoderando-se d'aquellas Ilhas, em consequencia d'este ajuste, o qual contribuia para facilitar mais as suas descobertas, animou-se d'um maior zêlo para terminar as conquistas das mesmas, e para ahi estabelecer a Religião Christã. E para obter tal fim, fez um poderoso armamento em 1424 para alli transportar 1:500 infantes, e 120 cavallos, cujo commando deu a Fernando de Castro, mordomo mór da sua caza. A pobreza d'estas Ilhas, que não podião prover á sustentação de tanta gente, fez que o Infante tivesse enormes perjuizos com esta expedição, da qual apenas lhe resultou a consolação de promover a conversão d'estes povos ao Christianismo. — Foi este o unico fructo que então se colheu de tal expedição, porque os Reis de Castella, havendo retomado estas Ilhas, como pertencentes de direito á sua corôa, pois que na realidade Betencourt não havia feito a conquista d'ellas senão pelo auxilio dos Castelhanos: ellas forão cedidas aos Reis Catholicos, em virtude de um tractado entre Castella e Portugal.

Os cuidados que empregava o Infante por fazer florescer o commercio nos paizes novamente descobertos, ou para fundar solidamente suas Colonias, erão infinitos. Os navegantes, que partião de ordem sua, nunca tocavão em parte alguma d'estas Ilhas desertas, que ahi não lançassem algumas cabeças de gado, e outros animaes domesticos, os quaes multiplicando, sem obstaculos, facilitavão a subsistencia áquelles, que depois hião alli estabelecer-se. Pode fazer-se idéa de sua solicitude, por tudo o que elle obrou, a favor da Ilha da Madeira, porque não contente, além da escolha que fazia dos individuos, que para alli se mandavão, para a habitarem, de a fornecer de toda a sorte de artistas; mandou buscar ás Ilhas de Chypre e de Sicilia

cannas de assucar, e ás Ilhas do Archipelago, videiras das melhores vinhas de malvazia, as quaes fez para alli transplantar. Estas transplantações derão-se tão bem, que passados uns vinte e cinco annos, a Ilha se achou em estado de manter, álem dos habitantes, uma guarnição de oitocentos homens. Segundo affirma Barros, já em seu tempo, o quinto sómente do que esta produzia em assucar para a Ordem de Christo, montava, em alguns annos a mais de sessenta mil arrobas.

Pelo que respeita ao commercio da Costa d'Africa, affirma Alviso Cadamosto, um dos *descobridores* do Infante, que o trafico que se fazia nas Ilhas d'Arguem, permittia trazer para Portugal de setecentos a oitocentos escravos, annualmente. O ouro em pó que se extrahio do Rio d'Ouro foi igualmente em tanta abundancia, que El-Rei D. Affonso V. mandou cunhar uma bella moeda, á qual por causa das cruzadas que o Papa Calixto III. fizera publicar, e a que este Principe, por voto, se obrigára, chamados cruzados.

Este commercio no seu principio offerecia difficuldades, não só por ser a Costa d'Africa inhabitada até muito álem do *Cabo Branco*, onde começa um deserto de arêas ardentes, da extensão de mais de sessenta jornadas de cavallo, até ao paiz dos negros com o qual confina, de sorte que se gastava muito tempo para alli chegar; mas álem d'isso pelos inconvenientes inevitaveis, que a novidade d'esta especie de estabelecimentos traz sempre comsigo.

Os negros, que erão uns povos miseraveis, andando quasi nús, habitando uma terra esteril e arenosa, vivendo sem leis apparentes, tendo sómente por moradas algumas choupanas, e por sustento um pouco de milho, o leite extrahido de seus rebanhos, e algumas carnes ou peixes desecados ao sol, não tinhão tido, até então, mais do que um pequeno commercio, por terra, com os Mouros bar-

barescos. Estes, viajando por caravanas, chegavão até aos reinos de Tombuctú, e de Melli, onde commerciavão com os negros, tomando-lhes o sal, o marfim, o ouro, a pimenta, e os escravos, em troco de cavallos e de alguns outros generos havidos do Reino de Granada, da Sicilia, e de Tunes. Estes negros que nunca havião visto, antes dos Portuguezes, europeus alguns, ficaram estupefactos ao primeiro aspecto de seus navios, porque admirados d'um espectaculo tão novo, ora os tomavão por corpulentas aves, ou por enormes peixes, conforme os navios tinhão içadas ou amainadas as vellas; ora considerando o espaço que os mesmos navios havião percorrido, durante a noite, elles imaginavão, que erão fantasmas e duendes que lhes motivavão estas illusões. A presença dos Portuguezes, que havião desembarcado naquella Costa, lhes servio d'um novo objecto de admiração. Estes homens, que vião tão differentes d'elles proprios, por estarem vestidos de ferro, e levarem entre mãos o raio e o trovão, augmentavão o seu terror e o seu espanto. De outra parte, os Portuguezes não entendendo a lingua do paiz e não podendo fazer-se entender dos indigenas, empregavão, posto que debalde, as caricias para os restabelecer do seu primeiro espanto, e se vião obrigados a recorrer ao meio da força e da violencia, para arrebatar alguns d'elles, e trazel-os de amostra para Portugal. Isto acabou de os aterrar, e de os consternar; e particularmente quando os Portuguezes davão fogo com seus canhões e seus arcabuzes, e os pobres indigenas vião cahir seus companheiros a seus pés mortos, sem perceberem cousa alguma, que tivesse podido tocal-os, ou offendêl-os.

Os escravos sendo muito bem tratados, e aprendendo a lingua Portugueza, forão mandados novamente para o seu paiz, e servindo d'interpretes começou desde então a ter lugar um commercio regular entre estes povos, e os Portuguezes.

El-Rei D. Affonso V. a fim de formar este commercio estabeleceu uma feitoria, na Ilha d'*Arguem*, onde este Principe, ou, conforme outros, o Infante, tinha feito construir um Forte. Concedeu-se o Commercio exclusivo da Ilha a Fernando Gomes, por espaço de cinco annos com condições mais vantajosas para elle, do que para a Corôa, como d'ordinario acontece com semelhante especie de contractos. Fernando Gomes se obrigou além d'isso, a continuar o descobrimento da Costa, umas cento e cincoenta milhas mais além do cabo da *Serra Leôa*, onde havião terminado os descobrimentos de Pedro de Cintra, e de Soeiro da Costa. Por esta convenção feita com o Governo, e que foi renovada, e prorogada por muitos annos, se tornou Fernando Gomes poderosamente rico. Pela sua parte não deixou elle igualmente de prestar grandes serviços ao Estado, servindo-lhe de grande auxilio em diversas urgencias do mesmo, pelo que El-Rei o ennobreceu, permittindo-lhe tomar, por armas, um escudo em campo de prata, com trez cabeças de Mouros, de ouro, com trez argolas de prata, uma no nariz e duas nas orelhas. Permittiu-lhe igualmente o usar do appellido da *Mina*, nome do porto que elle estabelecêra, e onde se fazia o maior commercio d'estes paizes de ouro em pó. As descobertas forão, por seu zêlo e actividade, levadas até ao cabo de *Santa Catharina*, a 2° e 30′ de latitude austral.

El-Rei D. Affonso V. subio ao throno, na idade de seis annos; o governo na sua menoridade foi excellente, pela sabedoria do Infante D. Pedro, seu tio, que lhe fez esposar sua filha. Este matrimonio foi funesto a ambos, elle dispertou o ciume de D. João, irmão de D. Pedro, de sorte que este julgou por conveniente depôr as redeas do Governo nas mãos de seu pupillo. Este infeliz Principe, vindo do seu retiro para a Côrte, a fim de se justificar, teve a desgraça de morrer, com as armas na mão, contra seu

Rei, e seu genro; e por um d'esses golpes que se não podem prevêr, nem evitar. A guerra que D. Affonso V. fez contra Castella, por disputar a sua successão; a que sustentou em Africa, posto que com melhor exito; a prevenção de que elle se deixou possuir, relativamente á Cruzada que o Papa Calixto III publicára, todas estas cousas prejudicaram grandemente o progresso das novas descobertas, que terião caminhado com maior actividade, e feliz resultado, a não existirem os mencionados obstaculos.

Pelo que respeita ao Infante D. Henrique, quaesquer que fossem os desgostos que lhe occasionassem as desordens domesticas, e os poucos meios de que podesse dispôr o Estado, elle obrou sempre com a maior efficacia possivel, accommodando-se ao tempo e ás circumstancias, sem comtudo afrouxar em seu zêlo pelo proseguimento das descobertas. E sem embargo de ter adoptado, per simples affeição, o Infante D. Fernando, seu sobrinho, irmão d'El-Rei D. Affonso, e de se ter por consequencia despojado, a favor do mesmo, de quasi todos os direitos, e rendimentos sobre as novas descobertas, D. Henriqne auxiliou sempre, quanto poude, seu joven pupillo, sem jámais abandonar aquella obra até á sua morte, que teve lugar em 13 de Novembro de 1460, tendo empregado quarenta e dous annos nos uteis e gloriosos trabalhos d'estas descobertas.

O immortal Infante D. Henrique, quinto filho d'El-Rei D. João, nasceu na Cidade do Porto a 4 de Março de 1394. Foi o primeiro, que saltou em terra na conquista de Ceuta. Deu grandes provas de valor na jornada de Tanger em que foi nomeado General por seu irmão D. Duarte em 1437, dando o maior exemplo de amor fraternal, que rendo ficar em refens em lugar de seu irmão o Infante Santo D. Fernando. Pelos seus profundos estudos, e sérias applicações, deixou descobertas, e por suas diligencias, tre-

zentas e setenta legoas de Costa, por tanto espaço de terras, quantas ha desde o Cabo Bojador até á Serra Leôa, além de muitas Ilhas no Oceano, Athlantico, e Ethiopico, com que mostrou ao mundo os antipodas, e habitada a Zona torrida, de que tanto se duvidava. Mereceu o titulo de — Protector dos Estudos de Portugal — pelas grandes doações, que fez á Universidade, que então residia em Lisboa. Exerceu os maiores cargos, como de General das Armas Portuguezas nas Costas d'Africa, Governador, e Administrador do Mestrado da Ordem de Christo, Duque de Viseu, Fronteiro Mór da Comarca de Leiria, Cavalleiro da Ordem de Jarretierre em Inglaterra por Henrique VI, Senhor da Covilhã, de Lagos e Sagres no Algarve, de cujo Reino foi Governador perpetuo, e tocando-lhes muitas rendas por estes empregos, todas applicava em beneficio commum, já premiando os benemeritos, já acodindo com esmollas a todos os necessitados. Falleceu na Villa de Sagres em idade de 67 annos a 13 de Novembro de 1460. Seu corpo foi primeiro depositado na Igreja principal de Lagos, e d'ahi trasladado para o Convento da Batalha, no anno seguinte, pelo Infante D. Fernando seu Sobrinho, a quem pouco antes havia constituido por herdeiro. A sua sepultura está junta da dos Infantes seus Irmãos, e é a segunda em ordem na Capella, que El-Rei D. João I. mandou fazer. Está representado sobre o tumulo em figura da mesma pedra, em relêvo, vestido de armas brancas, e coroado com Corôa Real, entretecida de folhas de carvalho, e uma rosa no meio; e tem nella trez escudos, o primeiro com as armas do Reino de Portugal, e as suas, e nos outros dous as insignias das Ordens, que professára.

O Infante D. Henrique era de estatura mediana; mas de boa presença, e d'uma compleição forte e robusta; seu rosto agradavel, os cabellos louros e um pouco crespos, seu ar grave e sevéro, que á primeira vista, parecia repul-

sar, mas esta apparente severidade era compensada por uma bondade rara, e uma alma candida, que era o effeito d'um genio docil e suave, da pureza de seus costumes, e do imperio que elle adquiria sebre suas paixões. Este imperio se manifestava em toda a sua pessoa, por uma piedade solida, uma ingenuidade sem suspeita, uma grande regularidade na conducta, e na sua propria casa, a qual parecia um mosteiro; tinha uma notabilissima modestia nas palavras, no vestir, na meza, e em seu Estado. Era liberal até á profusão, e fazia uma despeza verdadeiramente real em tudo o que dizia respeito ao progresso da Religião, á gloria da Nação, e ao bem do Estado. Amador das sciencias, e fazendo-se elle proprio tão distincto nellas, como na arte da guerra, em que muitas vezes déra provas de sua bravura, e de habilidade; elle derramou thesouros immensos, que se empregaram em attrahir de todas as partes homens habeis, que depois conservava, por meio de avultadas pensões, e além d'isso, em fundar academias, ás quaes franqueava o seu proprio palacio, e rendas as mais liquidas. Toda a nobre juventude de seu tempo lhe era devedôra de sua educação, e do gôsto que então adquiríra pelas sciencias. Elle não se contentou com fornecer-lhes os meios, procurando-lhes bons mestres; mas provia as necessidades da nobreza pobre, fazendo-os estudar á sua custa, e cuidando depois da fortuna dos mesmos, empregando-os. As despezas que fez para as suas descobertas, forão incalculaveis, fazendo sem interrupção; até seus ultimos momentos, uzo da propensão natural, que tinha de fazer bem, a fim de preencher, em todos os sentidos, a devisa que adoptára, exhaurindo-se a si proprio de seus bens, para um dia enriquecer o Estado; de sorte que Portugal póde, com justiça, consideral-o, como um dos seus mais abalisados Principes.

CAPITULO II.

ANNO DE 1481 A 1497.

D. João II succedendo a El-Rei D. Affonso V. prosegue nos mesmos projectos das descobertas d'este. Procura tomar posse de todos os paizes descobertos até ao cabo das Tormentas. Ajunta a seus antigos titulos outros que as novas descobertas lhe motivão. Conclue-se o estabelecimento de Arguem, e funda-se o de Mina. Projecta-se um 3.º estabelecimento entre os rios Gambea, e o Senegal. Causas que o embaraçaram. Bémoem, Chefe do paiz, é obrigado a abandonal-o, e vem a Portugal. Brilhante recepção que se lhe faz em Lisboa. E' convidado, e recebe o Baptismo. Faz El-Rei um consideravel armamento para enthronisar Bémoem;

quaes forão as suas vistas e como estas falharam. Diligencias que El-Rei emprega por deparar com os Estados do Preste-João, a fim de solicitar a sua alliança. Pedro da Covilhã chega á Côrte d'este. Torna-se a navegação mais facil pela invenção do Astrolabio, attribuida aos Portuguezes. Dias, e o Infante descobrem umas 350 leguas de novos paizes desde o Rio Zaire, onde toca o Reino de Congo, limite das descobertas por Diogo Cão, até ao Cabo das Tormentas. Trazem-se a Portugal alguns naturaes de Congo, e deixam-se outros tantos em refens neste Reino. O Rei d'este manda Embaixadores a Portugal a sollicitar a sua alliança, e voltão carregados de presentes para o seu paiz. Descreve-se a magnifica recepção de Rodrigo de Sousa na Côrte de Congo. Baptizam-se o Rei, a Rainha, e o Principe hereditario. Conjuração tramada contra a Religião nascente promovida pelo filho mais novo do Rei. Morre o Rei de Congo, cujo acontecimento motiva a guerra contra os dous irmãos. Apresenta-se Colombo em Lisboa offerecendo-se a El-Rei para lhe descobrir um Novo Mundo, cujas propostas são consideradas como quimericas. Colombo obtem da Rainha Isabel de Castella trez caravellas com que descobre as Antilhas. Volta á Europa com alguns naturaes, e muitos generos do paiz. Grandes aprestes para nova expedição, e motivos que fizeram suspendêl-a. Morre El-Rei D. João II.

(**1481.**) El-Rei D. João II. tendo succedido a seu pai, El-Rei D. Affonso V.; logo que se sentou no throno, entrou com calor nas vistas dos Reis seus predecessores e do Infante D. Henrique, seu tio. Além de ser dotado

d'uma alma grande e nobre, e de se não mostrar menos zeloso pela Religião, do que pela gloria dos Estados, de que elle se considerava senhor, sabia ainda, por experiencia propria, quão vantajosos erão os fructos que Portugal começava a recolher das novas descobertas; porque quando elle era ainda simplesmente Principe dos Algarves, e herdeiro presumptivo da Corôa, uma parte das rendas de seu bolsinho erão provenientes dos productos do commercio feito com os paizes novamente descobertos, e estabelecidos. Assim, inteiramente convencido da utilidade d'este commercio, nada omittio para o sustentar, e animar d'uma maneira estavel.

No principio dos estabelecimentos, os primeiros *descobridores* se contentavão com fixar cruzes nas praias onde tomavão terra, e de gravar nas arvores proximas a devisa do Infante, os nomes que elles davão a estas novas terras, e ainda mesmo as noticias e avisos que desejavão transmittir. Mas, no reinado d'este Principe, começaram a erigir-se por toda a parte pilares de pedra, (tendo em cima uma cruz) em que estavão esculpidas as armas de Portugal, o nome do Principe Reinante, o do capitão que fizera a descoberta; e o anno e dia em que esta tinha lugar, a fim de que servissem de auto, e de testemunho authentico de posse, realmente tomada, de todos estes paizes em nome de El-Rei e da Corôa de Portugal. Este Principe fez collocar até nove d'estes pilares ao longo da Costa d'Africa, interiormente até ao *Cabo da Bôa Esperança*, onde terminaram as descobertas feitas em seu tempo.

Poucos annos depois, D. João II. ajuntou aos seus titulos o de — *em Africa Senhor de Guiné, da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia* — e a fim de assegurar effectivamente alli o seu dominio, ordenou, que se concluisse o Forte da Ilha d'*Arguem*, que se havia começado poucos an-

nos antes; e fez construir outro ainda mais consideravel, em S. Jorge da Mina, onde se fazia o maior trafico de ouro em pó.

A frota que se destinou para a construcção do Forte da Mina compunha-se de dez caravellas, duas urcas, e outro vaso menor. Esta frota transportava a cantaria, tijolos, madeiras e todos os demais materiaes necessarios para a fortaleza que se projectava levantar; e além d'isso, munições de guerra e boca, necessarias para seiscentos homens, entre os quaes havião cem gastadores e artifices. O menor dos navios era destinado a fazer a pésca sobre a costa, e a se aproximar, o mais possivel, da terra nas enseadas, onde as urcas e as caravellas não podião entrar.

D. Diogo de Azambuja, homem de merito e de experiencia, que El-Rei escolhêra para Commandante em Chefe d'esta frota, tendo dado á véla em 11 de Dezembro de 1841, procurou tocar em *Bezeguiche* para confirmar um tractado feito com o soberano d'aquella costa. Pedro d'Evora, capitão do pequeno navio que para esse fim se havia adiantado da frota, concluio felizmente esta negociação. Proseguindo a frota d'alli em sua derrota, chegaram á Mina em 19 de Janeiro do anno seguinte. Aqui achou D. Diogo de Azambuja, muito a proposito, um pequeno navio portuguez pertencente ao Estado, cujo commandante que negociava com os indigenas, serviu de interprete, para fazer saber ao senhor do lugar a chegada do General, e o desejo que este tinha de conferenciar com elle.

Caramansa, assim se chamava o senhor d'esta povoação de negros, tendo-se mostrado satisfeito, pela chegada do General Portuguez, este desembarcou e ganhou immediatamente uma altura proxima da povoação, que lhe parecêra propria para ahi construir a fortaleza. Fez levantar,

na mesma altura, a bandeira e as armas portuguezas, e tomou posse d'ella em nome de El-Rei seu amo, e junto de uma grande arvore fez erigir um altar, em que se cantou a primeira missa, que se dissera nestes paizes. Todos os circumstantes derramavão lagrimas de devoção, de alegria, e de esperanças, por verem entrar o Evangelho nestas terras, onde até então sómente havião reinado a idolatria e a superstição.

A entrevista do General Portuguez e do Principe dos negros teve lugar com a maior ostentação possivel. Cada um d'elles affectou de dar uma idéa de si, por meio de toda a magnificencia de que era capaz, posto que o sequito de parte a parte fosse pouco numeroso. A côrte do negro nenhuma impressão fez no animo dos Portuguezes; mas a ostentação d'estes, ao contrario, deixou deslumbrados os negros, os quaes não havião ainda visto um tal apparato.

Depois das primeiras ceremonias e cumprimentos, D. Diogo de Azambuja fallou com bastante emphase d'esta maneira: « Senhor, El-Rei meu amo, sabendo com o maior « prazer a facilidade com que os seus subditos fazem o com- « mercio nesta parte d'Africa que vos é sujeita isto pela « benevolencia com que vos dignaes acolhel-os, quer pela « sua parte, agradecer-vos tão grande serviço, por meio « d'um beneficio tão assignalado, que este seja, por si só, « a digna recompensa de todo o bem que elle de vós tem « recebido e da boa vontade com que continuareis a fazer- « lho. Este beneficio consiste em vos informar que ha um « Deus, Senhor e Creador do Universo, Remunerador dos « que crêem em Seu Nome, e o servem com fidelidade. To- « dos os potentados da Europa reconhecem este Deus de « Magestade, e se submettem ao suave jugo de sua Lei. « Se vós quizerdes reconhecel-o, e receber o Santo Baptis- « mo, como uma profissão publica d'esta Lei, El-Rei meu

« amo, vos considerará como seu irmão, e seu alliado, « pois que ambos ficarão unidos pelo mesmo laço da Reli- « gião, e ambos participarão, no Céo, d'uma eterna feli- « cidade. Nesta qualidade, elle celebrará comvosco um « tratado de alliança offensiva e deffensiva contra vossos ini- « migos communs; fará comvosco uma especie de sociedade- « de e de communidade de bens, fazendo transportar para « vossos Estados todas as riquezas dos seus. Mas para que « isto tenha lugar, exige a segurança de ambos, que vós « consintais, em que fundemos um estabelecimento perma- « nente em vossos Estados, o qual possa servir de refugio « áquelles de seus subditos que elle mandar a estes paizes, « a fim de que vós tenhaes sempre á mão os Portuguezes, « n'um lugar que possa servir-lhes de asylo, contra os vos- « sos e seus inimigos, e além d'isso de depozito para as « suas mercadorias. »

Caramansa, que tinha mais talento, e politica, do que ordinariamente se suppõe n'um negro, affectou uma gravidade pasmosa durante toda a conferencia, escutou o discurso do General com grande silencio e attenção, e depois de ter meditado profundamente, alguns instantes, respondeu em poucas palavras, e d'uma maneira obsequiosa para El-Rei de Portugal, e para aquelle que o representava; mas ao mesmo tempo nada decidiu sobre o objecto principal, que era a construcção da cidadella, em que o General tocára mui ligeiramente.

Diogo d'Azambuja que se persuadira ter percebido no Principe negro algum motivo de desconfianca, lhe replicou da maneira a mais conveniente, a fim de dissipar-lhe todos os receios. Então Caramansa, ou porque se convencesse, de que não podia oppôr resistencia a tanta gente, a qual facilmente lhe daria a lei, ou porque tivesse em vista considerações, ácerca d'algum interesse particular, tomou a sua

resolução, e batendo com as mãos juntamente com todos os seus, em signal de approvação, permittiu aquillo que estava convencido não poder recusar.

Logo ao amanhecer do dia seguinte, o General sem mais demora, fez que a sua gente pozesse mãos á obra, principiando por abrirem os alicerces da Praça; mas apenas os gastadores havião começado a cavar, e a tocar em certas pedras, consagradas pela superstição, immediatamente os negros pegaram em armas, e se pozerão em disposição de empecer-lhes o trabalho. Os animos se acaloraram, e teria occorrido alguma scena desagradavel, se D. Diogo, que então dava as suas ordens para o desembarque dos materiaes, advertido pelos seus interpretes de que naquella desordem tinha menos parte a Religião, do que o desprazer de se não terem ainda recebido os presentes devidos ao Principe, não corresse immediatamente a fazer suspender a obra, dirigindo á sua gente asperas reprehensões, em ar de tanta authoridade, e de indignação, que conseguiu acalmar aquelle motim. Os presentes forão logo levados ao Principe em grande pompa. Os Negros os receberam com alegria, e d'esta sorte vierão a vender, quasi sem o sentirem, uma liberdade que devia ser-lhes bem preciosa. Foi tal a actividade que depois se empregou, no trabalho da fortaleza, que em vinte dias ficou fóra de insulto. D. Diogo fez igualmente edificar uma Igreja no mesmo sitio, onde elle, á sua chegada, havia feito levantar um altar. Tanto a Igreja como a cidadella forão dedicadas a S. Jorge. Estabeleceu-se na primeira uma missa quotodiana e perpetua pela alma do Infante D. Henrique, e á seguuda concedeu El-Rei os privilegios de cidade. D. Diogo ficando alli com sessenta homens como guarnição da fortaleza, mandou embarcar todos os demais juntamente com o ouro, escravos, e outras mercadorias, que elle negociára para Portugal.

Alguns annos depois, El-Rei ordenou um consideravel armamento para outro estabelecimento que projectára fazer, na embocadura do Senegal, e que acreditava ser de maior importancia, mas que teve um mui differente resultado como a vamos a demonstrar. No numero dos povos que estão situados entre os rios Gambia e Senegal, os *Gelofos* (*) são os que ficão mais proximos ao mar, e por consequencia os mais conhecidos dos Portuguezes. O Principe que os governava, como estimasse muito pouco seus dous irmãos filhos do Rei defuncto, de alguma sorte abandonou o governo a um seu irmão uterino, por nome Bémohi, e se entregou, sem reserva, a todo o genero de vicios. A escolha d'um tal ministro foi infeliz. Bémohi tinha talento, e valôr. Para poder sustentar-se contra os Principes seus rivaes, se avisinhou ainda mais do mar, e se alliou estreitamente com os Portuguezes, os quaes se mostraram, por semelhante facto satisfeitos; elle não omittia meio algum de captar a sua benevolencia, facilitava de todos os modos possiveis o seu commercio, até chegava a pagar os cavallos que tinhão morrido na passagem, como se elles tivessem embarcado por sua propria conta. Tudo caminhou o melhor possivel, em quanto vivo o Rei, mas tendo este sido assassinado por intriga de seus proprios irmãos, Bémohi se viu repentinamente na necessidade de ter de sustentar uma grande guerra, e recorreu a seus alliados. El-Rei D. João lhe fez prometter, da sua parte, todo o auxilio, com tanto que elle se fizesse christão, e recebesse o baptismo; a esse fim lhe mandou Embaixadores, acompanhados de presentes, e de Missionarios. Bémohi prometteu fazer tudo quanto d'elle se exigia, observando comtudo, que a occasião d'uma guerra civil era inoportuna, para

(*) Estes povos, situados entre os dous mencionados rios, acham-se divididos em pequenas tribus, e fazem hoje com os Europeus o commercio de escravatura.

uma mudança, que naturalmente sublevaria contra elle, ainda mesmo muitos dos seus partidarios; mas logo que se visse pacifico possuidor de seus Estados, poderia então não só converter-se; mas faria com que a nação inteira abraçasse o seu exemplo.

Differiu assim este negocio, pelo espaço d'um anno, dando sempre boas esperanças. Entretanto a desvantajosa guerra que elle trazia, perturbava sobremaneira o commercio. Os negociantes portuguezes, que tão mal hião, representaram-no a El-Rei, o qual observando, que Bémohi não cumpria a promessa que fizera de abraçar o christianismo, ordenou a todos os seus subditos, sob as mais graves penas, de o abandonarem, e de voltarem para Portugal.

Bémohi que bem previa, que esta ordem d'El-Rei indubitavelmente seria a causa de sua perdição, fez esforços, obteve dinheiros de seus amigos, e solveu suas dividas. Observando porém, que não podia reter seus hospedes, fez embarcar com elles um seu sobrinho, encarregando-o d'um collar de ouro, e cem escravos escolhidos, de que fazia presente a El-Rei, a fim de implorar seu soccorro; mas elle não teve tempo de esperar resposta, porque foi batido, e com difficuldade se salvou na fortaleza de Arguem, onde embarcou para Portugal com vinte e cinco dos principaes de sua Côrte, que quizerão participar da sua sorte.

Constando a El-Rei a chegada de Bémohi, quiz recebêl-o, não como um chefe de barbaros; mas como um Soberano, tendo em vista dar á Europa um alto conceito das suas conquistas. — Bémohi conduzido ao Paço de Palmella, foi tratado com a maior magnificencia á custa d'El-Rei, em quanto se esperava o dia em que havia de fazer a sua entrada publica em Lisboa.

No dia aprazado para o recebimento, El-Rei e a Rainha, cada um em seu palacio separado, rodeados de numerosa Côrte das Damas e dos Grandes do Reino, todos ricamente vestidos, esperaram o Principe negro, que D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, tinha hido buscar, acompanhado de grande cortejo de jovens fidalgos. Bémohi, tendo atravessado d'esta maneira as ruas de Lisboa, que se achavão ornadas como para um dia de triumpho, entrou no palacio, e subiu á sala do throno. Logo que El-Rei o avistou, se descobriu um pouco, e deu alguns passos para a frente a encontral-o. Bémohi, pela sua parte, se prostrou aos pés d'El-Rei, apparentando tirar terra com as mãos, que lançava sobre sua cabeça, em demonstração de respeito, e de se reconhecer subdito. El-Rei, tendo-o levantado com ar gracioso, se encaminhou para o throno, e permanecendo de pé, e um pouco apoiado sobre elle, fez signal ao interprete, de dizer a Bémohi que fallasse. Bémohi, que era ainda joven, começou seu discurso com affouteza, e o continuou com tal graça e dignidade, sem omittir razão alguma, que podesse enternecer os corações de todos, relativamente ao actual estado de sua sorte, que El-Rei ficou commovido, e satisfeito das perguntas que lhe dirigiu, fez d'elle a idéa d'um homem cordato, e prudente. Passou depois Bémohi ao palacio da Rainha, beijou-lhe a mão e ao Principe heriditario D. Affonso, fazendo-lhe uma curta e bem clara arenga, em que lhe rogava a sua intercessão para com El-Rei, de quem unicamente podia esperar soccorro; sendo a final conduzido para o Palacio, que se lhe havia destinado, com o mesmo cortejo, e na mesma ordem com que viera.

(**1489**). Como El-Rei tivesse a peito a conversão do Principe africano, o primeiro passo que deu foi ordenar que junto á pessoa d'elle, se collocassem ecclesiasticos virtuosos, e sabios, que o instruissem, como igualmente a to-

dos os de sua comitiva no christianismo, o que lhe não foi difficil de obter; porque havia muito tempo que Bémohi tinha sido cathechisado, e agora era dominado d'um mui differente interesse d'aquelle, que até então o embaraçára de fazer o que d'elle se exigira com tanto ardor, de sorte que requerendo elle proprio calorosamente o baptismo para si e para os seus, forão immediatamente admittidos a receberem esta graça.

A ceremonia teve lugar com a maior pompa. Na noite de 3 de Dezembro de 1489, no Palacio da Rainha foi Bémohi apresentado á pia baptismal juntamente com dous dos mais qualificados de sua comitiva, por El-Rei, a Rainha, e o Principe, o Duque de Beja, que succedeu depois a El-Rei D. João II., o Nuncio Apostolico, e os Bispos de Tanger e Ceuta. O ultimo d'estes, funccionou, e foi ao mesmo tempo um dos padrinhos. Bémohi recebeu o nome de João, por ser este o d'El-Rei. Os demais forão apresentados por outros fidalgos, e fidalgas. No dia seguinte ao d'esta ceremonia nomeou El-Rei o Principe Africano cavalleiro, dando-lhe por armas, uma cruz de ouro em campo vermelho, guarnecida dos cinco escudos de Portugal. Pela sua parte Bémohi fez doação a El-Rei e á Corôa de seus Estados. O Nuncio Apostolico remetteu a Sua Santidade, como chefe da Igreja, uma circumstanciada relação de tudo o que se passára, e o auto authentico da obediencia do novo Principe christão.

Muitos dias duraram em Lisboa as festas pela entrada, e baptismo do Principe negro: tudo erão funcções, e divertimentos, fogos de artificio; illuminações, cavalhadas, corridas de touros, carreiras de cavallos e outros prazeres, que deslumbrando a vista d'estes pobres africanos, devião imprimir-lhes uma alta idéa da grandeza do magnifico Principe que tão bom acolhimeuto lhes fazia, em comparação de sua propria miseria.

Entretanto El-Rei, que pensava em mais ponderosos objectos que nos prazeres, fez armar a toda a pressa, vinte caravellas, bem providas de homens, armas, e munições de guerra e boca, e de todos os materiaes necessarios para levantar uma Fortaleza. Deu o commando d'esta frota a Pedro Vaz da Cunha, por alcunha o Bisegra. Nesta expedição hião alguns Missionarios, á testa dos quaes se achava o proprio confessor d'El-Rei, e o P. Alvares, da Ordem de S. Domingos, homem de grande erudição e ainda maior santidade. Todas as esperanças porém d'El-Rei falharam rapidamente, em consequencia de uma brutalidade das mais inauditas, porque apenas appareceu esta numerosa frota, que levou o terror a todo o paiz, e se lançaram os fundamentos da fortaleza, o Commandante em Chefe, que se desgostára de ter começado a obra em um máu terreno e que soffria por se ver obrigado a permanecer n'um paiz doentio, tendo-se aproximado de Bémohi o lançou ás punhaladas morto a seus pés, sob o falso pretexto de que elle conspirava para uma traição. Semelhante facto motivou grande agitação não só entre os negros, mas ainda entre os proprios portuguezes, o que foi de grande desprazer para El-Rei. Este comtudo o deixou sem mais vingança, do que a dos remorsos, que ella devia originar a seu author, punição assás dura para um homem de sentimentos, mas mui ligeira para o que é capaz de tal cobardia.

El-Rei além do desejo que tinha de repor no throno um Principe alliado, que lhe deveria a sua fortuna, se propunha a um maior objecto, que havia muito tempo revolvia em seu animo, qual era o de attrahir a seus Estados o commercio das Indias, e de procurar uma via que alli o conduzisse. Mathematicos portuguezes lhe asseguravão que não sómente esta empreza era possivel, mas além d'isso por mais de uma parte mui praticavel, pois que d'um lado elles affirmavão que se podia fazer o gyro de

Africa, e apresentavão uma Carta geographica, que o Infante D. Henrique recebêra das mãos dos Mouros, na qual se fazia vêr a derrota da India, e que o exito mostrou ser assás exacta. De outro lado estava então o mundo possuido da idéa d'um poderoso monarcha christão, conhecido sob o nome de Preste-João, cujos Estados erão então ignorados. Muitos, enganados por antigas narrações, e ainda mais pela de Marco Paulo Veneziano, os suppunhão mais para o interior da Asia; outros, ao contrario, os situavão onde elles realmente se achão na alta Ethiopia; e nas visinhanças do mar das Indias, acima das cataractas do Nilo, o que havia sido confirmado por alguns padres Abexins que havião passado á Hespanha, e por alguns religiosos europeos que fizerão a viagem a Jerusalem. Dominava a El-Rei um ardente e extraordinario desejo de se esclarecer sobre este assumpto, com o designio de contrahir alliança com aquelle Principe, a fim de acabar de o instruir na fé, de o submetter á obediencia do Vigario de Jesus Christo, e de estabelecer entre os seus Estados, e os d'aquelle Principe uma correspondencia mutua, cujos immensos bens elle previa, caso que elle podesse abrir-lhe um caminho para áquellas Indias tão desejadas, e que erão o objecto de sua maior sollicitude.

Tinha além d'isso algumas noticias de que pelos paizes, novamente descobertos sobre as costas d'Africa, seria facil penetrar nos Estados d'aquelle Principe. No anno de 1486 um Embaixador do Rei de Bénem, que viera com João Affonso de Aveiro, a fim de contrahir alliança com El-Rei de Portugal, de requerer pessoas que podessem prégar o Evangelho, e instruil o tanto a elle, como aos seus subditos no Christianismo, contava que, ao Oriente do reino de Bénem, para o interior das terras, na distancia de trezentas e cincoenta leguas, existia um Monarca poderoso, por nome *O'gano*, que tinha jurisdicção, tanto temporal como

espiritual sobre todos os outros Reis visinhos. Que o Rei de Benem e os outros, na sua elevação ao throno, lhe enviavão Embaixadores com ricos presentes, e d'elle recebião a investidura de seus Estados, cujas insignias reaes consistião n'um bordão á semelhança de sceptro; uma especie de capacete em lugar de corôa, e uma cruz de latão; que sem esta ceremonia, elles não erão reconhecidos como Reis legitimos: que os Embaixadores, durante todo o tempo que permanecião na Côrte d'este Principe, jámais o vião; que somente no dia em que lhes dava audiencia, deixava apparecer um dos seus pés, o qual elles beijavão com um respeito devido a cousa santa, e que á sua partida da Côrte se lhes lançava ao pescoço, em nome do Principe, uma cruz de latão, o que desde logo os punha em plena liberdade, os resgatava de toda a escravidão, e era para elles como uma ordem de Cavallaria, que os ennobrecia.

O mesmo, com pouca differença, havia contado Bémohi a El-Rei, dizendo-lhe que havia ao Oriente do reino de Tomboctú, muitos outros soberanos, mas com especialidade um, a quem elles chamavão Rei dos povos mosaicos, o qual nem era mahometano, nem idolotra; mas que professava uma lei que muito se assemelhava á dos christãos. El-Rei cujos ardentes desejos de penetrar até á Côrte do Preste-João, mais se inflammavão pela narração que lhe fazião d'aquelle Principe, se havia intimamente persuadido, que elle o poderia conseguir, subindo-se pelo rio Senegal, o qual segundo as conjecturas de seus mathematicos, sahia das mesmas montanhas, em que existem as fontes do Nilo para o interior das terras; pelo que ordenou, que logo que se concluisse a construcção da fortaleza, na sua embocadura, se subisse por elle o mais longe possivel. Mas como na discripção que se lhe fizera d'este rio, se affirmava haverem cataractas e saltos, semelhantes ás do Nilo, El-Rei ordenou que se rompessem essas cataractas

até que se chegasse á sua origem; mas cuja difficuldade, ou possibilidade, segundo todas as apparencias, elle não havia penetrado.

Havia alguns annos, que em consequencia das primeiras noticias, que se colheram, ácerca do Preste-João, El-Rei se havia resolvide a fazel-o procurar, tanto por mar, com por terra, até que se tivesse encontrado. Os primeiros dous individuos que elle para esse fim mandou, voltáram a Portugal, vindos de Jerusalem, sem que passassem mais adiante, por se lhes ter feito comprehender que sem o conhecimento da lingua arabe lhes seria impossivel, e mesmo inutil, continuarem sua viagem. Em consequencia do que, El-Rei expedio outros dous, que possuião perfeitamente esta lingua. Era um d'elles fidalgo de sua casa por nome Pedro da Covilhã, e o outro Affonso de Paiva. Elles receberam a sua commissão e cartas credenciaes em Santarem a 7 de Maio de 1487, achando-se presente D. Manuel, Duque de Béja, que succedeu a D. João.

Covilhã e Paiva dirigirão-se a Napoles, passaram d'alli á Ilha de Rhodes onde embarcaram para Alexandria; forão depois ao Cairo, donde continuaram seu caminho até Adem, cidade situada no golfo *Arabico*, acima da embocadura do mar *Vermelho*. Como tivessem alli chegado a tempo da monção, elles se separaram. Affonso de Paiva fez-se á vela em direitura á Ethiopia, e Pedro da Covilhã para as Indias. Este tocou em Cananor, passou a Calcutá, e a Gôa, onde embarcou para Sofala sobre a Costa Oriental d'Africa. D'alli voltou a Adem, e depois ao Cairo onde Affonso de Paiva, e elle, havião ajustado reunir-se. Tendo chegado a esta cidade, soube que Affonso de Paiva havia fallecido; mas encontrou alli dous judeus portuguezes com novas ordens que El-Rei lhe enviava, porque este Principe, a quem um d'estes judeus tinha dado uma mui exacta con-

ta do commercio de Ormuz, situada á entrada do golfo *Persico*, onde concorrião todas as riquezas das Indias, e d'onde depois se transportavão para a Syria e para o Egypto, a fim de passarem depois á Europa, resolveu enviar este judeu, e seu companheiro, com novas instrucções para Pedro da Covilhã, pelas quaes lhe ordenava de mandar o segundo d'estes judeus com uma exacta e detalhada relação de suas viagens, de se dirigir com o primeiro até Ormuz, e em fim de continuar constantemente as suas investigações do Preste-João, não descançando em quanto o não encontrasse.

Pedro da Covilhã obedecendo ás ordens de seu soberano, entregou um diario bem detalhado de suas aventuras ao judeu, que El-Rei lhe designára, e o instruio de viva voz, o mais largamente que lhe foi possivel. Depois do que, repondo-se a caminho com o outro, voltou a Adem, e passou depois a Ormuz, onde considerando tudo muito bem, fez com que seu novo companheiro de viagem partisse com as caravanas que sahem de Alepo. Em quanto a elle, embarcou novamente para o mar *Vermelho*, e chegou por fim á Côrte do Principe que com tantos perigos, e fadigas, elle havia procurado.

El-Rei fez escrever para todos os pontos da escala do Levante aos Consules portuguezes e aos maiores negociantes, qne ahi se achavão estabelecidos, para que adquirissem algumas noticias d'aquillo que se desejava saber. Finalmente chegou-lhe de Roma um padre Abexim, por nome Marcos, que tendo-o satisfeito ácerca de todas as perguntas, que lhe fizerão relativamente ao seu paiz, lhe fez escrever muitas cartas de que tirou copia, das quaes remetteu para diversos portos do Oriente, a fim de que fossem encarregados d'ellas os Abexins, subditos do Principe de que elle anciosamente desejava ter noticias, na esperança de que

vindo algumas d'ellas a cahir nas mãos do mesmo, serviria de acreditar mais Pedro da Covilhã, na hypothese de que elle fosse tão feliz, que chegasse ao termo de sua viagem. Depois d'isso fez partir o mesmo padre Abexim, encarregado das mesmas cartas de que tinha tirado copia, e cheio dos favores que a sua extrema liberalidade sobre elle derramava.

El-Rei enviára depois pelo Oceano Athlantico, em procura d'este Principe, Bartholomeu Dias, e João Infante, cada um dos quaes commandava um navio seguido d'um terceiro, unicamente carregado de viveres para supprir a falta dos que se consumissem no curso d'uma longa navegação, e a fim de que estes aventureiros não tivessem razão alguma para voltarem, como havião feito outros que os precederam.

Começava então a navegação a tornar-se menos perigosa. El-Rei, que em sua Côrte conservava mui habeis mathematicos, e que desejava sempre que se inventasse alguma cousa, que podesse facilitar o bom exito de suas descobertas, havia-os muitas vezes excitado a imaginarem algum expediente para tornar a arte da navegação mais commoda e facil. Elles não deixaram de corresponder á sua esperança, pois que os escriptores portuguezes lhes fazem a honra de lhes attribuirem o meio de se tomarem as alturas, por meio do astrolabio, e as taboas das declinações para uso dos pilotos. E ainda quando elles não tivessem prestado outro serviço, este que fizeram á Europa, é sufficiente para os tornar immortaes, porque desde então os navegantes se não viram mais obrigados a alongar as costas, e poderam expor-se no alto mar, sem o temor de perder de vista a terra, o que faz a navegação mais curta, e menos perigosa.

Dias, e Infante tinhão ordem de continuar os des-

cobrimentos, começando d'este Zaire, onde havião terminado os de Diogo Cão, do qual brevemente fallaremos. Elles devião plantar por toda a parte padrões, e deixar sobre a margem negros, e particularmente negras, providas de roupas, e bem instruidas do que devião dizer, já para tomarem informações do reino do Preste-João, já para exaltarem os elogios de Portugal, e inspirar desejos de se contrahir alliança com elle. Dias, que commandava um dos navios, teve muito que soffrer em todas as terras a que abordou. Encontrou linguas desconhecidas, que os negros, que comsigo trazia, não entendião. A sua tripulação se revoltou muitas vezes contra elle, e sempre a apasiguou com doçura, e ao mesmo tempo, com firmeza: mas nesta viagem não colheu noticias algumas do Principe que procurava. Não obstante, descobriu trezentas e cincoenta leguas de novos paizes; assentou seis padrões, e chegou até á extremidade da Africa a um cabo, que elle chamou das *Tormentas*, por causa do grosso mar que ahi fazia. Sua coragem lhe teria inspirado o passar mais adiante; mas a sua gente, que estava mui desgostosa, o obrigou a retrogradar, e na sua volta, encontrou o navio que transportára os viveres, nove mezes depois de se terem separado; e de nove homens que formavão a tripulação d'este, apenas existião tres, um dos quaes de tal sorte se transportou de alegria, por esta juncção que logo morreu. Finalmente, Dias chegou a Lisboa, em Dezembro de 1487, dezeseis mezes e dezesete dias depois de sua partida. El-Rei o recebeu muito bem, e tendo ouvido em sua narração o nome de cabo das *Tormentas*, quiz que se chamasse o Cabo da *Boa Esperança*, a fim de que servisse de feliz presagio dos fructos, que se devia colher d'esta descoberta.

(**1490**) Diogo Cão, que antes da expedição de Dias, havia descoberto desde o cabo de *Santa Catharina* até ao rio Zaire, onde principia o Reino de Congo, descobriu esta

nova nação de negros, cuja lingua não era entendida pelos negros que hião nos navios. Este povo pareceu mui pouco admirado da vista dos Portuguezes, e em lugar de fugir para o interior do paiz, pelo contrario se familiarisou tanto, desde logo, com estes hospedes que lhe vinhão de tão longe, e de uma maneira tão extraordinaria, que se teria affirmado que uns e outros já se conhecião. Diogo Dias, reflectindo que hia a perder muito tempo, neste lugar, pela falta de se entender com os naturaes do paiz, tomou immediatamente o partido de levar alguns, para os conduzir a Portugal, e deixar, pela sua parte, alguns em refens, a fim de que de uma e outra parte podessem aprender a lingua do paiz, o que se executou habilmente; porque tendo-se assegurado de quatro dos principaes d'elles, fez comprehender aos outros, por meio de gestos, e signaes, ou do melhor modo que poude, que as suas intenções não erão senão uteis ao paiz; que elle trataria bem aquelles que trouxesse, os quaes reconduziria dentro de quinze luas; que por penhor da sua palavra, lhes deixava alguns dos seus, os quaes entretanto aprenderião a sua lingua, e se porião em estado de lhes prestar serviços.

*

Esta acção violenta teve bom exito. Os negros não se derão por offendidos. O Rei d'estes povos, que foi informado do que se passára, igualmente se não formalisou, antes tratou muito bem os Portuguezes, que Diogo Cão abandonára á sua discripção, e ao seu ressentimento, e tendo estes aprendido a lingua do paiz, fizerão que o Rei apreciasse a Religião Christã. Entretanto, Diogo Cão tendo chegado a Portugal, El-Rei o fez novamente partir, sem dilação alguma, juntamente com os negros que elle trouxera. Os seus patricios vendo-os sãos e salvos, e satisfeitos do bom tratamento que havião recebido, facilitaram a Diogo Cão o seu accesso á Côrte. O Rei de Congo depositou nelle particularmente tanta confiança, que resolveu envial-o outra

vez a Portugal com dous jovens dos mais qualificados, e juntamente um d'aquelles mesmos que elle d'antes levára, e isto como embaixada a El-Rei de Portugal, a fim de o sollicitar, Houvesse por bem de os fazer instruir no christianismo, e baptizar, e de os deixar depois hir para o seu paiz, acompanhados de individuos habeis, que podessem promover a mesma felicidade a elle Rei, e a todos os seus subditos.

Os Embaixadores forão recebidos em Lisboa com muita distincção, e como El-Rei fosse ao mesmo tempo informado, de que o Rei de Congo era um Principe poderoso, e seus subditos um povo muito mais esclarecido de quantos se tinhão até então encontrado, julgou dever tambem fazer mais alguma cousa em seu favor. Tanto que se doutrinaram na Religião, forão baptizados. El-Rei, e a Rainha com alguns dos principaes senhores e senhoras da Côrte, os apresentaram á pia baptismal, e os honraram com seus nomes. Finalmente para satisfazer a anciedade do Rei de Congo, El-Rei D. João tendo-os carregado de ricos presentes, os fez partir a toda a pressa em uma frota, cujo commando conferio a Gonçalo de Sousa, o qual tendo fallecido na viagem, teve por successor no commando, a Rodrigo de Sousa, seu sobrinho, que o tinha acompanhado na qualidade de voluntario, e seu comportamento fez ver que fôra acertada a escôlha que d'elle se fizera.

(**1491**) Logo que esta frota appareceu na embocadura do Zaire, o tio do Rei, que governava esta provincia, sahiu ao encontro de Sousa com todas as demonstrações da mais perfeita alegria. Era um venerando ancião, que não suspirava, senão pelo momento em que recebesse o santo baptismo, e em quem a graça divina havia já operado grandes effeitos. Foi esta tambem a primeira cousa, que elle pediu, e isto com tal ardor, e com tão fortes razões, que

Sousa não poude dispensar-se de lh'o conceder. Trez religiosos dominicanos, que tinhão vindo na frota, acabaram de o doutrinar, e o baptizaram, com a maior solemnidade, no Domingo de Paschoa do anno de 1491.

Sousa que não ignorava, que o Rei de Congo, contava os momentos até á sua chegada, não tardou que se pozesse a caminho para a capital. O governador, novamente baptizado, lhe forneceu os escravos necessarios para levar tanto os homens, como as bagagens, pelas terras do seu governo, e elle mesmo o accompanhou até á fronteira. O Rei, pela sua parte, mandou muitas vezes cumprimentar o general durante a jornada, e fazer-lhe as competentes honras na sua marcha até á cidade, em que residia a sua Côrte.

A entrada que o general fez na capital, e a sua marcha até ao palacio real, forão magnificas, segundo os uzos do paiz, e tão numerosa a chusma que o seguia, que com difficuldade se podia abrir caminho. O Rei o esperava no seu palacio, sentado n'uma cadeira de marfim, collocada sobre um estrado. Cousa nenhuma relevava a magestade d'este Principe. Um pequeno barrete, propriamente tecido de folhas de palmeira, e da fórma de mitra, lhe cobria a cabeça; seu corpo estava nú até á cintura, e todo o resto, coberto de uma tanga; no braço esquerdo tinha um bracelete de latão, e uma cauda de cavallo, signal distinctivo da realeza, lhe pendia de um dos hombros.

Souza, tendo pronunciado o seu discurso, e exposto o objecto de sua embaixada, manifestou os presentes que levava. O Rei os considerou com admiração, perguntando a razão de tudo, e fazendo repetir muitas vezes, aquillo que dissera. Apesar da immensa multidão, reinava alli o maior silencio; prestava-se a mais viva attenção; mas o

que havia de notavel, era que os negros imitavão, e copiavão fielmente os Portuguezes em todos os seus gestos, reverencias, genuflexões, inclinações, e signaes de cruz, como se elles tivessem comprehendido todo o seu mysterio.

Era inexprimivel a impaciencia do Rei para receber o baptismo. A' imitação do Soberano, a mesma pressa tinhão a Côrte e o povo. Entretanto era preciso esclarecer e experimentar um pouco estes neophytos; precisava-se de tempo, e os missionarios não erão bastantes.

Um acontecimento imprevisto decidiu o negocio. Alguns insulares situados n'um lago, que dizem permanecer no centro d'Africa, e que era origem dos principaes rios que a região, havião novamente sacudido o jugo do Rei de Congo, e fazião excursões em suas provincias. Erão formidaveis, porque se assegurava poderem pôr em armas trinta mil combatentes. O Rei se viu obrigado a hir pessoalmente, para se oppôr ao progresso dos revoltosos. Os riscos da guerra se tornaram mais que sufficientes motivos para que todos os guerreiros abraçassem a Religião Christã.

Começou-se por levantar uma grande cruz, que se collocou, com grande solemnidade a 3 de Maio; o mesmo se praticou para o baptismo de tão illustres neophytos. Deu-se ao Rei de Congo, á Rainha sua principal esposa, e ao Principe herdeiro, os nomes de João, Leonor, e Affonso, que erão os d'El-Rei, da Rainha, o do Principe de Portugal. Baptizaram-se depois tantas pessoas, que os braços dos missionarios estavão já cançados.

Antes de principiar a campanha, Sousa collocou nas mãos do Rei de Congo um precioso estandarte que o Papa Innocencio VIII. mandara a El-Rei de Portugal, e lhe deu a cruz, a fim de o fazer participante, tanto a elle como a seus

subditos dos meritos da cruzada que vinha de publicar-se contra os infieis. El-Rei de Congo partiu para a campanha, cheio de confiança neste signal salutar. Não forão baldadas suas esperanças; elle voltou victorioso de seus inimigos, persuadido da obrigação que devia ao Creador, e ao adoravel signal da redempção.

Os primeiros movimentos d'um grande fervor são, de ordinario, seguidos d'um prompto arrependimento, e não servem, senão para nos precipitarem no excesso de uma relaxação inteiramente opposta. Esta nova christandade, formada um pouco á pressa, assim o deu a vêr. Em verdade que os mysterios da nossa Religião havião dado pouco cuidado a estes neophytos pouco acostumados, e pouco proprios para disputarem ácêrca d'estas materias. Os principios da nossa moral lhes havião parecido muito justos e fundados na razão; mas como a vida do christão não é mais do que uma continuada guerra que é necessario fazer a si mesmo, estes homens viciosos desde o berço, sentiram a difficuldade de contrariar constantemente as paixões lisongeiras, e de se mortificarem por se conformarem com as maximas que contradizião todos os prazeres. O espirito da superstição não se havia extincto nas cinzas de seus *Fetichas* e *Moquisias* (*) que elles havião solemnemente queimado, professando o christianismo. O fogo da avareza, da luxuria, da intemperança, e das outras paixões, havião adquirido um novo gráu de calor, pela resistencia que se havia feito por poucos dias a estas paixões. O mesmo Rei, que envelhecêra nas suas usanças, encontrava ainda maiores obstaculos, que os outros, para sustentar á nova personagem que lhe era preciso representar, de sorte que em pouco tempo se formou uma conspiração contra o christianismo nascente, urdida pelos infieis que ainda restavão, a cuja fren-

(*) Idolos do culto dos negros de Congo.

te se collocára um dos filhos do Rei, que nunca havia querido baptizar-se, e por aquelles christãos cobardes, que tinhão sido os primeiros em exprobar a sua leveza. Estes excitados pelos sacerdotes, ou agoureiros do paiz, e apoiados pelas mulheres e concubinas que o christianismo obrigára a repudiar, pozerão então em grande risco a Religião, que esteve a ponto de ser suffocada á nascença, e os missionarios e portuguezes que Souza deixava para aprender a lingua do paiz, expostos a eminentes perigos.

D. Affonso, filho mais velho do Rei, Principe ferveroso e verdadeiro christão, achava-se então nas terras de seu apanágio, onde exercia as funcções de apostolo, ao mesmo tempo que era como uma muralha impenetravel para os inimigos do Estado. Informado do perigo que corria a Religião, empregou tal efficacia junto de seu pai, que conseguiu suspender-lhe as impressões; mas esteve quasi sendo victima de seu zêlo. A tempestade cahiu sobre sua cabeça. Todos os esforços dos inimigos da Religião se reuniram contra elle só. Denegriram-no no animo do Rei pelas calumnias as mais atrozes, e as mais extravagantes: « Que « o baptismo, dizia-se-lhe, o tornára um poderoso feiticei- « ro, que corrompido pelos costumes estranhos, aborrecia « a sua patria, e o Rei, que lhe havia dado o ser; remo- « via as montanhas, secava os rios, arruinava os fructos, « perturbava a razão, e o que era ainda mais odioso, mi- « nava o thalamo nupcial pelo louco amor, que seus sorti- « legios havião inspirado ás esposas de seu pai. » O Rei amava D. Affonso; mas seu animo enfraquecido pela idade lhe fez acreditar taes quimeras, e talvez cedendo ao tempo mostrasse acredital-as, e consequentemente indignado contra seu filho querido, o privou de seus cargos, e de suas rendas.

D. Affonso estava perdido, a não ser a habilidade da

Rainha D. Leonor sua mãi. Esta assisada Princeza deixou passar algum tempo até que se acalmasse esta grande irritação dos animos. Então poz em scena os mais respeitaveis senhores da Côrte, tanto por sua idade, como por sua prudencia, os quaes como tivessem habilmente convencido o Rei do prejuizo que elle a si proprio se procurára pelo lamentavel estado a que reduzira um filho, que por seu valor tantas vezes lhe firmára a Corôa, lhe inspiraram a desconfiança, e consequentemente a vontade de investigar, se o Principe effectivamente fôra calumniado. Com effeito o Rei cahindo em si, e affectando uma profunda dissimulação, fez indagações occultas, e como viesse no conhecimento da innocencia de seu filho, o reintegrou em todas as suas primeiras honras, e fez morrer os seus principaes accusadores no meio dos maiores supplicios.

Esta severidade, posto que justa, não fez mais do que irritar cada cada vez mais a cabala que havia jurado a perdá de D. Affonso, colligando-se para collocar no throno em seu lugar, Pansa Aquitimo seu irmão, inimigo capital dos christãos, e dos Portuguezes.

O Rei foi novamente enganado, porém d'esta vez contentou-se em fazer advertir seu filho de moderar seu zêlo, e de prevenir por alguma politica as desgraças, que elle procuraria a si e a toda a sua caza. Como Affonso nem por isso mudasse de conducta, seu pai lhe ordenou de se apresentar na Côrte; mas o Principe, instruido secretamente por sua mãi, hia differindo, sob diversos pretextos, o obedecer, e illudindo sempre as ordens do Rei até á morte deste, a qual elle bem via não poder estar longe, e que effectivamente soube ter acontecido pouco tempo depois.

D. Affonso tomando a sua resolução, como homem de tino e de coragem, se dirige a grandes marchas sobre a

capital, entra alli na obscuridade da noite, reune o povo ao romper do dia, arenga-lhe em termos tão fortes por sustentar seus direitos, que consegue conciliar todos os animos, e é igualmente reconhecido como legitimo herdeiro do throno. Seu irmão Pansa Aquitimo, que se achava acampado fóra da Cidade, ficou aturdido por tal golpe, dirigido com tanto segredo, e prudencia; mas como não quizesse dar a seu irmão tempo de reflectir, marcha immediatamente sobre a cidade, depois de ter dividido seu pequeno exercito em dois corpos. D. Affonso confiando mais na Divina Providencia do que no numero, e qualidade dos homens, que tinha á sua vista, reune apressadamente os poucos combatentes que achou promptos, e havendo-os excitado á peleja, fez abrir as portas da cidade, e invocando, em alta voz, os Santos nomes de Jesus Christo, e de S. Thiago, á maneira dos Hespanhoes, se lança como um leão sobre o primeiro corpo dos inimigos, que derrotados logo que forão atacados, se precipitaram sobre o segundo corpo, ficando ambos em tal desordem, que não poderam mais ordenar-se. D'esta sorte, a victoria não tardou um momento em se decidir pelo partido dos christãos, a favor dos quaes parece que o Céo combatera.

(**1497**) Quiz a desventura que Aquitimo, em sua fuga fosse cahir n'um laço que se armára para apanhar féras, elle foi achado gravemente ferido, e agarrado; D. Affonso desejava salval-o; mas aquelle homem feroz, antes quiz perder-se do que recorrer á clemencia de seu irmão, e abrir os olhos á luz da verdade. O general que commandava suas tropas, mais circumspecto, tendo requerido morrer christão, e receber o santo baptismo, obteve a vida, sob condições que lhe pareceram bem suaves,

Esta victoria firma D. Affonso no Throno, reinou cincoenta annos, darante os quaes se mostrou tão agradecido

para com a Divina Providencia, e tão affeiçoado aos Portuguezes seus alliados, que com justiça se pode elle considerar, como o Apostolo de seus Estados.

Em quanto El-Rei D. João mostrava tão grande sollicitude, e fazia tão enormes despezas, afim de conseguir novas descobertas, e principalmente para chegar a penetrar nas Indias, que era o objecto, que mais se mantinha em sua idéa, teve um grande desgosto que o acompanhou ao tumulo.

Christovão Colombo, Genovez de nação, tendo navegado longo tempo ao Levante, resolveu hir tentar fortuna no mar Athlantico, pois que era o gosto dominante daquelle tempo. Pertendem alguns que elle foi estabelecer-se na Madeira, onde tendo naufragado um navio francez, e havendo recolhido para sua casa os destroços d'esse naufragio, poude adquirir do piloto d'aquella embarcação noticia da America; conhecimento que elle teve o cuidado de não descobrir a origem, e cujo segredo poude muito bem conservar, pois que todos os que havião escapado á catastrophe vieram a perecer da miseria e das fadigas que havião soffrido.

Como quer que fosse Colombo veiu a Portugal, e se apresentou a El-Rei, fazendo-lhe magnificas promessas de lhe adquirir um novo mundo para o Occidente nas extremidades do Oceano. El-Rei que se persuadiu perceber neste homem alguma leveza, não fez caso d'estas propostas. Outro tanto fizeram outras potencias maritimas da Europa; até que finalmente depois de sete annos de repulsas, e de fadigas, Colombo obteve, por intervenção do Arcebispo de Toledo, que a Rainha Izabel fizesse armar trez caravellas, com as quaes, depois de ter soffrido corajosamente bastantes contrariedades da parte de sua tripulação, descobriu as Ilhas

Antilhas; (*) tocou em muitas d'ellas, e depois de ter deixado parte de sua gente n'uma especie de Forte na Ilha de Cuba, tornou á Europa, trazendo comsigo dez ou doze naturaes do paiz, ouro em pó, e varios fructos e mercadorias, afim de que podessem servir de amostras, e dar uma idéa d'aquelles paizes e de suas descobertas.

Tanto que entrou no Tejo, e lançou anchora no porto de Lisboa, El-Rei, que fôra informado da sua chegada, estimou muito ter uma conversação com elle. Colombo estava tão orgulhoso, pelo bom resultado de sua viagem, e com tanta emphase, e exaggeração fallava ácêrca d'ella, misturando, com o que dizia, censuras a El-Rei, pela pouca confiança que nelle depositára, que pareceu não ter vindo a seus portos, senão com o fim de o insultar.

El-Rei dissimulou, e fez grandes presentes a Colombo, e seus companheiros, bem como aos insulares, e como se persuadisse, que estes negros, pelo seu porte, podião ser habitantes das grandes Indias, ou de paizes que lhe pertencessem, cuidou logo em ordenar um grande armamento, a fim de se apoderar d'aquelle paiz.

(*) Achão-se situadas adiante do Golfo do Mexico. Dividem-se em grandes Antilhas, e pequenas Antilhes. São as primeiras: Cuba, São Domingos, Porto Rico, e Jamaica. As segundas achão-se divididas em Antilhas de barlavento, que são: a Barbuda, a Antigua, S. Christovão, Neves, Monsarrate, Barbuda, Anguilha, Virgens, S. Vicente Dominica, Granada, Trindade, Tabago, Guadalupe, Martiníca, Santa Luzia, Maria Galonde, S. Bartholomeu, S. Eustaquio, Saba, S. Martinho, Santa Cruz, S. Thomaz, e S. João. As de Sotavento são: Marguerita, Coração e Bonaria. Seus principaes productos são: assucar, milho, anil, tabaco, algodão, caffé, e a mandioca.

Posto que El-Rei D. Fernando de Castella não desse ainda grande pezo a esta descoberta de Colombo, comtudo como era um Principe mui politico, e zeloso de seus direitos, tanto que teve noticia do armamento, a que El-Rei D. João de Portugal se applicava, lhe dirigiu por via de seu Embaixador na Côrte de Lisboa, suas queixas das hostilidades, que o ameaçavão, em contravenção dos tractados que existião entre as duas corôas. El-Rei D. João suspendeu seus preparativos, e consentiu em fazer discutir amigavelmente seus direitos. Houverão por diversas vezes plenipotenciarios nomeados de parte a parte. O Rei de Castella mandou de proposito Embaixadores a Portugal para tractarem d'este objecto. Como porém este Principe, dissimulado, nada quizesse concluir, sem vêr em que parava o negocio, e se este valia a pena, seus Embaixadores só tratavão de o demorar por muito tempo, sem decidirem cousa alguma: o que fez dizer El-Rei com muita graça que esta embaixada não tinha pés nem cabeça, alludindo á qualidade dos dous Embaixadores, um dos quaes era coixo, e o outro estouvado. Comtudo ambos se portavão, sobre o assumpto, de uma maneira bem judiciosa. Finalmente, como estes dous Monarcas entregassem a decisão d'este negocio ao Papa Alexandre VI., que então se sentava na Cadeira de S. Pedro, Sua Santidade repartiu o Novo Mundo entre estas duas potencias, resolvendo, que contando-se 370 leguas desde as Ilhas de *Cabo Verde* para o Occidente, e tirando por esse ponto uma linha imaginaria, que passasse pelos pólos da Terra, e dividisse o globo em dous hemisferios, ficasse o occidental pertencendo aos Reis Catholicos, e o oriental aos Portuguezes, para nelles continuarem livremente os seus descobrimentos.

Padecendo El-Rei D. João II. os effeitos de uma hydropisia, foi ao Algarve, por conselho dos Medicos, para tomar as Caldas de Monchique; porém como a molestia se

fosse adiantando, fez seu testamento, em que declarou o Duque de Béja, D. Manuel, seu successor, e falleceu a 25 de Outubro de 1495, com 40 annos de idade.

O seu cadaver, sepultado na Cathedral de Sylves, foi trasladado em 1499, com magestosa pompa, por El-Rei D. Manuel, para o Real Mosteiro da Batalha.

No feliz reinado d'El-Rei D. João II., por sua ordem, e com auxilio de suas proprias luzes e instrucção, os dous Astronomos Portuguezes Mestre Rodrigo, e Mestre José Hebrêo, e o outro tambem habil Astronomo Martim Behaim, conseguiram melhorar o instrumento nautico, de que usão os navegantes para tomar a altura do Sol, com o que se facilitou muito a navegação pelo alto mar, e poderam os navios desviar-se das costas, que até então seguião com grandes delongas, e inconvenientes, invenção esta que escureceu completamente a gloria que os Phenicios, Carthaginezes, Gregos, e Romanos, havião adquirido na arte de navegar. Toda a Costa Occidental da Africa tinha aberto os portos a seus navios: o seu commercio se tinha assegurado, pelas fortalezas que elle ahi levantára, e pelas allianças que contrahira. Os Reis de Benem, de Tombuctu, de Monding, e de Congo, havião sollicitado com ardor, por meio de seus Embaixadores, a sua amizade: El-Rei havia interposto a sua authoridade para pacificar suas contestações, tendo bastante influencia para fazer cahir as armas das mãos aos mesmos vencedores.

Descobriu-se o grande Cabo da Bôa Esperança, e se passou ainda ávante ao Rio do Infante. — Construiu-se em Lisboa uma Náo de mil toneladas, a maior, mais forte, e mais bem acabada, que até áquelle tempo se havia construido, armada de grossas bombardas, e outras artilherias, *e de tão forte, e basta liança, e tão grosso taboado, que a artilheria a não podia passar.*

Tambem não parecerá improprio d'este lugar referir como este illustre Principe, já pelos annos de 1483, ordenára que seu primo D. Manuel, ainda então muito moço, e apenas com direito muito eventual ao throno portuguez, a que depois subiu, tomasse por devisa a *Esfera do mundo*, que com effeito começou logo a usar, e conservou ainda depois de Rei. O que nos parece ser grande prova da perspicacia e penetração de El-Rei, das suas vastas idéas e esperanças, e do presentimento que tinha dos futuros gloriosos feitos dos Portuguezes.

Finalmente El-Rei D. João II., diz um geografo estrangeiro moderno, fixou a soberania de Portugal em *Guiné*, região fecunda em ouro, marfim, e outras ricas producções; e legou á sua Nação uma grande herança de gloria, abrindo caminho ás acções heroicas que depois d'elle se praticaram na conquista maritima das Indias Orientaes.

CAPITULO III.

ANNOS DE 1495 A 1499.

D. Manuel, Duque de Béja succede no throno a D. João II. Desejando proseguir nas mesmas vistas de seu antecessor, consulta os homens d'Estado; diversas opiniões d'estes, e qual é adoptada por El-Rei. Sáe Vasco da Gama com quatro navios afim de investigar a derrota das Indias. Instrucções que recebe d'El-Rei. Toca na bahia de Santa Elena; desagradavel acontecimento occorrido neste lugar. Amotina-se a tripulação ao dobrar o Cabo da Bôa Esperança. Toca na costa do Natal, rio dos Reis, e passa o Cabo das Correntes e a costa da Sofala. Entra no rio dos signaes, aonde recebe noticias agradaveis que mais consolidão as suas espe-

ranças. Faz concertar seus navios que a longa navegação muito havia deteriorado. A tripulação é atacada do escorbuto que lhe levou alguns marinheiros. Chega Gama a Moçambique; discripção d'esta Ilha. Laço, que aqui se lhe arma, e de que maneira elle o evita. Aprisiona alguns Mouros de Mombaça, e quaes as informações que d'elles colhe ácêrca de Melínde. Chega a este paiz. Demonstrações officiosas que aqui se lhe fazem. E' sollicitado pelo Rei de Melinde a desembarcar, e o não effectua por desconfiança. Sua intervista com o Principe, Governador do paiz. Informações exactas que obtem ácerca das grandes Indias. O Principe de Melinde lhe fornece um piloto para o conduzir ás Indias. Chega a Calecut, e ahi lança ferro. Quaes os paizes que propriamente se denominão as Indias.

Contando o Principe D. Affonso, filho unico d'El-Rei D. João II., herdeiro do Reino, quinze annos de idade, por ter nascido a 18 de Maio de 1475, o casou El-Rei com D. Izabel filha dos Reis Catholicos Fernando, e Izabel. Celebraram-se estes desposorios com a maior magnificencia, que até então se tinha visto na Europa. Entraram a 14 de Junho do mesmo anno em Santarem com grandes festas, que duraram muitos dias. Porém no dia 12 de Julho, voltando quasi á noite da caça de Almeirim, foi o Principe ás margens do Téjo, montou a cavallo, e rogou a D. João de Menezes, que déssem uma carreira; escusou-se este por ser já noite; mas instado, consentiu; e quando corria, se atravessou um moço, que espantando o cavallo, desgraçadamente levou o Principe debaixo, deixando-o logo quasi

morto sem falla. Não poude ser conduzido ao Palacio; e levado á cabana d'um pescador, onde se lhe fizerão todos os remedios possiveis, veiu a fallecer no dia seguinte. Esta lastimosa morte penetrou de tal sorte o coração de D. João II. que todo o resto da sua vida passou entregue a uma profunda melancolia, e proximo da morte nomeou em seu testamento para successor ao Throno a D. Manuel, Duque de Béja.

Nasceu este grande, e incomparavel Monarcha no Riba Téjo, na Villa de Alcochete em 31 de Maio de 1469, a tempo que a Procissão do Corpo de Deus passava pelas portas do seu Palacio. Foi sexto filho do Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei D. Affonso V., ambos filhos d'El-Rei D. Duarte, e de D. Brites filha do Infante D. João, e neta d'El-Rei D João I. Amado dos seus povos, e respeitado no Universo, este feliz Soberano empunhou tão dignamente o sceptro, que mereceu o titulo de — *Venturoso.*

El-Rei logo no principio do seu reinado chamou a conselho as pessoas mais eruditas de Portugal, afim de regular diversos pontos que precisavão reforma, e traçar um plano geral de governo. Os negocios das descobertas forão ahi discutidos acaloradamente, havendo trez differentes opiniões. — Os mais timidos pretendião que se abandonasse uma empreza que olhavão como a origem infallivel da ruina do Estado. Acrescentavão ás rasões, qne elles a principio produziram, para combater os projectos do Infante D. Henrique, a da distancia em que as grandes Indias se achavão, e os paizes incognitos do Preste-João; o perigo que esta empreza acarretaria de excitar a inimisade de todas as potencias mahometanas, a impossibilidade de provêr a tão grandes despezas, e de resistir a poderosos inimigos. Outros querião que El-Rei sómente conservasse as descobertas até alli feitas, e que ainda a respeito d'estas se fi-

zessem menos despezas que anteriormente. Outros finalmente, mais zelosos pela gloria nacional, aconselhavão que se proseguisse com as expedições maritimas; que se passasse mais adiante, opinando que os favores que a Providencia havia já dispensado no feliz exito d'estas descobertas, devião servir de garante seguro de sua vontade para haver de as continuar. Foi esta ultima opinião a que El-Rei abraçou, por ser a que máis se conformava com a sua inclinação, com a nobreza de seus sentimentos, e com o reconhecimento que devia á memoria do Rei seu predecessor, á de seu pai, o Infante D. Fernando, e á do immortal Infante D. Henrique, seu segundo tio.

El-Rei achando quasi prompta a armada, que seu antecessor apparelhára para o descobrimento da India, cuidou logo em expedil-a; constava a expedição dos seguintes navios:

Náo *S. Gabriel*, capitania, em que foi Vasco da Gama, Capitão-Mór da expedição. Piloto Pedro d'Alemquer, o mesmo que tinha hido com Bartholomeu Dias ao descobrimento do Cabo da Bôa Esperança.

Náo *S. Rafael*: Capitão, Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama. Piloto, João de Coimbra.

Náo *Berrio*: Capitão, Nicoláo Coelho. Piloto, Pedro de Escobar.

Hia mais uma pinque com mantimentos: Capitão, Gonçalo Nunes.

Todos estes vasos levavão não mais que 160, ou 170 homens, tanto de armas, como de marinhagem, entre os quaes se nomeão Fernam Martins e Martim Affonso, linguas, e tambem pilotos.

Logo que estes navios estiveram em estado de navegar, El-Rei tendo em vista a importancia do objecto quiz dar suas instrucções ao Commandante em chefe, e tendo ordenado que tanto o primeiro, como os dous segundos commandantes se apresentassem em Extremoz, onde então se achava com numerosa Côrte, lhes dirigiu um discurso em que depois de exaltar a confiança, que acabava de depositar na sua fidelidade e valor, os exortava a que sustentassem a idêa, que de suas pessoas formára, e de que lhes dava um testemunho authentico na honrosa escolha, que d'elles fazia. Depois animando-os com promessas as mais magnificas, e com a esperança das maiores recompensas, lhes recommendou mui expressamente a obediencia, e a subordinação, que elles devião a seu general, quc no commando representava sua propria pessoa; e ao general lembrou a moderação, e a firmeza, que o cargo, de que elle estava revestido, exigião segundo as circumstancias. El-Rei entregou a Uasco da Gama cartas credenciaes para os Reis das Indias, o itenerario de Pedro da Covilhã, e diversas outras instrucções; e para terminar esta ceremonia, um dos ministros de Estado, que durante o discurso d'El-Rei, empunhára um estandarte desenrolado em que se via pintado o signal adoravel de nossa redempção, o collocou nas mãos de Vasco da Gama, que ajoelhando, prestou juramento ao Rei em seu proprio nome e no de todos os seus, depois do que, levando comsigo o estandarte partiu com seus officiaes para Lisbôa.

Havia então na distancia d'uma legua da Capital uma pequena ermida, que o Infante D. Henrique fizera edificar á borda do mar sob os auspicios da Santa Virgem, para animar a devoção dos maritimos. Gama quiz hir alli na vespera de sua partida com toda a sua gente passar a noite em oração. Tendo satisfeito á sua piedade, voltaram para Lisboa em procissão, levando tochas na mão, cantando hym-

nos e salmos, com acompanhamento de grande numero de ecclesiasticos seguidos por uma chusma prodigiosa de povo, que a novidade do espectaculo havia attrahido de todas as partes.

Tão horrivel fôra a idéa, que Bartholomeu Dias, e seus companheiros, havião dado dos mares do Cabo da Bôa Esperança, que de nenhuma outra cousa se ouvia fallar senão de naufragios, e todos aquelles que se destinavão a tentar aquella passagem, se consideravão, como outras tantas victimas, conduzidas a uma morte quasi inevitavel.

Nossos novos argonautas, enternecidos de tudo o que este apparato tinha de tocante, se viram assim conduzidos até ao porto; alli ajoelhando todos, receberam a absolvição geral como para morrerem, depois do que se embarcaram no meio dos gritos do povo, que se não fatigava de os acompanhar com o coração, e com a vista que não poude arrancar da margem do rio senão quando, fazendo-se á vela por um vento favoravel, desappareceram as embarcações.

(**1497**) Partiu Vasco da Gama em um sabbado 8 de Julho de 1497. Navegou, a todo o panno, pelo alto mar, em direitura ás Canarias, donde proseguindo na sua derrota, até ás Ilhas de *Cabo Verde*, fundeou, no decimo terceiro dia, na de *Santiago*, onde fez aguada, e tomou alguns refrescos. Tendo-se novamente feito á vela, lutou contra os ventos, e arribou a uma espaçosa enseada, que depois se chamou bahia de *Santa Helena*. Encontrou ahi um povo miseravel; mas de grande bondade e franqueza. Um soldado, por nome Fernando Velloso, obteve do General a permissão de hir só até ás habitações. Foi alli recebido pelos habitantes com bastante humanidade; mas apoderado repentinamente d'um terror panico, de que elle mesmo não soube dar a rasão, se poz a correr quanto podia

para as embarcações. Aquelle pobre povo que ignorava a causa de tão precipitada carreira, o seguia a fim de o tranquillisar: isto como duplicasse o medo do soldado, fazia com que elle mais fugisse; a marinhagem, que se occupava em fazer a aguada, vendo-o vir espantado, e seguido, suspeitando alguma traição, correu ás armas. Os negros atacados põem-se em defeza, fazem chover uma nuvem de frechas e de pedras de que o General ficou ferido n'um pé. O combate se teria tornado mais funesto, a não ser a prudencia de Gama, que mandando immediatamente tocar a retirada fez reembarcar toda a gente, e deu á vela.

Como ainda se não soubesse, que havião ventos regulares em certas paragens, os quaes facilitão a navegação em algumas estações do anno, assim como a tornavão perigosissima n'outras, veiu-se infelizmente no conhecimento de que Gama partira na estação a mais inconveniente e contraria do anno, de sorte que quando chegou ao *Cabo da Bôa Esperança*, não encontrou ahi mais do que furacões e tempestades tão horrorosas, que a sua marinhagem, desgostosa pelas fadigas d'uma navegação de perto de cinco mezes, aborrecida do continuo máu alimento, e aterrada ainda mais pelas illusões, que se figuravão em sua imaginação ácêrca d'este Cabo terrivel, por muitas vezes se amotinou e de certo se perderia o fructo de tão bella empreza se não fôra a prudencia, e coragem de Vasco da Gama, que tornando-se inflexivel contra todos os obstaculos teve o prazer de dobrar o Cabo da Bôa Esperança em 22 de Novembro de 1497, e achando depois ventos mais brandos, em 25 do mesmo mez e anno, foi tomar terra perto de sessenta leguas acima do referido Cabo, tirando para Leste, em uma bahia a que derão o nome d'aguada de *São Braz*.

Aqui se restabeleceu Vasco da Gama das fadigas que havia soffrido, e achou nos Cafres, habitantes d'esta costa,

bastante facilidade para se prover de novos viveres, os quaes negociou a troco de alguns chocalhos, missanga, e outras mercadorias de vil preço: Mas como se tivesse originado entre elles e os seus, algumas altercações relativamente á permutação dos generos, teve por mais conveniente sahir d'alli, e hir mais longe a um pequeno porto, onde repartindo por todos os seus navios os viveres que ainda restavão no pinque, o fez queimar na conformidade das ordens que levava. D'este porto partiu Gama em 8 de Dezembro, dia da Conceição, mas tanto que se fez á véla, foi assaltado de outra tempestade que, não obstante durar alguns dias, não causou damno, avistando-se no fim da tormenta uma costa que se denominou do *Natal* por se ter descoberto no dia 25 de Dezembro. Era uso estabelecido naquelles tempos, o darem-se geralmente aos paizes novamente descobertos, nomes deduzidos dos mysterios do dia, ou do Santo, cuja festa se celebrava. Pela mesma razão, Gama poz o nome de *Rio de Reis*, a um grande rio em cuja fóz entrou no oitavario da Epiphania (10 de Janeiro) do anno seguinte (1498). Os Cafres d'uma das tribus que habitavão esta costa, o acolheram tão benignamente, e se fez alli o commercio com tanto socego, que lhe chamou *Aguada da Bôa Paz.* Tendo-se feito á véla para continuar sua derrota, passou de noite um cabo que denominou *das Correntes* por causa das correntes, que dirigindo-se com grande impetuosidade o abysmavão n'uma vasta bahia donde receou não se poder tirar. Por isso fazendo-se ao largo, passou sem o perceber, toda a costa de Sofála, tão celebre por suas minas de ouro, e que alguns sabios acreditaram, com bastante probabilidade, ser o *Ophir*, onde Salomão enviava suas frotas, e donde colheu todas essas riquezas que tão florescente tornaram seu reinado.

Até alli se achavão os nossos aventureiros quasi desesperados, pois não encontravão, por toda a parte por onde se dirigião em sua derrota, mais do que povos miseraveis, cu-

ja linguagem não entendião, com os quaes era necessario estar-se sempre álerta, e apenas podião obter algumas provisões, a fim de prolongarem a sua existencia, sem que houvesse o minimo indicio de melhor fortuna. Em tão terrivel situação de animo, começou o Céo a ser-lhes propicio, por que tendo entrado em 25 de Janeiro em um grande rio, encontraram algumas almadias, ou pequenos bateis preparados com vélas feitas das folhas das palmeiras, e pelas noticias que ahi colheram, e pareceram de bom agouro, se deu a este rio o nome de *Rio dos Bons Signaes*. E' certo que ahi os habitantes erão tambem negros, mas observavão-se entre elles alguns de uma côr azeitonada, que bem indicava a proximidade de homens brancos. Além d'isso erão mais civilisados e melhor vestidos. Alguns d'elles trazião tangas de algodão, e de linho pintado, barretes de sêda ou de um estofo tecido com fios de ouro e de prata. Houveram mesmo entre elles alguns, que ouvindo pronunciar algumas palavras arabes, poderam conversar com Fernando Martim, que sabia sofrivelmente o arabe, e servia de interprete, mas o que acabou de os animar, foi o dizer-se-lhes que se passassem adiante, encontrarião homens brancos como elles, e navios quasi semelhantes aos seus, os quaes navegavão por aquelles mares, para fazerem o seu commercio naquellas costas.

Póde-se ajuizar qual seria a alegria de Gama, ao ouvir indicios tão favoraveis. Animado d'estas esperanças mais bem fundadas que anteriormente, fez levantar um pilar com as armas portuguezas naquella praia, a que deu o nome de *São Rafael*, e resolveu fazer ahi concertar seus navios. Os naturaes do paiz forneceram de bom grado todos os soccorros que poderam. Como porém haja poucos regosijos que sejão completos, foi o de Gama nesta occasião perturbado por um novo genero de enfermidade, até então pouco conhecida, era o escorbuto que fez grandes estragos em

suas tripulações. Esta molestia considerada como uma especie de erysipéla fazia inchar as gengives, e apodrecendo-as cahião todos os dentes, e causava outros terriveis padecimentos. Persuadiram-se de terem descoberto a verdadeira causa d'aquella enfermidade, attribuindo-a ao uso das carnes salgadas, e ao ar pesado do mar. Morreram alguns, mas a maior parte conseguio escapar.

No dia 1.° de Março de 1498, descobriram-se 4 Ilhas, e os nossos navegantes tomaram terra na de Moçambique, aonde collocaram o padrão de S. Jorge.

Moçambique é uma pequena Ilha, pouco afastada do continente da costa oriental de Africa, a 14° e meio de latitude austral. Os naturaes do paiz, erão Cafres idolatras do reino de *Quilôa*: porém os mouros, sectarios de Mahomet, tendo-se espalhado por estas costas, tinhão feito d'esta Ilha uma escala para o commercio de Sofála, e das Indias. Quasi que não havia então na Ilha mais do que mouros, habitando miseravelmente em pobres choupanas feitas de terra, e cobertas de côlmo, de sorte que se não encontrava obra alguma de alvenaria, senão a mesquita e a casa do Cheque, que Ibrahim, Rei de Quilôa alli conservava, para a cobrança de seus impostos. Logo que os Portuguezes se apossaram d'esta Ilha, fizeram d'ella o impório de suas frotas para as viagens das Indias. Moçambique se tornou então um porto dos mais celebres; mas como o ar é ahi mui doentio, foi o lugar da sepultura para uma infinidade de infelizes, que resistindo aos trabalhos de penosas viagens terminaram ahi a sua existencia.

Tanto que Gama appareceu, viu dirigirem-se directamente a elle sete pequenas *almadias*, cheias de gente, e de instrumentistas, em seguida d'um official do Cheque, que do mais longe que poude ser ouvido fez sua saudação

em idioma arabe, e perguntou d'onde vinhão aquelles navios, e para onde se dirigião, mas logo que se asseguro u tanto pela bandeira, como pela resposta, que se lhe deu, que os navios erão de Portugal, e que procuravam uma nova derrota para as Indias, declarando-se inimigo jurado dos christãos em virtude de sua religião, e dos Portuguezes por ter sido subdito dos Reis de Fez e de Marrocos, formou desde logo o designio de os perder.

Não obstante como a sua execução não era praticavel d'armas, julgou dever dissimulár o melhor que poude: comtudo com tão pouca destreza se conduzio neste seu proposito, que Gama, que o observava com a maior attenção, julgou logo por um certo ar de perturbação que lhe notou, que elle meditava alguma perversidade. Como porém conviesse a Gama esclarecer-se em suas suspeitas, tudo se passou em civilidades de parte a parte. Houveram as maiores demonstrações de alegria; nem o acatamento que os Mouros consagrão ao Alcorão, os impediu de beber o vinho que Gama lhes fez servir. Fizeram-se mutuamente presentes, e por fim convencionou-se o fornecerem-se aos Portuguezes os viveres de que precisavão pelo seu dinheiro, e darem-se-lhes pelo preço que se ajustasse, e dous pilotos para os conduzirem ás Indias. Mas o odio d'estes infieis como não podesse permanecer por mais tempo occulto, foi immediatamente conhecida, por muitos indicios, a sua traição.

Os dous pilotos evadiram-se a nado; havia-se feito esconder alguns Abexins, com os quaes tivéra Gama já algumas conversas para colher informações, ácêrca dos Estados do Preste-João, por fim romperam as hostilidades, vindo algumas almadias a atacar as lanchas portuguezas que fazião aguada.

Como Gama dirigisse suas queixas, requerendo que se

castigassem os motores de semelhante facto, respondeu-se-lhe com bastante altivez, e terminou a conferencia por alguns insultos, que foram seguidos d'uma chuva de settas. Então Gama irritado por tal comportamento, fez disparar sobre elles alguns tiros de peça, que mataram quatro homens entrando neste numero um dos pilotos fugitivos, que morreu ao lado do chefe. O estrepito d'estes trovões mortiferos, até então pouco conhecidos, ou pouco usados nestes paizes, lançou uma tão subita consternação entre os Mouros, que todos abandonaram a Ilhá n'um instante, para poderem salvar-se no continente. O chefe atemorisado, tornando-se mais docil, concedia a Gama tudo que desejasse, porém contentando-se este em receber um piloto, levantou ferro em 13 de Março, e seguio sua derrota.

O piloto dado pelo chefe de Moçambique resolveu perder os navios, e não obstante ser vigiado, fez dirigir o rumo sobre umas Ilhotas aonde correu muito perigo a expedição. — Este plano custou bem caro ao perfido piloto, porque Gama conhecendo sua maldade o mandou açoutar com tal asperesa, que sua lembrança ficou perpetua neste lugar, chamando-se-lhes *Ilhas do Açoutado.*

Este castigo fez com que o piloto promettesse que conduziria a frota a Quilôa, cidade opulenta, famosa por seu commercio, e habitada, em parte por christãos Abexins, mas o que elle occultava, era que devendo alli saber-se já, por via de expressos que para isso se havião mandado, tudo o que se passára em Moçambique, se persuadia que deverião ter-se alli adoptado as necessarias medidas para o vingar. Como porém nem as correntes; nem os ventos tivessem auxiliado seus criminosos projectos, aconselhou então o piloto a escála por Mombaça, onde dizia que os Portuguezes acharião as mesmas vantagens que em Quilôa; e Gama considerando-se em vesperas de ficar reduzido á ultima ne-

cessidade por falta de viveres, foi obrigado a deixar-se conduzir a esta cidade aonde entrou em 7 d'Abril, vespora de Ramos.

Mombaça era então uma cidade populosa, e bastante forte, sob a dominação dos Mouros, que alli tinhão seu Rei particular, e independente do de Quilôa. Era toda ou quasi toda cercada d'agua, de sorte que formava uma especie de Ilha, ou peninsula, cujo porto apresentava duas gargantas defendidas por uma bôa Fortaleza. Suas casas erão feitas de pedra, e tinha apparencia d'uma cidade Europea. O ar saudavel, o terreno excellente e productivo, tornavão o paiz delicioso.

Gama, a quem as precedentes traições obrigára a permanecer sempre em desconfiança, não quiz entrar no porto, e se conservou dentro da barra, mas ao largo. Comtudo foi aqui acolhido com as mesmas demonstrações officiosas, que observára em Moçambique; algumas almadias cheias d'homens vestidos á turca, de turbante na cabeça, armados de sabres, punhaes, e escudos, abordaram os navios ao som d'instrumentos musicos, e com indicios d'uma extraordinaria alegria. Gama não permittiu a entrada no seu navio senão a quatro dos mais notaveis da comitiva, e a esses mesmos obrigou a largar as armas. Depois dos primeiros cumprimentos, dos beberetes, e dos presentes que se usavão em taes occasiões, elles lhe representaram, que para sua commodidade, e por sua segurança, devia entrar para dentro do porto, e accrescentaram, que além dos perigos inevitaveis d'uma barra pouco segura, elle por tão extraordinaria conducta se fazia suspeito, e ficaria exposto aos navios que andavão na costa, e que os atacarião como a piratas.

Gama recommendou se expiasse o piloto afim de que

não podesse conversar com estes homens, não obstante elle poude achar meio de lhes communicar o que se passára em Moçambique, o que tendo-lhes excitado odio, e inspirado os mesmos sentimentos de vingança, e de dissimulação, instaram ainda mais para que a expedição entrasse no porto, Gama para lhes desvanecer toda a desconfiança, e ao mesmo passo querendo tomar suas medidas de precaução, lhes prometteu, que o faria no dia seguinte, comtanto que elles lhe ministrassem um bom piloto; e com esta esperança os despedio, satisfeitos pelo bem que forão tratados, e pelos presentes que se lhes fizeram.

Vasco da Gama quando partiu de Portugal recebeu a bordo dez homens, que se lhe entregaram em ferros, e que havendo sido sentenciados á morte por seus crimes, podião ainda esperar o merecer que se lhes perdoasse, conforme, os casos que occorressem, e nos quaes elle rasoavelmente não podia expor homens mais honrados. Gama devia servir-se d'estes homens nos casos de desconfiança, e por este motivo havia já deixado alguns em sua derrota.

No dia seguinte como alguns Mouros de consideração viessem visital-o, e o instassem a que cumprisse sua palavra, Gama pediu ainda dous dias de espera, sob o pretexto de que era então a Paschoa dos christãos, mas que entretanto passava a enviar dous individuos de distincção para cumprimentarem da sua parte o Rei, e de lhe assegurar que no terceiro dia entraria no porto. Erão dous d'aquelles criminosos, aos quaes havia dado suas instrucções; mas como fossem conduzidos com as mesmas precauções, que se usão nas praças de guerra em tempos suspeitosos, elles não poderam informar senão da quantidade de gente que havião visto, da belleza do palacio do Rei, e da audiencia que este lhes déra.

Gama resolveu finalmente entrar no porto, e os Mouros para o obsequiarem vierão em muitas lanchas, elegantemente empavesadas, e em que o numero e a variedade de instrumentos formavão um concerto de musica mourisca, que não era de todo desagradavel: algumas d'estas lanchas se encostaram aos navios, e por mais esforços que se fizeram, entraram nelles maior numero de homens que aquelle que se desejava. Gama deu ordem de apparelhar, o que cauzou summo prazer aos Mouros, que se persuadiram terem já sua preza entre mãos, mas quando os navios estavão com as velas largas, a capitania difficultosamente recebia vento, Gama receando que não podendo ser governada fosse dar sobre uma restinga proxima, fez lançar um pequeno cabo para abordar, e amainar as vellas, e como esta subita manobra se não podesse executar sem grande movimento, e a presença do perigo communicasse mais acção á marinhagem, os Mouros que se achavão dentro dos outros navios, e que ignoravão a causa d'esta inesperada manobra, persuadiram-se que estava descoberta a suá traição, e se precipitaram todos no mar para se salvarem a nado. Os que se achavão na capitania, e conjunctamente o Piloto traidor de Moçambique, author occulto d'esta conspiração, seguiram este exemplo. Gama advertido por este acontecimento de sua maquinação, no que mais o confirmaram os esforços que os Mouros fizeram mandando de noite homens para picarem as amarras, deu á vella em 13 de Abril para hir procurar um porto mais seguro, e uma nação menos perfida; e como encontrasse dous bateis que se dirigião para Mombaça, elle os tomou, e posto que a maior parte dos Mouros que nelles se achavão se lançassem ao mar, ainda se aprisionaram treze, que sendo interrogados separadamente declararam que se achavam proximos d'uma cidade florescente, por nome *Melinde*, cujo Rei protegia em extremo o commercio, acolhia benevolamente os estrangeiros, e que alli acharia Gama pilotos que o conduzissem ás Indias, as pro-

visões que desejasse, e toda a sorte de mercadorias. Em vista de taes informações, Gama não hesitou um momento em se dirigir para alli, e entrou no porto no dia 15 de Abril, Domingo de Pascoa.

Melinde situada n'uma bella planicie, era toda cercada de magnificos jardins. O Rei d'este paiz, possuia todas as boas qualidades que constituem um homem honrado e probo; e tanto que Gama lhe mandou dar parte de sua chegada, por um d'estes criminosos, de que temos fallado, acompanhado d'um dos Mouros que ultimamente se haviam aprisionado, elle se lhe mostrou agradecido pela chegada dos Portuguezes, e se julgou por muito obsequiado em ser procurado, de tão longe, por um Principe poderoso, do qual, pelo que se lhe havia referido, formava uma alta idéa. Neste sentido, teve lugar entre a Côrte, e Gama uma alternada correspondencia de polidez, e de boa fé, que de parte a parte causou satisfação. O Rei, que sua idade, em extremo avançada, fazia estar de cama, havia deixado o cuidado dos mais importantes negocios a um filho legitimo, herdeiro de seus Estados, por suas qualidades digno de um tal pai. Este Principe como tivesse igualmente concebido uma verdadeira estima pelos Portuguezes, applicava-se a demonstrar-lho de todos os modos possiveis; mas querendo attrahir o General a terra; mandou rogar-lhe que não recusasse uma visita a El-Rei seu pai, que mui ardentemente o desejava vêr, e que seus achaques empecião de sahir de sua casa, offerecendo-lhe, ao mesmo tempo, a fim de lhe tirar todo o motivo de desconfiança, os seus dous filhos em refens.

Gama, a quem tantos obsequios punhão ainda em maior desconfiança, se desculpou com as terminantes ordens que recebêra d'El-Rei e accrescentou, que não obstante, se quizesse fazer-lhe a honra de vir conferenciar a bordo, pela sua

parte faria metade do caminho para o hir encontrar. O Principe a quem sómente a sinceridade, e a estima fazião obrar, quiz nesta occasião renunciar ás etiquetas que a sua dignidade requeria, e consentiu no que se lhe propozéra. Gama, lisongeado d'um passo, que o nivelava com um Soberano, deu as convenientes ordens ás guarnições dos navios, fez empavesar a sua lancha, e não omittiu cousa alguma que podesse fazer aquella entrevista a mais solemne possivel. Por outro lado o Principe, querendo dar-lhe uma idéa de sua grandeza, avançou para o porto sentado sobre um palanquim, seguido d'um numeroso cortejo; no meio das vozes, e instrumentos musicos que em torno d'elle formavão um concerto. Gama logo que viu embarcar o Principe, desceu para a sua lancha, e quando se aproximaram o Principe entrou com toda a franqueza na lancha de Gama, abraçou-o com ternura, e tendo-se restabelecido um pouco do susto que as salvas d'artilheria dos navios lhe motivaram, e que por essa rasão forão mandadas suspender, teve lugar entre elles uma agradavel conversação, durante a qual, o Principe visitou todos os navios, a fim de os examinar, Gama pela sua parte, desejou ver a cidade d'um ponto mais proximo, mas sem desembarcar. Assim, depois de terem feito juntos muitos giros se separaram, mutuamente satisfeitos um do outro; mas o Frincipe particularmente ficou ainda mais encantado do presente dos treze escravos Mouros, que Gama lhe fez, do que de todos os outros que recebêra.

Havião no porto, quando Gama alli chegou, quatro navios das Indias, em que se achávão christãos Indios, alguns Banianos, e um mouro de Guzarate, os quaes mostraram grande alegria, ao verem os Portuguezes. Esta não foi menor da parte de Gama que teve toda a liberdade de lhes fallar, e das frequentes conferencias colheu esclarecimentos, e instrucções salutares, que muito lhe convinha saber.

Pretendem alguns escriptores, que foi nestas intrevistas de Gama com os Indios, que elle aprendeu uma nova maneira de tomar alturas, e de fazer uso da *bussola* que sem contrariedade são dous pontos tão essenciaes na navegação, que, sem elles, esta se tornaria impossivel nas grandes viagens. Diz-se que tendo-lhes Gama feito ver o seu astrolabio, e o que os mathematicos portuguezes havião inventado para uso dos pilotos, elles longe de se mostrarem admirados, ao contrario lhe apresentaram cousas ainda mais perfeitas n'esta materia, que affirmavão serem communs tanto aos Arabes, que navegavão no mar Vermelho, como igualmente a todos os que frequentavão o mar das Indias. Que lhe fizeram, em particular conhecer esta admiravel alliança do iman e do ferro na agulha magnetica, e que Gama, na sua volta para Portugal publicou todos estes conhecimentos; o que seria certamente um dos maiores serviços que Portugal teria podido fazer á Europa.

Mas posto que haja quem se persuada, que o conhecimento da *bussola* particularmente possa ter vindo das Indias á Europa, como a imprensa, e a polvora que existião na China, muitos seculos, antes das viagens dos Europêos ao Cattai (*) no tempo das Cruzadas, comtudo não consta que fossem os Portuguezes os que os transmittissem ás Nações Europêas. Alguns attribuem a sua invenção ao Napolitano Flavio Melpha, dous seculos antes das primeiras navegações dos Portuguezes (**)

(*) Chamava-se assim antigamente a parte septentrional da China que hoje comprehende as trez grandes provincias de Chausi, cuja capital é Sin-Guan-Fon; de Chausi, cuja capital é Tay-Janen-Fon; de Pe-Tche-Li, cuja capital é Pekin.

(**) A origem da bussola perde-se na obscuridade dos tempos remotos, e no labyrinto das conjecturas. Uns attribuem como o author a Flavio de Melpha Napolitano, que

Gama não encontrou difficuldade em se abastecer de tudo que necessitava para seguir viagem. Alguns Mouros e Indios que se achavão em Melinde, mas que erão a ella estranhos, pediram passagem a Gama, e quizeram hir em sua companhia. O Principe hereditario lhe permittiu o colocar alli um pilar com as armas d'El-Rei de Portugal, como um testemunho de sua alliança com este Monarcha. Deu um habil piloto, indio de nação, e finalmente, por cumulo de sua cortesia, exigiu de Gama a promessa de passar por Melinde na sua volta para Portugal, a fim de estreitar ainda mais os laços de sua amisade, e tomar a seu bordo os Embaixadores que pertendia enviar, em seu nome, a El-Rei D. Manuel.

A expedição sahiu de Melinde no dia 24 de Abril, e tomando o rumo de Nordeste, atravessou aquelle grande golfo cortando em direitura ao Indostão, e em 20 de Maio de 1498 entrou Vasco da Gama em Calecut, fim d'esta extraordinaria navegação.

Posto que pelo nome generico de Indias Orientaes, se entendão commumente todas essas vastas regiões da grande Asia, que ficão além do mar d'Arabia, e do reino da Persia, comtudo as Indias não são mais do que es-

vivia no seculo 13.°, posto que Guyet de Provins antigo poeta francez do 12.° seculo attesta em uma de suas obras ser instrumento conhecido de seu tempo. Pretendem outros que ella deve sua origem á França. Outros pensão serem os inglezes, que podem disputar essa gloria, ou pelo menos que elles a aperfeiçoaram. Outros tem-a como originaria da China. Outros finalmente affirmão, que Marco Paulo, ou outros Venezianos que hião ás Indias e á China pelo mar Vermelho, forão os que fizeram conhecer esta importante experiencia, cujo uso fôra depois aperfeiçoado por differentes pilotos entre os Europêos.

se grande espaço de terra firme, limitado ao Occidente pelo rio *Indo*, de que todos estes paizes tiraram o nome, o qual os sepára, por aquella parte, da *Gedrosia* (*), da *Caramânia*, da *Persia* e da *Arrhénia* (**) provincias que se extendem até ao mar Caspio. Tem, ao Septentrião, os montes Imaús, que são um prolongamento de Cáucaso, e as separam da Sythia e da Tartária ao Oriente, o imperio da China ao meio dia o mar Oceano, chamado tambem mar das Indias, sobre o qual avanção grandemente as duas vastas peninsulas d'aquem, e d'além do Ganges, entre o mar d'Arabia, e o da China, onde se acha um archipélago semeado d'innumeravel multidão de Ilhas sem nome, muitas das quaes formão por si só Estados consideraveis. A India porém, considerada d'uma maneira mais precisa, e comprehendida entre limites mais apertados, é o que os naturaes do paiz chamão *Indostão*, e contem todo o paiz, comprehendido entre o Indo e o Ganges, ambos os quaes, sahindo dos montes Imaús, e correndo de Norte a Sul, vão lançar-se no Mar das Indias.

(*) A Gadrosia era o nome que antigamente davão a uma provincia asiatica dos Estados da Persia, tendo por limites ao Occidente a Caramânia; ao Norte a Drangiara, e a Arakosia; ao Oriente o rio Indo, e ao Sul o mar das Indias.

(**) Ariana parece ser a Arrhénia de hoje, paiz d'Armenia.

CAPITULO IV.

ANNOS DE 1499 E 1500.

Descreve-se o Indostão, Quaes os seus Principes, e a origem d'estes. Distinguem-se as differentes castas de seus habitantes. A que deoses rendem culto: e quaes sejam seus livros sagrados. Como se habilitão os Brachmanes para o sacerdocio. Sua vida edificante. Qual a casta dos Naires ou nobres. Em que se occupão as castas populares: qual a condição das mulheres, e a magnificencia dos templos. Importancia de Calecut; circumstancias que tornão impraticavel o mar das Indias em certas épocas do anno. Como se conduz Gama para com o Çamorim, e como se viu obrigado a sahir d'alli. Passa ás Ilhas d'Anchedivas, faz concertar alli seus navios, e

tendo feito aguada, faz-se á véla para Portugal. Vai a Melinde, onde recebe um Embaixador do Rei. Nas Ilhas de S. Jorge perde um navio sobre um banco de areia. Dobra o Cabo da Bôa Esperança. Passa pelas Ilhas de Cabo Verde, Açôres, e chega a Lisboa. Sua entrada solemne na Capital. Obsequios e mercês que El-Rei lhe fez. Edifica El-Rei D. Manuel, em acção de graças, o Mosteiro dos Jeronimos em Belem. Trata de fazer apromptar uma nova, e numerosa frota com destino ás Indias. Pedro Alvares Cabral é nomeado General em Chefe. Solemne partida d'este porto de Lisbôa. E' impellido pelos temporaes para um porto da Costa d'America, a que deu o nome de Porto Seguro, e á terra descoberta o de Santa Cruz. Descripção de seus habitantes. Faz alli colocar um pilar com as armas de Portugal em signal de posse, e manda para Portugal um navio com esta noticia. Quatro de seus navios naufragão perto do Cabo da Bôa Esperança, e os demais são dispersados por uma violenta tempestade. E' bem recebido em Moçambique e evita uma traição do Rei de Quilôa. Toca em Melinde onde deixa o Embaixador que Gama d'alli levára. Recebe aqui os maiores obsequios e juntamente dous pilotos que o conduzem ás Indias.

O Indostão foi já quasi todo do Imperio do Gram Mogol. No tempo em que os Portuguezes o descobriram, estava repartido entre cinco poderosos Monarcas, cada um dos quaes tinha muitos Reis tributarios. Erão estes os Reis de *Cambaia*, *Delhi*, *Décau*, *Narsinga*, e *Calecut*. Este ultimo era conhecido pelo nome de *Çamorim*, que corresponde ao de Imperador. Seus Estados erão os mais ba-

nhados pelo mar, e se extendião por todo o Malabar (*).

Estes Principes, successores de Porus, erão todos, originariamente gentios. A antiga idolatria, e as orgias de Bacho, transmittidas de individuo a individuo, erão ainda a religião dominante entre a maior parte d'elles, e se achava em todo o seu explendor. Observava-se alli a mesma distincção das castas, ou tribus, de que nos fallaram os antigos geographos e os escriptores que se occuparam das acções de Alexandre o Grande. Entre estas castas, distinctas por nascimento, e eternamente ciosas da superioridade, que conservavão umas sobre outras, as mais consideraveis erão as dos Brachmanes, e as dos Naires, ou Nobres.

Os Brachmanes, nascidos do sangue dos antigos Gymnosophistas (**) herdeiros de seu espirito, e de sua doutrina, erão os unicos depositarios da religião de seus antepassados, os oraculos de seus deuses, os interpretes de suas leis, e os unicos que tinhão direito ao Sacerdocio e ao ministerio dos altares. Elles reconhecião um Sêr supremo, chamado *Parabrôma*, a qual produzio trez Deuses superiores a todos os outros, que na opinião dos *Nianiguelos* não formão todos juntos mais do que uma unica Divindade, posto que segundo a idéa commum e popular, sejão trez Sêres creados, e subalternos, aos quaes o Ente Supremo delegára tudo. *Brâma*, o primeiro dos trez é o Deus Creador.

(*) Hoje o nome de Indostão é applicado a toda a peninsula áquem do Ganges, e se acha dividido em cinco Estados principaes, que são os da Maharatas de Pounah, os de Behrar; os de Nizan do Décau; os da Seyks, e os dos Inglezes. Estes possuem Bengala, parte do Bahor, d'Orixa, d'Albahabad, Circars, Carnat, e os Estados de Tipo-o Sultão.

(**) Antigos filosophos da Ethiopia os quaes andavão quasi nús, e levavão uma vida mui austera, contemplando a natureza.

delle que saíram os Deuses inferiores, e todos os sêres visiveis e invisiveis. *Vichnû* o Deus conservador, e *Rutrem*, o Deus destruidor. Os Brachmanes, em memoria d'estes Deuses, trazem de tiracóllo trez cordões unidos, e compostos, cada um de trez fios de differente côr, como testemunho d'uma profissão de sua fé, que se presume ser uma idéa corrompida da revelação do mysterio da Trindade, e uma devisa distincta do seu estado, e da sua casta. Estes trez Deuses incarnaram muitas vezes sob differentes fórmas, teem alcançado sobre os demonios muitas victorias, as quaes se vião differentemente expressas sob as figuras emblematicas dos idolos, adorados em seus templos.

Além d'estes trez Deuses, ha uma infinidade de outros, distribuidos por diversos *Chorcâmos* ou Paraizos. Suas idéas sobre as incarnações de seus Deuses tem muita relação com as fabulas da mythologia dos Gregos, e suas differentes classes de divindade, ás idéas dos antigos Egypcios e dos Platonicos, de que Jamblico nos deu uma extensa descripção no seu livro *dos mysterios*. A sua doutrina sobre a Palingenesia ou a reproducção do mundo, e a transmigração das almas, é inteiramente conforme á de Platão, e de Pythágoras. Não ha nada mais extravagante do que a sua religião, sob a apparencia das fabulas em que se acha envolvida. Os principios de sua moral serião muito bons, se elles fossem observados, e se mesmo a sua religião os não alterasse e os não corrompesse. As suas ceremonias legaes são infinitas, e misturadas de todas as fatuidades da astrologia judiciaria, da magia, e d'uma tão minuciosa superstição, que póde dizer-se ser levada aos ultimos excessos.

O *Védam* é dividido em cinco livros, e contém toda a sua religião, seus mysterios, e preceitos. Elles o tem d'uma tradição immemorial. O Védam é reputado entre elles, como entre nós o são as santas escripturas, e es-

tá escripto em linguagem tão antiquaria, que mui poucos ha entre elles que o entendão. Os commentarios supprem o texto. Fazem d'elle um estudo que fórma quasi a occupação de toda a sua vida. Começão-no desde os seus primeiros usos da rasão, e á medida que progridem na idade, são admittidos a conhecimentos mais sublimes, aos gráus de suas Universidades, e ás differentes ordens de sua jerarchia. Este curso d'estudos é ao mesmo tempo um curso d'iniciações, cujas provas constituem um duro noviciado, os quaes se tornão mais rigorosos á medida que se é promovido a gráus elevados; e por consequencia em suas opiniões mais santas. Em geral, a sua vida mui austera, é sujeita a uma infinidade de observancias legaes. Não comem cousa que tivesse vida; passão de esmolas, e prezão-se d'uma regularidade extrema: regularidade apparente, que impondo a povos nimiamente supersticiosos, os tornão o objecto da veneração dos mesmos, e lhes inspirão tanto orgulho para com sua propria pessoa, e tanto desprezo para com os outros, que ainda o mais miseravel da casta dos Brachmanes se julgaria manchado, se fôra tocado pelos Reis, ou se comesse com elles, se esses Reis não fossem Brachmanes, posto que não tenhão difficuldade alguma em se fazerem seus cosinheiros, e servil-os nos ministerios os mais vis.

Nem esta austeridade de vida é a mesma para todos, é differente, conforme as seitas, e os diversos Deuses, que elles fazem profissão de servir mais particularmente. Uns vivem na sociedade, outros passão a vida retirados. Uns são cazados, outros professão o celibato. Alguns ha que vivem em numerosas communidades, outros se entranhão pela solidão, e entre estes ha differentes ordens de penitentes, cuja vida é tão excessivamente inhumana que se não podem lêr sem horror as crueldades que elles praticão a si proprios.

A segunda casta é a dos Naires, ou dos Nobres, de que ha duas classes que se podem considerar como a sua alta e a sua pequena nobreza. Pertencem á primeira os Rojaes, e os Caimaes, que são pequenos Soberanos, ou outras pessoas qualificadas como entre os Europêos os Duques Marquezes, Condes, etc. A pequena nobreza comprehende os Naires puros. Estes fazem profissão das armas, e são educados, desde a idade de sete annos, em Academias analogas ás dos nossos antigos Cavalleiros Europêos. Os rigores que elles alli experimentão são extraordinarios, e se se tornão habeis na arte da guerra, pode dizer-se que a comprarão por ensaios terriveis. Não podem servir nos exercitos, nem pegarem em armas, em quanto se lhes não tenha cingido a espada solemnemente depois d'um certo numero de annos, que terminão o curso d'estes penosos ensaios. Elles se exercitão de continuo nestes ensaios, e este exercicio lhes procura uma tão assombrosa destreza, força, e ligeireza, que se não pode perceber, e tal desprezo da morte, que parece inacreditavel. Aquelles d'entre os Naires chamados os *Affeiçoados*, e que ligaram a sua vida, por juramento á de algum principe, são de todos elles os mais perigosos e temiveis. Fieis a seu juramento, não deixão jámais de seguir seu protector á sepultura, mas para o defenderem, não ha perigo a que se não exponhão, nem gegenero de morte que não arrostem. Comtudo elles são extremamente supersticiosos, e feros de sua superstição sem embargo de serem todos elles mendigos, e miseraveis. Por mui longe que appareção na rua gritão, que se affastem para elles passarem pelo receio de serem manchados, caso que alguem do povo lhes toque. O que se torna mais singular é que muitos d'entre elles, e principalmente os irmãos, teem uma mesma esposa, a qual elles repartem sem ciume. Não transmittem suas heranças, senão aos filhos de suas irmãas, ou de outros seus parentes da parte materna

As demais castas do povo miudo disguem-se, como Heródoto nos conta a respeito dos primeiros Egypcios, pelas suas profissões, são negociantes, lavradores, guardadores de gado, e mesmo ladrões. A mais miseravel de todas estas castas é a do *Parias* os quaes comem a carne dos animaes, e que por esse motivo se tornão tão abominaveis, que apenas são olhados como homens.

A condição das mulheres é nas Indias mui penosa pela obrigação que teem de se queimarem sobre o corpo de seus maridos, sob pena de cahirem no ultimo despreso, e de serem obrigadas a prostituirem-se para o serviço dos templos, abominação que a sua religião authorisa, como igualmente o costume deshumano de se fazerem esmigalhar debaixo das rodas de carros dos idolos, ou de se fazerem morrer barbaramente em honra dos mesmos.

Nada havia que igualasse a magnificencia de seus templos ou pagodes, e a ser verdade o que alguns authores affirmão, só o portico d'um d'estes templos, onde se guardavão as victimas destinadas aos sacrificios, se compunha de setecentas columnas, que igualavão em belleza as do soberbo Panthéon de Roma; pode-se avançar que duas estupendas obras iguálão e mesmo excedem os edificios do antigo Egypto. Seus pagodes são mui ricos; seus mosteiros mui numerosos, e mui bem fundamentados, seus idolos carregados de joias d'um valor incalculavel, de sorte que se formaria uma vantajosa idéa de sua religião, a julgal-a simplesmente pela sua opulencia.

Calecut era então a séde do sacerdocio e do imperio, e ao mesmo tempo a cidade mais opulenta d'estes paizes, e ponto geral da reunião de todas as riquezas e preciosidades do Oriente. Vião-se girar no commercio os diamantes e as pedras preciosas das ricas minas do Indostão, as pe-

rolas, o ouro, a prata, o ambar, o marfim, a porcelana, os estôfos de seda, os de linha estampados, o algodão, o anil, o assucar, as especiarias de toda a sorte, a madeira preciosa, os arômas, e geralmente tudo o que pode contribuir para o uso, e para as delicias da vida.

O Indostão é atravessado por uma cadêa de montanhas, que o cortão pelo meio, e terminão no celebre Cabo de Çamorim. O que aqui ha de mais maravilhoso, é que n'um mesmo clima, nas mesmas épocas do anno, e n'um espaço tão pequeno, como a espessura d'esta cadêa, as estações são de tal modo reguladas, que os que ficão a Leste d'estas montanhas gozão d'um estio mui secco e bello, em quanto que os do poente jazem abismados n'um inverno, que dura todo o tempo dos nossos calores na Europa. O inverno faz-se menos notavel pelo frio que ahi se sente, do que pelas continuas chuvas, e ventos fortes que tornão os mares das Indias impraticaveis, o que obriga os estrangeiros, que conhecem a sua épocha, a prevenil-os aproveitando-se da monção para se retirarem para os seus paizes, e forçar os naturaes do paiz á pôrem seus navios a coberto, trazendo-os para os estaleiros, ou para os arsenaes onde se conservem seguros.

Como fosse em tal épocha que Gama arribou a estas costas, conheceu-se logo pela dita chegada melhor do que pela fórma desconhecida de seus navios, que elle vinha de paizes mui remotos, e tinha pouco uso da navegação d'estes mares. Permittiu porém a sua boa fortuna, que á sua chegada, aquelles que elle enviou para terra afim de participarem ao Çamorim o objecto de sua vinda, encontrassem um estrangeiro, que perguntando-lhes em bom castelhano o que vinhão alli buscar, se lhes deu depois a conhecer, e de tal sorte se lhes affeiçoou, que aos seus bons officios deveu Gama o magnifico acolhimento que recebeu em Calecut.

Era um Mouro, natural de Tunes, por nome Monzaida, fallava muito bem o Castelhano, havia conhecido os Portuguezes em Africa, e posto que seu inimigo pela differença da religião, como em toda a parte se encontrão homens de bem que aprecião o verdadeiro mérito, Monzaida estimava os Portuguezes como guerreiros generosos. Exercia elle então o officio de Corretor, ou Agente de commercio em Calecut. Conheceu-se que era amigo do outro Mouro que Gama mandava na companhia de um dos criminosos que comsigo levára, de maneira que tendo-os desde logo convidado para a sua casa, obsequiou os Portuguezes com tanta candura e civilidade, que parece que o Ceo quiz de futuro recompensal-o inspirando-lhe a graça da propria conversão.

Havendo primeiramente uegociado com o Catual, ministro do Çamorim em Calecut, relativamente ao commercio, e aplanado as difficuldades que se offereceram, fez porver á segurança da pequena frota, fazendo-a entrar no porto, que fica um pouco affastado da cidade; e de tal sorte se conduzio que o Çamorim sentindo lisongeada a sua vaidade de vêr uma nação nobre, guerreira, rica, e poderosa, vinda das extremidades da terra, sollicitar a sua amizade, e pedir-lhe a graça de lhe abrir seus portos, quiz receber Gama na qualidade de Embaixador d'um dos maiores Monarchas do Mundo.

Sendo pois necessario que Gama se apresentasse pessoalmente, a desconfiança em que estavão os Portuguezes sobre estas costas barbaras, e até então desconhecidas, motivou difficuldades no conselho que se convocára. Paulo da Gama foi o que mais energicamente se oppoz ao desambarque de Vasco da Gama, e tão solidas erão suas razões que com ellas poude trazer os mais á sua opinião. Mas Gama cortou por sua resolução todos os embaraços, e tendo dado

as convenientes ordens a seu irmão para em seu lugar exercer as funcções de chefe, e determinando que Nicoláo Coelho, conduzisse as lanchas, encostando-as sempre á terra o mais que podesse, a fim de que lhe fosse facil a retirada, ordenou a seu irmão, em virtude de sua authoridade, que ainda quando elle visse cravarem-lhe um punhal no coração, preferisse o serviço d'El-Rei ao cuidado de sua vida, que não fizesse o menor movimento para o soccorrer, nem para o salvar, mas que aparelhasse immediatamente, e partisse para Portugal, a participar a El-Rei os detalhes d'esta viagem, e a descoberta das Indias.

O discurso que Gama pronunciou nesta occasião arrancou lagrimas a toda a sua gente, elle porém conservando sempre seu sangue frio, e certo ar de intrepidez que reanimava a coragem abatida de todos, escolheu doze pessoas para lhe servirem de cortejo, e preparado com seus mais ricos uniformes, entrou nas lanchas, e se dirigiu para terra ao estrepito da artilheria dos navios, e ao som dos tambores, pifanos e trombetas, o que produzia uma especie de pompa que não deixava de tirar todo o seu valor da novidade.

O Catual, que o esperava ao desembarque, acompanhado de duzentos homens, parte para lhe transportar suas bagagens, e parte para formar sua guarda de honra, tendo-o recebido com bastantes demonstrações de amizade, o fez subir para um palanquim, e elle entrou n'outro, seguindo-se dous a dous os portuguezes do cortejo, no meio de uma immensa chusma de povo, que a curiosidade atrahia de todas as partes, e ao qual as figuras, e os vestidos d'estes novos hospedes parecião tão extravagantes, como os d'estes Indios o podião parecer aos Portuguezes.

Era necessario que este cortejo se dirigisse até Pan-

derane, palacio de recreio, em que então se achava o Çamorim, a cinco milhas de Calecut. Atravessou-se esta cidade sem parar, e foi-se dormir a uma pequena povoação que ficava na estrada. No dia seguinte continuou-se a marcha. Havia na estrada dous pagodes ou templos de idolos; onde foi necessario entrar. Os Portuguezes, que se persuadião que todos os Indios erão christãos, antigamente convertidos á fé por S. Thomaz, tomaram-nos por igrejas. Forão confirmados nesta idéa pelos Brachmanes, que colocados em alla á porta lhes apresentavão suas aguas lustraes, que elles suppozerão ser agua benta, e com as quaes mui devotamente fizerão em si o signal da cruz. Apresentaram-lhes depois uma pouca de cinza de bosta, que elles mui humildemente poseram em suas cabeças. Como entrassem para dentro dos templos prostraram-se diante dos idolos. E' verdade que as figuras d'estes idolos lhes motivaram alguma suspeita, mas ficaram socegados logo que viram um, que muito se parecia com o da Santa Virgem, tendo seu filho ao collo, e como alguns Indios tivessem pronunciado o nome de *Marian*, elles se persuadíram, que effectivamente era a Virgem *Maria*, e a adoraram com aquella devoção, que foi sempre particular á Nação Portugueza; entretanto um d'entre elles mais desconfiado que os outros, exclamou: « Que elle adorava a Deus, mas que se erão demonios, renunciava a esta adoração de muito boa vontade. » Gama que o ouvira, não poude deixar de rir, mas nem elle, nem os outros, por isso que seu êrro muito divertiu os Indios, se derão por enganados.

Foi n'um d'estes templos que o irmão do Catual, que se achava n'uma dignidade mais eminente, veiu receber o Embaixador acompanhado de grande numero de Naires, e de um sequito muito mais lusido, e nobre que o primeiro. Gama subio a outro rico e magnifico palanquim, estava tão contente da sua sorte, que repetidas vezes

dizia com prazer: Que estava bem longe de se pensar em Portugal, que a nação viesse receber em tão remotos paizes tantas honras, quantas actualmente recebia em sua pessoa.

D'esta sorte chegou o acompanhamento ao palacio do Rei. Vierão receber o Embaixador á entrada os senhores mais qualificados do Estado, e o conduziram atravez de cinco espaçosos páteos, a cujas entradas havião guardas, que á força de bastonadas procuravão affastar a populaça, mas era tão vivo o empenho que todos tinhão de ver os novos hospedes, e tão grande o aperto, que morreram algumas pessoas suffocadas.

A sala da audiencia grande e espaçosa, estava ornada de ricas tapessarias de diversas côres, e o pavimento tapizado de veludo verde: todo o circuito da mesma occupado com assentos dispostos em amphitheatro, e ricamente enfeitados: no fundo da sala havia um sophá ou leito de descanço, no qual estava o Çamorim com a cabeça languidamente reclinada sobre algumas almofadas. Mostrava sêr de mediana idade, bella estatura, e de boa presença. Tinha na cabeça uma especie de barrete em fórma de tiara ou mitra. Uma tunica branca semeada de rosetas de ouro, e que lhe descia até aos joelhos, era todo o seu vestido. Diversos anneis de ouro com pedras d'um valor inestimavel ornavão suas mãos. Seus braços e pernas estavão nús, e aformoseados com braceletes guarnecidos de pedraria tão brilhante, que offuscavão a vista. Tinha diante de si dous grandes vasos de ouro, um dos quaes continha o seu betel, que lhe era apresentado por um dos senhores mais qualificados da côrte, (*) o outro estava cheio

(*) Betel é uma planta, ou especie de trepadeira das Indias cujas folhas os Indios mascão sem cessar, por ser fortificante das gengivas, e estomacal.

d'agua para elle enxaguar a boca, era do mesmo metal a bacia em que escarrava.

Tanto que o Embaixador appareceu á entrada da sala, o Grande Brachmane ou Pontifice da Côrte, ancião respeitavel por sua idade, e representação, caminhando para elle, o conduzio até ao meio da sala e o apresentou ao Rei. Depois de Gama e os seus terem feito a saudação ao modo do paiz, segundo se lhes ensinára, o Çamorim os fez sentar. Serviram-se-lhes então algumas fructas, e outros refrescos, que os Portuguezes comêram com grande appetite. Durante a comida, ou fosse porque o porte d'estes estrangeiros, ou a sua maneira de comer tivesse alguma cousa desagradavel para o Çamorim, que conversava de mansinho com aquelle que lhe apresentava o betel, é certo que elles fazião o objecto d'aqnella conversação. Logo que acabáram de comer, os Portuguezes pediram de beber, e se lhes serviu agua, porém como quizessem conformar-se com o uso do paiz, bebendo sem tocar o vaso com os beiços pelo receio de se mancharem, este modo de beber, que lhes era tão estranho, sortiu tão máu effeito, que com isso ministraram aos circumstantes um novo motivo de divertimento.

O Çamorim logo que terminou o refresco mandou dizer a Vasco da Gama que podia communicar a sua mensagem a alguns d'aquelles senhores, que estavão em torno d'elle, Gama persuadido de que d'esta sorte era menoscabada a dignidade d'El-Rei, respondeu que os Reis não communicavão senão com os Reis, e com os ministros d'estes, e na presença de poucas pessoas. O Çamorim teve a complacencia de condescender com os desejos do Embaixador, e o fez passar para uma camara proxima, onde elle mesmo se apresentou com alguns de seus principaes officiaes.

Leu-se então alli a carta d'El-Rei de Portugal. Gama

pronunciou um discurso concibido quasi nos mesmos termos. O Çamorim respondeu a tudo com bondade, e em termos curtos e precisos, que davão a entender que estimava a alliança d'um Principe, que o prevenira d'uma maneira tão agradavel, e testemunhou estar prompto a promover o seu commercio, logo que se lhe fizesse saber que mercadorias se trazião, e que generos se desejavão do seu paiz. Depois do que tendo perguntado ao Embaixador com que gente desejava ficar, se com os mouros, ou christãos (porque assim chamava aos Indios gentios, que Gama qualificava de christãos) o fez conduzir a Calecut, aonde foi tratado magnificamente.

Até alli tudo havia caminhado o melhor possivel, duas cousas porém destruiram as bellas esperanças que Gama entretinha d'um bom exito, a primeira foi a impossibilidade em que se achou d'offerecer presentes a um Principe tão poderoso, pois o que mandára era tão insignificante que fôra regeitado com despreso. Qualquer raridade da Europa teria sido sufficiente; mas a Côrte de Portugal não teve cuidado de a obter. Gama se desculpou o melhor que poude, allegando: « Que havia quasi um seculo que os Portu-
« guezes procuravão um caminho para chegar á Côrte do
« Imperador das Indias: Que todos os capitães que até en-
« tão se havião enviado para esse fim, voltaram desesperados
« de fazer tal descoberta: Que elle proprio partira na incer-
« teza de poder acertar melhor; e que não chegára até al-
« li senão depois de ter supportado trabalhos incriveis. Que
« a amizade d'El-Rei de Portugal valia mais que todos os
« presentes da terra, e que se presentes era o que se dese-
« java, na sua volta ás Indias, os faria tão valiosos, que por
« elles saberião avaliar o Monarcha, a que tinha a honra
« de pertencer. » Taes rasões erão verdadeiras e legitimas, porém era desagravel não haver que dar mais do que bellas palavras n'um paiz interesseiro, aonde os Embaixadores

nunca se apresentavão aos Reis e a seus Ministros com as mãos vasias.

A segunda causa porém do máu resultado dos negocios dos Portuguezes em Calecut, foi a intriga forjada pelos mahometanos, e nesta cabala entrou mais a intriga do que a differença da religião. Elles fazião um grande commercio em Calecut, onde concorrião das costas d'Africa e da Arabia, e erão os unicos depositarios das riquezas das Indias, as quaes a Europa recebia d'elles em primeira mão. Vendo pois que os Portuguezes se dirigião para alli, temêram com rasão, que lhes viesse a ser roubado este commercio, e como tal motivo excitasse o seu ciume, resolvêram perdêl-os, e de maneira que nem um só d'aquelles Portuguezes podesse voltar a dar ao seu paiz a fatal noticia da descoberta das Indias.

O dinheiro que derramaram abundantemente lhes adquiriu a vontade do Catual e dos principaes Ministros, e mudou consequentemente o favor d'estes para com os recemchegados, que por sua pobresa estavão já algum tanto desacreditados; elles chegaram mesmo a dirigirem requerimentos ao Çamorim, em que representavão os Portuguezes como piratas miseraveis, sem fé, e sem honra, que em sua derrota havião deixado por toda a parte signaes de crueldade e perfidia, de que era um testemunho o que tinhão praticado em Moçambique, e Mombaça; e acerescentavão, que se fosse veridico serem subditos d'um poderoso Monarcha, convinha antes oppôr-se aos projectos d'um povo orgulhoso, que a ambição e o desejo de conquistar trazião desde o fim do mundo áquellas paragens, do que favorecel-o com prejuizo dos musulmanos, que desde tempo immemorial commerciavão nestes paizes na boa paz, e d'uma maneira tão proficua ao Estado, que só os direitos de entrada, que elles pagavão, fazião o principal rendimento do Monarcha.

Estas rasões que não deixavão de ser secretamente apoiadas, como fizessem impressão, Gama poude facilmente perceber a mudança da Côrte a seu respeito, e advertido por Monzaide, que não quiz entrar no conloio dos de sua seita, elle se considerou de repente n'um dos maiores perigos, em que jámais se havia visto, e previu desde logo todas as consequencias que poderia trazer esta occulta conjuração. Attento a tudo, fez dar avizo a seus navios de estarem acautelados. Conseguio depois fallar ao Çamorim, e fazer valer a justiça de sua causa. Tendo deixado depois em terra alguns refens, e suas bagagens, se retirou com Monzaide, o qual não se julgando mais em segurança entre os seus, quiz seguir a sorte dos Portuguezes a quem sempre havia sido fiel. Então Gama um pouco mais livre, com as represalias feitas a proposito, e alguns Indios aprisionados, se viu na situação de reclamar os refens e as bagagens que fôra obrigado a deixar em terra, e alcançou finalmente uma carta do Çamorim para El-Rei D. Manuel, em que este Principe dizia. « Que se honrava muito com a al-« liança que El-Rei de Portugal queria contrahir com elle: « justificava um pouco a sua conducta, relativamente á « equivocação de seus ministros com os Portuguezes: per-« mittia a liberdade do commercio, comtanto qne este se « fizesse sem violencia, e sem prejuizo das outras nações, « que havião sido as primeiras, e ás quaes elle tinha for-« tes rasões para proteger. »

Gama satisfeito com esta pequena vantagem sahiu de Calecut, e descobriu a Ilha Anchediva, e os Ilheos de Santa Maria, assim denominados pelo padrão que alli se colocou; demorou-se algnns dias nesta Ilha, e levantou ferro em 5 d'Outubro de 1498, e experimentando grandes calmarias, sómente chegou a Magadaxo a 2 de Fevereiro de 1499, e a 7 do mesmo mez e anno surgiu em Melinde, aonde recebeu um Embaixador, que o Rei lhe rogára de con-

duzir a Portugal. Tocou na Ilha de Zonzibar e nas de S. Jorge, perto de Moçambique, onde perdeu o navio S. Raphael sobre um banco de arêa. Dobrou o Cabo da Boa Esperança em 20 de Março, e continuando sua derrota pelas Ilhas de Cabo Verde, e Terceira (aonde ficou sepultado Paulo da Gama) entrou em Lisboa em 29 de Julho (alguns historiadores dizem Agosto) do citado anno de 1499, sendo o tempo da viagem e ausencia d'esta companhia de heróes dous annos e vinte e um dias, chegando vivos sómente 55 homens.

El-Rei D. Manuel que havia sido informado das circumstancias d'esta viagem por Nicoláo Coelho, que uma tempestade separára de Vasco da Gama nas Ilhas de Cabo Verde, e que entrára no Téjo em 10 de Julho, enviou os primeiros Senhores da sua Côrte a cumprimentarem da sua parte o Feliz Argonauta, e ordenou que a entrada do Heróe em Lisboa fosse publica e solemne, havendo jogos, iluminações, fógos d'artificios, e todas as outras demonstrações de regosijo usadas n'aquelles tempos de saudosa memoria.

El-Rei despachou Vasco da Gama Almirante do Mar das Indias com o tratamento do Dom, e permissão de poder usar no escudo de suas armas uma parte do da corôa, e pouco depois lhe fez mercê do titulo de Conde da Vidigueira. Os companheiros de Gama que chegaram a Lisboa, forão recompensados generosamente, e as familias dos fallecidos tiveram pensões; d'este modo todos os que tomaram parte na expedição merecêram a regia contemplação.

Com a chegada de Vasco da Gama, que atravessando os mares nunca d'antes navegados, fez vêr ás mais remotas Regiões da Azia as nossas vencedoras Quinas, augmentou a gloria de Portugal, e o nome d'El-Rei D. Manuel se pro-

nunciava com respeito em todo o mundo. Este grande Monarcha querendo eternisar a memoria do descobrimento das Indias, depois de ter ordenado em todo o Reino solemnes acções de graças ao Altissimo, mandou edificar no mesmo lugar em que existia a pequena Ermida, que fôra do Infante D. Henrique, um sumptuoso templo em honra da Mãi de Deus, e lhe addicionou um mosteiro de Jeronimos para o servirem. Dotou este mosteiro com grandes rendas sob condição dos monges receberem e doutrinarem todos os maritimos, que ali se quizessem confessar e commungar. Quiz que este lugar tivesse o nome de Belem, e como o Infante D. Henrique fôra o primeiro motor nas viagens e descobertas dos Portuguezes, lhe fez levantar uma estatua no lugar mais eminente da parte superior da porta principal da Igreja, e augmentou as rendas dos antigos estabelecimentos pios instituidos pelo Infante.

El-Rei accrescentou depois da descoberta das Indias o seu Dictado, denominando-se « *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, etc.* » Com elle se achão lavrados documentos posteriores a Agosto de 1499, e nesse mesmo anno mandou lavrar os Portuguezes de ouro com a legenda:

Emanuel Rex Portugaliae, Algarbiorum citra et ultra in Africa, et Dominus Guinae.

E ao redor das armas:

Conquista, Navegação, Commercio, Aethiopiae, Arabiae, Persiae, Indiae.

Portugal hia reunir o commercio das trez maiores partes da terra, Africa, Asia, e America. El-Rei animado

mais do que unnca por uma perspectiva tão lisongeira, estimando em pouco o esgotamento de suas finanças, os infinitos perigos d'estas longas viagens, a perda de tantos navios, e de um tão crescido numero de seus subditos, que perecião nestas navegações, perdas que suppunha deverem ceder ás vantagens que a religião e o Estado podião colher, não se contentou em mandar alguns navios para as Indias, mas equipou numerosas frotas, pondo-as em estado de poderem dar a lei por toda a parte, onde se apresentassem.

(**1500**) A primeira expedição que se promptificou depois da chegada de Vasco da Gama, constava de 13 navios, com 1:500 homens de desembarque além das respectivas guarnições e tripulações, sendo Commandante em chefe Pedro Alvares Cabral, e segundo Commandante Sancho de Tovar.

Cabral, segundo as ordens d'El-Rei, devia em sua derrota tocar na costa de Sofála, a fim de se informar de seu commercio, visitar os Reis da costa de Zanguebar, e particularmente o de Melinde, ao qual deveria restituir o Embaixador que Gama d'alli trouxera á Europa, procurar obter a alliança d'este Principe, estabelecer se fosse possivel sobre a costa alguns fortes que podessem servir de escalla, e de depositos para as viagens que se fizessem para as Indias, seguir depois em direitura a Calecut, e não omittir diligencia alguma para obrigar o Çamorim, por meios brandos, a consentir no estabelecimento d'uma feitoria portugueza na sua capital, a qual podesse alli tornar permanente o commercio, e manter a boa correspondencia, que era de desejar se promovesse entre as duas nações; e para ensinuar secretamente ao mesmo Çamorim o desembaraçar-se dos Mouros, fazendo-lhe vêr que maiores vantagens tiraria de Portugal em relação áquellas, que podia esperar de qualquer outra nação. Finalmente devia procu-

rar obter permissão de cinco religiosos franciscanos portuguezes prégarem o Evangelho em seus Estados. Na hypothese porém que o Çamorim se mostrasse indocil a estas proposições, Cabral deveria declarar-lhe abertamente a guerra, e vingar por todos os meios, que estivessem a seu alcance, os máus procedimentos que elle usára para com Vasco da Gama.

Antes da partida da esquadra, El-Rei conduziu Cabral e toda a sua gente em procissão, até á Ermida de Belem, hindo Cabral sempre ao lado d'El-Rei. O bispo de Vizeu officiou, fez uma eloquente pratica e benzeu depois a bandeira em que estavão as armas portuguezas, que El-Rei depositou nas mãos de Cabral. Terminada a ceremonia, El-Rei conduziu os novos Argonautas até ao porto, e não se retirou a palacio, senão depois de ter assistido a seu embarque, que se effeitoou ao estrepito da artilheria dos navios e das acclamações de todo o povo.

(**1500**) A esquadra sahiu do Téjo no dia 9 de Março. A viagem foi feliz até ás Ilhas de Cabo Verde, onde chegaram no decimo terceiro dia. Dous dias depois notou Cabral que faltava um navio, que mais tarde soube naufragára, esperou por elle dous dias, no fim dos quaes psoseguio sua derrota. Querendo evitar as calmarias de Guiné de tal sorte se fez ao largo, que a 22 d'Abril avistou uma terra desconhecida, e nesse dia surgiu cousa de 6 leguas da terra. No dia 23 navegou e lançou ancora em frente d'um pequeno rio, sendo o porto tão bello que Cabral o denominou *Porto Seguro*, depois de ter posto o nome de *Santa Cruz* á terra continental a que abordára. Este nome foi depois mudado no de *Brazil*, que era o d'uma madeira de que o paiz muito abundava, hoje tão conhecida, como são os povos antigos habitantes do mesmo paiz,

Cabral, tendo mandado a terra seus *descobridores*, em consequencia das informações que derão de que o terreno parecia ser fertil, regado por bellos rios, coberto de arvores fructiferas de varias especies, e habitado por homens, e animaes, resolveu desembarcar para refrescar a sua gente, e tomar desde logo posse d'este paiz em nome d'El-Rei de Portugal.

Os selvagens, habitantes d'este novo territorio, fugiram para os bosques, porém sendo alguns agarrados, as caricias com que forão tratados, e os presentes que se lhes fizeram, serviram para domar os outros, de sorte que em mui pouco tempo se familiarisaram, e trouxeram á esquadra fructos do paiz, que trocaram por objectos de insignificante valor.

Estes selvagens andavão inteiramente nús, e pintados desde as pontas dos pés até á cabeça d'uma côr avermelhada, pintura que renovavão diariamente, e á qual accrescentavão muitos ornatos de differentes figuras. Os homens rapavão a parte anterior, e o alto da cabeça, e cortavão os cabellos por baixo das orelhas d'uma maneira semelhante ás corôas dos frades. Furavão as orelhas, o nariz, os beiços, e as faces em que mettião pedaços de conchas de marisco, arredondadas, o que os tornava horriveis. Os outros ornamentos consistião n'alguns tecidos de pennas, collares e braceletes compostos de muitos bocados de osso mui brancos e polidos, ou de fructos seccos, que pelo contacto de uns com os outros soavão como chocalhos, elles erão pela maior parte altos e bem feitos, affaveis, ageis, astutos, e unicamente occupados da caça, da pesca e da guerra. Suas armas erão arco, frecha, uma especie de broquel, e a maça. Servião-se de pirogas ou longos bateis feitos de troncos d'arvores vasados, e capazes de conter até sessenta pessoas. As mulheres trazião soltos seus longos e azevichados cabellos, ou divididos em duas tranças penden-

tes. Ellas é que tinhão a seu cargo o tracto domestico; semeavam a raiz de mandioca, de que fazião farinha de páu. Defumavam as carnes, e preparavão igualmente as bebidas embreagantes de que se servião em seus banquetes. As cabanas d'estes selvagens erão longas, e despidas de todo o ornato, as macas onde dormião, e alguns vasos de barro fazião toda a sua riqueza. Dos seus costumes o que mais espantou os Portuguezes foi saberem que os maridos se metião na cama em seguida ao parto de suas mulheres, os proprios selvagens não souberão dar a rasão d'esta estravagancia, tinhão mais o uso de comerem festivalmente seus inimigos depois de os matarem ás caxeiradas, e secavão os corpos de seus parentes mortos, e em certos dias pisavão e bebião as cinzas misturadas com as bebidas espirituosas.

Cabral observando este povo, em que não notava o menor indicio de religião, lei, ou governo, teve d'elle compaixão, e deu as mais terminantes ordens para que fosse tractado com docilidade.

A 26 de Abril, Domingo, oitava da Pascoa, fez Cabral que houvesse missa, e prégação em terra, a que assistiu com a gente da armada, e muitos dos naturaes, que fizeram grandes festas, e folias ao seu modo: e para esta solemnidade mandou levantar na praia uma grande cruz de madeira.

Estando aqui alguns dias, em que a armada se proveu de agua e lenha, despachou Cabral um dos seus navios, capitão Gaspar de Lemos, em que mandou embarcar um dos naturaes do paiz, para vir trazer a El-Rei a noticia d'aquelle novo descobrimento, e pondo em terra dous homens, que no reino tinhão sido condemnados á morte, e que levava para exploradores, seguio viagem para a India a 2 de Maio.

No Cabo da Bôa Esperança soffreu a armada subito e horrivel temporal, perdendo-se logo quatro Náos, uma das quaes era commandada pelo illustre Bartholomeu Dias, que descobríra e dobrára o mesmo Cabo, e n'aquelles mares ficou sepultado, verificando-se á risca a profetica ameaça do fero Adamastor, quando disse:

« *Aqui espero tomar, se não me engano,*
« *De quem me descobriu summa vingança.* »

Nova tempestade fez dispersar a esquadra, a qual reduzida a metade das embarcações, conseguio a final passar o terrivel Cabo da Bôa Esperança, e se dirigiu a Moçambique, aonde o temor que inspirou sua chegada fez que Cabral fosse mais bem tractado que Vasco da Gama. Este mesmo temor tornou mais circumspecto Ibrahim Rei de Quilôa, com o qual Cabral conferenciou a bordo da Capitania, da mesma fórma que Gama praticára com o filho do Rei de Melinde; comtudo o receio não fez perder a Ibrahim o desejo de occultamente urdir uma traição. Além de não terem escapado ao general as intenções do Rei pérfido, elle foi avisado por um irmão do Rei de Melinde, que então se achava em Quilôa. Por grande que fosse o desejo que Cabral tivesse de castigar o perfido, julgou mais vantajoso aos interesses d'El-Rei passar adiante seguindo viagem até Melinde, cujo Rei fiel á alliança que havia contrahido com Portugal, de tal sorte se transportou de alegria por tornar a vêr os Portuguezes, e o seu Embaixador, que elles lhe reconduzião com valiosos presentes, que depois de ter enchido Cabral d'obsequios e de o ter provido de refrescos e viveres de toda a especie, lhe ministrou dous pilotos Guzarates com os quaes Cabral dando á véla, chegou em pouco tempo ás Ilhas Anchedivas depois d'uma feliz navegação.

CAPITULO V.

ANNOS DE 1500 A 1503.

Cabral chega a Calecut; é mandado cumprimentar pelo Çamorim; exige uma audiencia que lhe não é denegada. Intenções sinistras do Çamorim contra os Portuguezes, suscitadas pelos Mouros poderosos alli residentes. Amotina-se a populaça e massacra os Portuguezes. Vingança de Cabral. Este parte para Cochim. A reputação dos Portuguezes retumba por todo o Indostão. Sollicitão a sua alliança todos os Principes Malabares descontentes do Çamorim. Recebe em Cananor um Embaixador d'este paiz para El-Rei de Portugal. Na sua volta para Lisboa descobre a costa de Sofála. Envia El-Rei a João da Nova com alguns navios, para reforçar Alvares Cabral a quem não encontra. Descobre a

Ilha d'Ascenção, e a da Conceição; toma dous navios do Çamorim; e que destino lhes dá. Poderosa armada que o Çamorim trata de oppôr a Cabral, a qual na ausencia d'este, é destroçada por João da Nova, e o Çamorim obrigado o sollicitar a paz. Novos artificios d'este para surprehender João da Nova. Este volta á Europa e descobre a Ilha de Santa Elena. Expede El-Rei a Gonçalo Coelho para a America com seis navios, dos quaes sómente dous arribão á costa do Brazil. Emulação que em todo o Reino causão as façanhas ultramarinas dos Portuguezes. Gaspar Côrte Real, tenta investigar o ultimo termo d'America Septentrional, e descobrir caminho para a India pelo polo artico. Descobre a Ilha da Terra Nova, volta a Portugal, torna a repetir a viagem e morre. Tem igual sorte um de seus irmãos, que se propunha a hir encontral-o. Faz El-Rei novo armamento, de que é nomeado Almirante Vasco da Gama. Este estabelece feitorias na costa de Zamguebar, em Sofála, e Moçambique, vai fundear em Quilôa, e faz o Rei d'este paiz tributario á Corôa de Portugal. Sahindo d'aqui, toma um navio Egypcio, que entrega ás chamas. Arriba a Cananor, onde é magnificamente recebido pelo Rei d'este paiz. Parte para Calecut. O Almirante faz proposições ao Çamorim, as quaes não são aceitas. Vingança do Almirante, que depois parte para Cochim. Traição aqui tramada pelo Çamorim contra a vida do Almirante, e de que maneira este se livra. Recebe Gama Embaixadores de Cananor e de Mangalôr, que sollicitão a sua alliança. Pertende o Çamorim surprehendêl-o por intervenção do Rei de Cochim, fidelidade d'este Principe para com o Almirante. Este desbarata completamente uma numerosa frota do Çamorim, que accommette nas aguas de Pandarana. Conclue tractados de alliança offensiva e defensiva com os Reis de Cochim e de Cananor, e volta á Europa, fazendo escalla por Moçambique. Chega a Lisboa, e faz sua entrada triumphante na Capital.

O Çamorim logo que teve noticia da chegada da expedicção, mandou ao longe cumprimentar o Chefe, offerecendo-lhe o que d'elle dependesse para a segurança do commercio, e testemunhando-lhe sua extrema alegria, pelo vêr chegar a seus Estados; Cabral pediu uma audiencia, porém logo declarou mui positivamente que não poria pé em terra, em quanto o mesmo Çamorim lhe não entregasse taes refens que podessem responder por sua fidelidade, e que estes refens deverião ser o proprio Catual, e os Ministros em que elle tivesse maior confiança.

Esta proposição assombrou o Çamorim, mas, ou por medo, ou por que tivesse desde logo resolvido oppôr á audiencia pedida as maiores difficuldades, a fim de attrahir os Portuguezes a seus laços, elle cedeu depois de alguns dias de contestações sobre este objecto, e os refens forão entregues a Cabral.

A audiencia foi das mais apparatosas. Cabral compareceu com toda a magnificencia, e os presentes que fez em nome d'El-Rei D. Manuel, erão dignos do Monarcha que os offerecia. O Çamorim, que queria honrar o Embaixador, estava carregado de diamantes e pedras preciosas e accompanhado da mais brilhante Côrte. As honras que se fizerão ao Embaixador erão sem exemplo, e nada recusou de quanto fôra proposto. O Çamorim concedeu ao Embaixador uma casa, que se podia chamar uma habitação real, de que lhe fez completa doação. Foi-lhe permittido arvorar

nella a bandeira portugueza, e tornal-a um lugar de immunidade. André Corrêa, acceito como commissario, ou consul da nação, desde logo tomou tranquillamente a posse, e começou a estabelecer seus armazens.

Estes principios erão em extremo bellos, para que deixassem de se tornar suspeitos. O que acontecêra a Vasco da Gama, as frequentes tentativas que os individuos detidos em refens fizerão para se evadirem, e muitas outras circumstancias devião obrigar os Portuguezes, a estarem sempre álerta. Cabral era d'esta opinião; porém como a demasiada ingenuidade e bôa fé de André Corrêa tivesse desvanecido suas suspeitas, elle se deixou guiar pelos conselhos d'este homem.

Tinhão os Mouros em Calecut dous individuos da mesma nação e seita, encarregados de vigiarem seus interesses commerciaes. Um d'elles por nome Coje-Béqui governava sobre as caravanas de terra, e outro que se chamava Coje-Cemeri era o que dirigia os negocios maritimos. Estes dous homens não vivião entre si na melhor harmonia. Coje-Béqui affeiçoou-se aos Portuguezes, e tão firme foi a sua affeição, que de futuro motivou a sua perdição. Coje-Cemeri não deixou de se lhes inclinar igualmente, mas como dissimulado, e traidor, e tendo mais astucia que seu companheiro, permittiu a infelicidade de Corrêa, que despresando os conselhos de Coje-Béqui, fosse entregar-se inteiramente ao rival d'este, o qual abusando da influencia que pouco a pouco ganhava sobre seu animo, o fez cahir, durante o espaço de trez mezes, em todos os laços que se lhe armaram.

O principal empenho d'este perfido era promover que Corrêa commettesse faltas, que recahindo sobre os Portuguezes tornassem estes odiosos aos Indios, e o conseguiu

perfeitamente. Corrêa em virtude d'este occulto manejo capturou um grande navio, que transportava sete elephantes por conta dos Indios, e que Coje-Cemeri lhe fizera acreditar pertencerem a Mouros contrabandistas, por uma suspeita só filha de sua invenção. O Çamorim que em tudo hia de connivencia com os mouros, teve o prazer de observar este espectaculo e de colher d'elle toda a vantagem. Coje-Cemeri ainda fez mais, indusio Corrêa a capturar outro navio mesmo dentro do porto, sob a falsa supposição de que a carregação era contrabando dos mouros. Os Portuguezes tomando o navio, acharam que não continha senão generos do paiz carregados por conta dos Indios.

Entretanto Coje-Cemeri, que solapadamente fazia differente figura, amotina a populaça e consegue que quatro mil homens armados accommettão a habitação dos Portuguezes, arrombem as portas, saqueiem, e finalmente ponhão tudo a fogo e sangue, antes que se podesse passar aviso ás embarcações. De setenta Portuguezes, que estavão em terra, morreram cincoenta, entrando neste numero o proprio Corrêa; os restantes com muita difficuldade poderam escapar-se para a praia, onde foram recebidos pelas lanchas que, ao primeiro ruido que se ouvira, se enviaram dos navios, estando quasi todos feridos, e acabrunhados da fadiga pelos esforços que haviam feito por se defenderem.

Cabral pediu satisfação ao Çamorim, e sendo-lhe esta negada fez aparelhar para atacar treze grandes navios de Mouros, que estavão surtos no porto, e rompendo sobre elles um fogo terrivel de artilheria põe fogo a uns, captura outros, mettendo em ferros todos os homens que escaparam ao naufragio ou ás chammas; e a fim de que os Mouros não fossem os unicos castigados pelas traições que urdiram contra os Portuguezes, bombardeou por dous dias successivos tão terrivelmente a cidade, que tendo demolido mui-

tas casas e feito morrer mais de seiscentas pessoas, obrigou o Çamorim a fugir para o campo atterrado de ter visto cahir a seu lado um de seus principaes favoritos, morto de um tiro de canhão.

Depois d'este acontecimento Cabral deu á vélla para Cochim, trinta e seis leguas para o meio dia além de Calecut. Esta cidade, situada sobre a fôz do Mangat que a cerca, era a capital d'um pequeno estado, tributario do Çamorim, (*) cujo Rei, homem de tino, mas sempre receoso da visinhança d'um Principe mui poderoso, estando escandalisado do damno que aquelle causára ao commercio de seus subditos, aceitou a alliança d'El-Rei de Portugal.

A fama dos Portuguezes havia voado pelo Indosdão, e todos os Principes Malabares, descontentes do Çamorim, pensavão em poderem ser auxiliados por elles, em caso de necessidade. Cabral não podia imaginar que houvesse na India disposições tão favoraveis a seu respeito, ao contrario, olhando os Indios do mesmo modo, de todos desconfiava igualmente. Por isso não quiz tratar com Trimumpára Rei de Cochim, senão por intervenção d'um jogue, (**) que Fr. Henrique convertêra á fé. Tão facil lhe foi o negociar com este Principe, que fez um tratado assas vantajoso a Portugal.

(*) Cochim cidade do Indostão sobre á costa de Malabar no paiz chamado Travancor, foi tomada á Corôa de Portugal pelos Hollandezes durante a dominação hespanhola na guerra que elles então moveram á Hespanha. Os Inglezes a conquistaram aos Hollandeses. Sua população é de 18,000 habitantes, e o commercio pimenta preta, e canella.

(**) Jogues são uma especie de ermitas ou anachoretas Indios que peregrinão por penitencia.

Estando Cabral a ponto de levantar ferro para se dirigir a Lisboa foi novamente sollicitado pelos Reis de Culan e Cananor (*) para hir a estas cidades. Cabral foi só a Cananor, e sendo alli acolhido com todas as demonstrações de bôa fé, recebeu a bordo um Embaixador que o Rey de Cananor (á imitação do Rei de Cochim) enviava a El-Rei D. Manuel, depois do que sahindo a expedição em direitura a Melinde, Cabo da Bôa Esperança, Ilhas de Cabo Verde e Açores, entrou em Lisboa no dia 23 de Junho de 1501, aonde foi recebida com os maiores applausos.

O ardor que El-Rei D. Manuel mostrava, pelo feliz resultado dos negocios das Indias, não lhe permittiu esperar noticias de Cabral, e antes da chegada d'este illustre Portuguez a Lisboa, fez partir quatro navios para o reforçarem, sob o commando de João da Nova, e tendo nessa occasião noticia da descoberta do Brazil pelo navio que Cabral d'alli lhes despachára, fez outro armamento de seis vasos ás ordens de Gonçalo Coelho, afim de se tomar posse d'aquelle paiz.

João da Nova, fidalgo hespanhol, natural de Galiza, homem de habilidade e resolução, commandante dos quatro navios destinados ás Indias, sahiu de Lisboa em 5 de Março de 1501; não encontrou Cabral, porém em sua viagem obteve vantagens de transcendencia. Descobriu a Ilha da Ascensão a 20° e meio austr., a cousa de 120 leguas da costa do Brazil, e outra que se ficou chamando *Ilha de João da Nova* ao Oriente da Africa — Barros 1. 5. 10.

(*) Culan e Cananor estão situadas na costa do Malabar. A segundas d'estas cidades foi tomada pelos Hollandezes em 1664. O seu vasto e seguro porto a fez antigamente notavel por seu commercio; hoje porém não é mais do que uma insignificante povoação, cujo solo abunda em pimenta, etc. Pertence actualmente aos Inglezes.

edição de 1528, diz que João da Nova, passados 8° além da linha para o sul, achára uma Ilha a que posera o nome de *Concepção*.

Chegando a Melinde, teve ahi noticia da má fé, com que o Çamorim ultimamente se conduzira para com os Portuguezes, o que o obrigou a consideral-o como inimigo; deu caça a dous de seus navios, capturou um, e queimou o outro; e dirigindo-se depois para Cananor, alli chegou mui opportunamente, para arranjar seus negocios commerciaes, e adquirir gloria.

A politica dos negociantes mouros de Calecut, como tivesse por objecto desgostar os Portuguezes do commercio d'um paiz tão remoto do seu, era o seu principal cuidado embaraçal-os de fazerem as suas carregações. Já o havião conseguido pelos artificios empregados para com André Corrêa, e pelo tumulto que fôra consequencia dos mesmos. A alliança que os Portuguezes havião contrahido com os Reis de Cochim e de Cananor lhes servia de obstaculo, e por isso estavão na firme resolução de a perturbarem de todas as maneiras possiveis. Quando Cabral se achava ainda em Cochim concertaram-se com Çamorim, para pôrem no mar uma frota de sessenta vellas, entre as quaes havia umas cincoenta de grande porte. Cabral sahindo de Cochim, não poude combatêl-as porque navegavão mui proximo de terra, e elle estava já muito ao largo, de sorte que continuou sua viagem sem parar. Esta retirada foi para elles uma supposta victoria e de tal sorte excitou sua coragem, que resolveram hir a Cananor; chegaram muito tarde para encontrar Cabral, que já havia seguido viagem para a Europa, mas muito cêdo para poderem servir d'obstaculo a João da Nova que alli havia chegado, logo depois da partida do primeiro, e se preparava já para voltar a Portugal. João da Nova advertido pelo Rei de Cananor,

acórca da chegada da frota do Çamorim adoptou as necessarias medidas de precaução. Effectivamente appareceram mais de cem vellas, as quaes tomaram a entrada do porto. João da Nova era demasiado bravo, não perdeu o animo, e tendo disposto seus vasos, de fórma que não podesse ser investido, bateu durante um dia a frota inimiga com tal impetuosidade, que tendo mettido a pique dezenove vellas, e posto mais de quatrocentos homens fóra de combate, obrigou os inimigos a içarem a bandeira de paz, e a voltarem para Calecut, onde levaram a dessolação juntamente com a vergonha de sua derrota.

Tentou ainda o Çamorim surprehender João da Nova por meio de proposições artificiosas, mas sendo este advertido por Coje-Béqui, e por um prisioneiro portuguez, que escapára ao massacre de Calecut, nem mesmo se dignou responder áquelle dissimulado e fraudulento Principe, e tendo partido para a Europa, em 1502, descobriu a *Ilha de Santa Helena* (tão famosa nos nossos dias) a 16°, ou 16 $\frac{2}{3}$ de lat. austr., a 450 leguas do Cabo Nêgro em Africa, e a 750 do Cabo de Santo Agostinho, ponto mais oriental do Brazil, segundo Malte Brun. Esta Ilha que hoje pertence aos Inglezes é tão excellente pela salubridade das suas aguas, e do seu clima, e tão fertil, que parece ter sido creada pela natureza para commodidade d'estas longas viagens.

Gonçalo Coelho sahiu de Lisboa em direitura ao Brazil com os seis navios do seu commando; um furioso temporal lhe metteu a pique quatro, e os dous restantes effectivamente chegaram a seu destino, e regressaram carregados de varios generos, macacos e papagaios. Este paiz, que nestes tempos parecia miseravel, veiu depois a ser a mais importante possessão de Portugal. (*)

(*) O Brazil só começou a ser povoado no reinado d'El-Rei D. João III.

As honras que El-Rei D. Manuel fazia aos que voltavão de suas viagens ultramarinas, especialmente quando estas havião sido bem merecidas, chegaram a motivar uma incrivel emulação em todo o reino, e todos á porfia desejavão hir adquirir gloria no Ultramar. Gaspar Côrte Real, nobre Portuguez, tentou investigar o ultimo termo da America septentrional, e descobrir caminho para a India pelo pólo arctico.

Sahiu do Téjo, na primavera, do anno de 1500 com dous navios, e chegou em sua navegação ainda além dos 60° de latitude norte. Descobriu e correu toda a terra de *Labrador*, que tambem se ficou chamando *terra de Côrte Real*, e acima d'ella a costa, que corre até ao *Rio das Malvas*: descobriu tambem a que chamou *terra*, ou *Ilha dos Bacalháos*, e algumas outras a ella proximas, que os antigos denominaram *Côrtes Reaes*, e mui provavelmente a pequena Ilha á entrada do estreito de *Hudson*, que se chamou de *Caramilo*, corrompido este nome do portuguez *caramello* (*neve congelada*).

O illustre navegante, voltado ao Reino, repetiu a mesma viagem a 15 de Maio de 1501, e como não houvesse noticia d'elle, foi no anno seguinte de 1502 seu irmão Miguel de Côrte Real em busca d'elle, mas aconteceu-lhe a mesma má fortuna.

Em 1503 despachou El-Rei D. Manuel duas Náos em busca de ambos, as quaes voltaram sem resultado algum.

Preparava-se ainda para repetir a mesma diligencia outro irmão mais velho, que os dous, por nome Vasco Eannes Côrte Real, do Conselho d'El-Rei, Alcaide-mór de Tavira, e Governador das Ilhas de S. Jorge e Terceira; mas El-Rei não consentiu que elle cumprisse o seu pio e fraternal proposito.

Vasco Eannes, comtudo, teve o senhorio da *Terra Nova*, ou o titulo de *Capitão Donatario da Terra Nova de Côrtes Reaes*, o qual passou a D. Margarida Côrte Real, herdeira da Casa, e por ella a seu marido D. Christovão de Moura, Conde, e depois Marquez de Castello Rodrigo, que tambem se chamou, e seus descendentes, senhor da *Terra Nova*.

(**1502**) El-Rei D. Manuel ordenou que o grande D. Vasco da Gama voltasse segunda vez ás Indias com uma poderosa armada de 20 Náos, sendo segundos commandantes Vicente Sodré, e Estevão da Gama. — Parte d'esta esquadra devia ficar na India para defender os novos estabelecimentos, e cruzar no estreito do Mar Roxo, afim d'impedir que entrassem ou sahissem por elle as Náos dos Mouros de Meca, que erão os que tinhão mais odio aos Portuguezes.

No dia 30 de Janeiro foi El-Rei com Vasco da Gama e toda a sua gente em procissão á Sé, onde houve missa e sermão, no fim d'este acto El-Rei deu o Estandarte Real a D. Vasco da Gama; e veiu toda a procissão direita ao Caes, assistindo El-Rei e a Côrte ao embarque d'estes Argonautas, que se effectuou entre salvas d'artilheria, e acclamações geraes do povo.

A expedição sahiu de Lisboa em 30 de Janeiro. O Almirante estabelecendo em sua derrota uma feitoria em Sofála, e outra em Moçambique, foi aportar em Quilôa. O Rei aterrado á vista de tão poderosa armada se reconheceu subdito da Corôa Portugueza, e se obrigou a pagar o tributo annual de dois mil meticaes d'ouro (*) sendo este o

(*) Metical era o pezo com que se avaliavão as perolas, o ambar, e outras drogas de semelhante natureza: valia uma oitava e meia das nossas, de sorte que os dous mil meticaes de ouro equivalião a 375 onças d'este metal.

primeiro Principe d'aquellas remotas regiões que pagou páreas a Portugal.

Chegando á Costa do Malabar encontrou o Meris, grande navio que o Soldão do Egypto expedia annualmente para o Indostão, donde d'ordinario voltava ricamente carregado por conta d'este Principe, e levava ao mesmo tempo muitos passageiros, que a devoção conduzia a Meca, onde existia o tumulo de Mafoma. D. Vasco da Cama se apoderou das riquezas que levava, e um desastre que occorreu deu origem a ser destruido este navio. Um moço do Almirante casualmente, ou por maldade dos Mouros, morreu arrebentado contra a murada do Meris, O Almirante ficou tão escandalisado que ordenou a Estevão da Gama, e outros capitães, mettessem a pique o navio, o que se effectuou depois de renhido combate, não se salvando de tresentas pessoas mais do que vinte rapazes, e um corcovado que era o piloto, os quaes forão recolhidos na Europa. (*)

A expedição fundeou em Cananôr, e o Almirante foi mui bem recebido pelo Rei; porém achando obstaculos para concluir um tractado de commercio, sahiu mui descontente para Calecut, e fundeando á vista d'esta Cidade esperou para observar o procedimento do Çamorim. Não tardou muito em apparecer um individuo que aproximando-se da Náo Almirante em trajes de franciscano, e annunciando-lhe o *Déo gratias*, se deu a conhecer por um Mouro deputado pelo Çamorim, para lhe apresentar suas desculpas, pelo que anteriormente se havia passado, e estabelecer novas proposições. O Almirante nada quiz ouvir em quanto o não indemnisassem de tudo o que fôra roubado aos Portuguezes, e dos mais prejuizos que estes havião soffrido na feitoria de Calecut por occasião do massacre de Cor-

(*) Decadas de Barros.

rêa e dos outros. Trez dias se passaram em hidas e voltas, não tratando o Çamorim mais do que de justificar-se, e de fazer vêr que elle soffrêra ainda maiores damnos do que aquelles que elle motivára aos Portuguezes, e como o Almirante não quizesse desistir de sua primeira resolução, e o Çamorim tivesse já deixado passar o praso, que se lhe assignára para aquella satisfação, Gama á hora marcada, deu signal, e fazendo avisinhar seus navios o mais possivel da praia durante a noite, canhoneou a cidade, sem cessar todo o dia seguinte com um effeito tão destruidor, que além da gente que fez morrer, reduziu a ruinas grande numero de edificios, e damnificou consideravelmente um dos palacios do mesmo Çamorim.

A solidão, a que esta especie de bombardeamento havia reduzido a cidade, punha o Almirante em estado de emprehender mais alguma cousa; mas, ou porque ignorasse o que nella se passava, ou porque não quizesse ahi entrar, elle se contentou com o que havia feito, e tendo entregado ás chammas um grande navio, que tomára dentro do porto, e que por algum tempo conservára, afim de ver se por esta prêsa haveria motivo para alguma negociação, deu á vella para Cochim.

As difficuldades que o Almirante tivera com o Rei de Cananor não deixavam de produzir alguma inquietação no animo dos Portuguezes, e que mais se augmentou pelas suspeitas do Feitor Gil Gançalves, que sendo d'um genio inquieto, quiz persuadir o Almirante que o Çamorim ganhára secretamente os Reis de Cochim e de Cananor, pos intervenção de alguns Brachmanes; e que o objecto das duvidas que o ultimo originára afim de fazer obstar ás negociações, não erão mais do que um accordo entre os dois Principes com o objecto de demorarem estes negocios, e obrigar a expedição a invernar nas Indias, esperando pode

rèm queimal-a toda nos portos para onde se retirasse. Estas suspeitas apoiadas por algumas conjecturas, forão fortificadas pela conducta do Rei de Cochim, que na primeira entrevista que teve com o Almirante, se mostrou tão difficil como o fôra o Rei de Cananor, de sorte que o Almirante sahiu d'este porto mui descontente.

O tempo mostrou que o coração d'estes dois Principes era sincero. O Rei de Cananor, inquieto pela pouca satisfação que o Almirante mostrára á sahida de seus portos, lhe mandou dizer pelos Portuguezes residentes em seus estados, «que elle preferiria a amizade d'El-Rei de Portugal «a seus proprios interesses; que regulasse o Almirante as «condições do tratado, como bem quizesse, que elle se «compromettia a indemnisar os outros negociantes dos pre«juizos que d'este tratado lhes resultassem, ajustando-se com «elles, e deixando-lhes parte dos direitos d'entrada e sa«hida; que d'esta fórma toda a perda recahiria sobre elle «sómente.» O Rei de Cochim ainda fez mais, porque tendo observado que o Almirante partira de sua cidade, agastado e mui descontente, immediatamente o seguiu n'uma almadia, e logo que se aproximou subiu á Náo, e disse a D. Vasco da Gama, com aquelle ar de franqueza, só proprio d'um coração candido: «Bem observo que vós sois «um homem difficil de contentar, fazei o que vos agradar; «sois o senhor; e minha pessoa que eu venho depositar em «vossas mãos, será o garante de minha boa vontade.» O Almirante respondeu com a maior cortesia, e concluiu um tratado vantajoso para Portugal. O Rei de Cananor sabendo este acontecimento enviou logo dous Embaixadores ao Almirante sollicitando voltasse á sua Cidade em plena segurança, aonde todos os negocios serião regulados á sua vontade.

No tempo em que o Almirante se conservava ainda em Cochim, um Brachmane, homem de idade avançada, veiu apre-

sentar-lhe dous de seus filhos, e um sobrinho para que os conduzisse a Portugal, onde queria que fossem doutrinados na religião, e nas sciencias europeas. Havendo-se depois pouco a pouco insinuado em seu espirito, lhe confessou ter sido alli mandado da parte do Çamorim, e tão habilmente se houve neste particular, que conseguiu persuadil-o a voltar a Calecut. Gama crendo se seguro, conservando o Brachmane e os trez jovens em refens, entregou o commando da esquadra a Estevão da Gama, e partiu contra a opinião de seus capitães, sómente com dois navios, dos quaes ainda expediu um para avisar Vicente Sodré que se achava em Cananor, para que se lhe viesse reunir a Calecut. O Çamorim nada decidia, e durante as negociações D. Vasco da Gama foi repentinamente investido por umas cem almadias, que favorecidas pela escuridão da noite havião emprehendido queimar-lhe o navio; e tão bem dirigida foi a traição, que elle sómente a percebeu, quando já os Indios se apegavão á enxarcia do navio, de sorte que não houve mais tempo do que para picar a amarra, e cortar a cadêa de ferro que o atracára: felizmente levantou-se um fortissimo vento d'Este, de que elle se aproveitou; não obstante os inimigos obstinaram-se em o perseguir mesmo ao largo; mas mui a proposito se lhe reuniu então Vicente Sodré, que com suas caravellas, e o fogo de artilheria, tendo mettido a pique muitas almadias, bem depressa fez desapparecer o resto. O Almirante para pagar ao Brachmane a sua infame traição mandou enforcar nas vergas trez refens que elle deixou quando foi levar recados ao Çamorim, andando um pedaço á vista da Cidade partiu em direitura a Cochim.

Além dos Embaixadores do Rei de Cananor que vieram ter com o Almirante em Cochim, chegaram allí dous de Mangalôr que se dizião deputados dos antigos christãos Indios, descendentes d'aquelles que o Apostolo São Thomé

convertêra á Fé, antes de consumar suas viagens apostolicas, por um glorioso martyrio, os quaes depois de haverem exposto toda a sua tradição, relativamente a este Santo Apostolo, e ao actual estado do seu christianismo, que abraçavão perto de trinta mil fieis, governados, em quanto ao espiritual, por bispos e sacerdotes, que reconhecião o patriarcha d'Armenia por seu pastor, declararam « serem « alli enviados pelos seus compatriotas para significar ao Al- « mirante a grande alegria de que se havião possuido pela « noticia da chegada ás Indias dos christãos, subditos d'um « dos mais poderosos Monarchas da Europa, e pela lison- « geira esperança que elles, ao mesmo tempo, havião posto « na sua idéa, de que os Portuguezes erão alli enviados por « Deus, a fim de os livrar da escravidão em que gemião, « sob a tyrannia de Principes infieis, gentios, e musulma- « nos, inimigos mortaes dos christãos; cujas riquezas, e « commercio os havião em extremo acreditado naquelles pai- « zes. Que d'esta sorte havião recorrido á sua bondade, e a « fim de os tomar sob protecção do Rei de Portugal, a quem « elles querião desde logo reconhecer por seu verdadeiro e « legitimo Soberano. »

Nada podia haver mais lisongeiro para o Almirante do que esta embaixada, á qual respondeu « Que aceitava « em nome d'El-Rei de Portugal a proposta que se lhe fa- « zia, e assegurava que os Generaes que nas Indias erão « Lugares Tenentes do seu Monarcha, e a quem deverião re- « correr quando fosse necessario, os defenderião contra seus « inimigos. Que elle Almirante hia partir para a Europa, « porém affiançava em nome d'El-Rei que no General seu « successor encontrarião um efficaz e zeloso protector. » Os deputados despediram-se do Almirante encantados de suas maneiras officiosas, e de suas liberalidades.

Entretanto o Çamorim não dormia; vendo que seus

artificios lhe não erão proficuos, recorreu a outros meios que suppoz mais seguros e infalliveis; tal foi o de escrever ao Rei de Cochim, seu tributario, e de o obrigar já por promessas, já por ameaças, a entregar-lhe os Portuguezes que se achavão em seus estados, ou a expulsal-os d'elles. Trimumpára que tinha tanto de resoluto, como de sincero, respondeu ás cartas do Çamorim com uma grandeza de animo, que devia fazer-lhe sentir a sua constancia, e sua decisão. Teve além d'isso, a delicadeza de não querer descobrir cousa alguma d'esta negociação ao Almirante, a fim de lhe poupar as suspeitas, e inquietações, que ella poderia ter-lhe causado, e sómente lhe fallou nella, quando se achou em estado de lhe fazer vêr com certeza, que tanto estimava a alliança d'El-Rei de Portugal que antes queria perder tudo do que abandonal-a.

Gama que estava de partida ficou maravilhado das disposições em que deixava este Principe, e não omittiu meio algum de lhe fazer sentir, que elle devia esperar tudo do reconhecimento dos Portuguezes; e despedindo-se, partiu para Cananor com treze navios. Em sua derrota encontrou junto de Pandarane uma frota de trinta e nove vellas inimigas, que o Çamorim enviára para o combater. Decidiu-se a acceitar o desafio. Sodré, Rafael, e Petreo, cujos navios estavão menos carregados, avançaram sobre dous grandes vasos mouriscos, que formavão a vanguarda inimiga; a maior parte dos que os devião defender, como não tivessem bastante coragem para sustentarem este choque, se lançaram ao mar, onde os Portuguezes saltando para as suas lanchas mataram mais de trezentos a golpes de lanças, e rêmos. O resto da frota fugiu cheia de terrôr, O Almirante, como os vasos mui carregados não podião seguir, limitou-se a dar saque aos navios que capturára, depois do que os fez queimar, e continuou em sua derrota. Entre os despojos feitos ao inimigo, conta-se que se achára um idolo

de ouro do peso de sessenta libras, cujos olhos erão duas formosas esmeraldas, e em cujo peito havia um riquissimo rubim. A capa do idolo era toda recamada de ouro, e embellecida com amiudadas perolas, e outras pedrarias de grande valor.

O Almirante concluiu o seu tratado com o Rei de Cananor, com as mesmas condições que forão impostas ao Rei de Cochim, e tendo arranjado satisfatoriamente todos os seus negocios retomou o caminho da Europa, refrescou em Moçambique, e chegou a Lisboa em 10 de Novembro de 1503, deixando varias Náos nas Indias para defeza das novas feitorias.

A entrada, que El-Rei quiz que D. Vasco da Gama fizesse na capital, póde ser olhada, como uma especie de triumpho, onde forão conduzidos com toda a pompa os presentes dos Reis do Cananor, e de Cochim, os despojos de Calecut, o sceptro dos christãos de São Thomé, e os dois mil meticaes de ouro, tributo do Rei de Quilôa, que se fizera feudatario da Corôa Portugueza, cuja memoria El-Rei D. Manuel quiz eternisar, mandando fazer de todo o ouro d'este tributo uma riquissima costodia, que doou ao magnifico mosteiro de Nossa Senhora de Belem.

CAPITULO VI.

ANNOS DE 1503 A 1504.

O Çamorim aproveita-se da ausencia de D. Vasco da Gama e faz guerra ao Rei de Cochim, que se mantem fiel á Corôa Portugueza. O Çamorim não pode ganhar Cochim pelas armas, mas consegue-o pela traição. O Rei de Cochim retira-se com alguns portuguezes para a Ilha de Vaipem. O Çamorim projecta evadir esta Ilha, mas desiste do seu intento. Chegão mui opportunamente ás Indias os dois Albuquerques, Francisco e Affonso, que batem, em differentes recontros, os inimigos do Rei de Cochim e o restabelecem no throno. Suas gentilezas de valor e as de Pacheco. Edificão em Cochim uma fortaleza, e uma igreja em nome d'El-Rei de Portugal. Affonso d'Albuquerque, e Pacheco fazen-

se temiveis ao Çamorim, que se vê obrigado a sollicitar a paz. Condições com que esta lhe é concedida. Affonso d'Albuquerque é convidado pela Rainha de Culam ahir alli; descripção d'esta cidade, aonde se estabelece uma feitoria portugueza. Rebenta de novo a guerra com o Çamorim, e porque motivos. Voltão os dois Albuquerques á Europa. Pacheco conduz-se de tal sorte em Cochim que se torna o terrôr do Indostão.

A partida de D. Vasco da Gama para a Europa causou satisfação ao Çamorim, que achando-se vivamente irritado contra os Portuguezes, e desesperado pelas respostas do Rei de Cochim, persuadiu-se que era esta a occasião favoravel de se vingar de seus inimigos; porêm desejando marchar com prudencia convocou um grande conselho, a que concorrêram os Principes seus subditos, e outros subditos do Rei de Cochim, de quem os tinha separado o temor. Neste conselho expoz o Çamorim as suas queixas com apparencia de grande moderação.

A maior parte dos aulicos que os mahometanos havião corrompido, applaudiram os motivos de sua indignação, sómente Naubeadarem filho de sua irmã e herdeiro presumptivo do throno, Principe probo, emprehendeu combater aquelles pretendidos motivos, o que fez com tanto acatamento de uma parte, e tanta força e solidez da outra, que tendo justificado plenamente os Portuguezes em todos os casos, e mesmo inspirado a admiração a respeito do Rei de Cochim, cuja constancia e boa fé exaltou, commoveu

de tal sorte o animo de seu tio, que esta opinião de certo triumfaria se não fosse a opposição do Caimal (*) de Repelim; inimigo pessoal do Rei de Cochim, que combatendo com altivez todas as opiniões do concelho, fez perder a balança a favor da guerra.

Esta noticia causou em Cochim a maior perturbação, os Nouros estabelecidos, havia muitos seculos, nesta cidade, assim como em quasi todas as cidades maritimas das Indias, erão alli tão poderosos, que tornavão o mesmo Soberano seu dependente; elles havião interessado na sua causa a maior parte dos Ministros e dos Naires, ao contrario os Portuguezes erão odiados pelo povo, isto por instigação dos mouros, que erão inimigos tanto mais perigosos quanto sabião dissimular esta sua aversão.

Os Portuguezes residentes em Cochim conhecendo o perigo que os ameaçava, empregaram seus esforços para persuadir o Rei a que cedesse ás circumstancias do tempo; que fingisse têl-os abandonado e pozesse a salvo sua pessoa, e seus estados, permittindo-lhes o retirarem-se para Cananor onde ficarião seguros. Mas este Principe que apreciava mais a honra do que a sua corôa, e a propria vida, persuadido de que semelhante expediente feria sua delicadeza, não quiz attender a alguma d'estas proposições, e mantendo-se firme, deu aos Portuguezes uma guarda de Naires, para os impedir de se evadirem, e para os salvar da furia da populaça.

Nesta occasião chegou a Cochim Vicente Sodré com os navios do seu commando, e offereceu seus serviços ao Rei, este disse que era verdade ter o Çamorim resolvido

(*) Caimal era o titulo com que se designavam os Principes do Malabar.

atacar seus estados, mas como o inverno estava em principio era provavel que o ataque só tivesse lugar na primavera, por consequencia dispensava agora auxilio, e que era melhor crusar a costa, e na volta seria então occasião de o coadjuvar. Vicente Sodré effectivamente sahiu em direitura á Ilha de Socotorá, passou o Cabo Guardafû, e atravessou para a costa d'Arabia por ser a mais frequentada dos navios Mouros que vinhão do estreito do Mar Roxo (*).

Desgraçadamente o Çamorim não esperou pela primavera, e veiu na força do inverno atacar Cochim com um exercito de 50:000 homens.

Trimumpára assustou-se, porque não era possivel ser soccorrido por Vicente Sodré, e não via em torno de si mais do que um ar sombrio e melancolico no rosto d'aquelles que lhe tinhão ficado fieis, e isto só bastava para lhe annunciar sua futura ruina; mas nada o havia mortificado tanto como a deserção de dois transfugas europêos, fundidores de profissão e excellentes fabricantes d'armas, que prestáram grandes serviços ao Çamorim, o qual soube empregal-os convenientemente, para tirar d'elles grandes vantagens, e retel-os junto de si, fazendo-lhes saborear sua nova condição por meio de grossos estipendios.

A solemne declaração de guerra, qne da parte do Çamorim se enviára ao Rei de Cochim, junta ás cartas d'este Principe, e ás vivas sollicitações de outros muitos senhores seus amigos, a que se compadecesse de si proprio e de seu povo, terrivelmente magoaram seu leal coração; porém inabalavel a tantos ataques, como um rochedo que de balde é batido pelas vagas do mar agitado, e confiando na justiça de sua causa, reanimou os brios tanto dos seus, como dos

(*) Decadas de Barros.

Portuguezes, e continuando com a serenidade de espirito que a segurança inspira, deu as convenientes ordens, e se collocou em estado de oppôr uma vigorosa resistencia.

A Ilha de Cochim é tão proxima do continente que se torna vadeavel no fim do baixa-mar, particularmente, n'um lugar, chamado o passo de Falurt. Era este realmente o ponto pelo qual o Çamorim pretendia penetrar com as suas tropas. Trimumpára que reconhecia a importancia d'este porto, o confiou a Naramuhem, filho de sua irmã, e herdeiro de seus estados, conforme a lei da gynécogracia estabelecida no Malabar (*), a cujas ordens poz cinco mil e quinhentos Naires, aos quaes se uniram Lourenço Moreno, e um pequeno numero de Portuguezes. Naramuhem deu decisivas provas nesta conjunctura, de que era bravo, porquanto tendo-se o Çamorim apresentado com o exercito para tentar a passagem, elle se comportou com tanto valor, que o obrigou a retirar com grande perda. No dia seguinte, o Çamorim duplicou suas forças, pondo-as ás ordens do Caimal de Repelim, o qual devia ser sustentado no Canal d'Agua por grande numero de paráos (**); o combate foi mais obstinado, e sanguinolento que na vespera. Naramuhem apparecendo em toda a parte onde sua presença era necessaria obrigou o inimigo a uma vergonhosa retirada. Todas as tentativas, que depois fez o Çamorim, lhe não forão mais proficuas. Naramuhem não podia ser enganado, arrostava o inimigo de todos os lados, de maneira que o Çamorim sempre batido, desesperando do bom resultado de sua empreza, cemo de nada lhe servisse a força, recorreu á traição, conseguio corromper por grossas sommas de dinhei-

(*) Gynécogracia é o estado em que as mulheres podem reinar.

(**) Paráo era uma especie de vaso de guerra do uso das Indias.

ro o thesoureiro do exercito de Naramuhem. O perfido seduzido fingiu achar-se enfermo, e se retirou para a cidade. Os Naires acostumados a receberem diariamente a sua paga e os seus viveres, desde logo começaram a murmurar de sua ausencia, e voltaram em chusma para Cochim. O thesoureiro, que bem previra este resultado, lhes differia de dia em dia os seus vencimentos sob diversos pretextos, o que mais augmentava a murmuração da tropa e a sua deserção no campo. Naramuhem viu-se bem depressa abandonado. O Çamorim que hia neste jogo com o traidor, e que d'acordo com elle permanecêra alguns dias sem praticar movimento algum, aproveitou então a occasião para tentar de novo a passagem. Naramuhem sendo advertido correu logo ao sitio do perigo, e sustentou durante um dia o combate, mas acabrunhado pelo numero, foi vencido e morto, bem como dois de seus sobrinhos, Principes ainda jovens e de grandes esperanças, os quaes só succumbiram depois de terem dado decisivas provas de seu valor.

Trimumpára não perdeu animo com a morte d'estes bravos Principes, e reunindo suas tropas fugitivas offereceu batalha ao Çamorim; porém foi batido, ferido, e constrangido a salvar-se na Ilha de Vaipem, sendo acompanhado dos Portuguezes.

O victorioso Çamorim tentou ainda a constancia do magnanimo Trimumpára pelas vias da doçura, mas não tendo a adversidade mudado um coração tão fiel, descarregou a sua cólera sobre Cochim; entrou na cidade, poz ahi tudo a ferro e a sangue, o ousou hir atacar o Rei fugitivo em seu proprio retiro, posto que a sua religião o tornasse um asylo sagrado. A Ilha porém achando-se bem fortificada, e de difficil accesso, resistiu aos seus esforços, e a vinda das chuvas o obrigou depois a retirar-se para seus estados. Não obstante elle proveu a defeza da Ilha de Cochim; deixou ahi

algumas tropas afim de assegurar a sua posse, e voltou para Calecut orgulhoso pelo feliz exito de sua empreza, e resolvido a renovar a guerra logo que começasse o bom tempo.

Na extremidade a que se achava reduzido o Rei de Cochim em vesperas de perder tudo, a Providencia lhe ministrou soccorro. El-Rei D. Manuel persuadido qne tudo estava tranquillo nas Indias, não havia posto no mar no anno precedente mais do que trez pequenas esquadras, cada uma composta de trez vellas. A primeira commandada por Antonio de Saldanha, devia guardar a entrada do Mar Vermelho, e as outras duas erão destinadas para as Indias, sob o commando de Francisco, e Affonso de Albuquerque.

Antonio de Saldanha deixou seu nome á Aguada do Saldanha, proximo do Cabo da Bôa Esperança, tendo ahi pelejado contra os barbaros. Neste lugar foi morto no dia 1.° de Março de 1810 o illustre D. Francisco d'Almeida como em seu lugar notaremos

Francisco d'Albuquerque chegou ás Ilhas Anchedivas, alli se lhe reuniram trez navios da esquadra de Vicente Sodré, commandados por Pedro d'Atayde, que o informou de que um furioso temporal fizera hir a pique o navio em que estava Vicente Sodré, e outro commandado por seu irmão Braz Sodré, morrendo ambos, bem como quasi toda a gente que se achava a bordo. Francisco de Albuquerque sabendo dos successos occorridos em Cochim, sahiu com a sua esquadra, e tocando em Cananor aonde soube o infeliz resultado da guerra de Cochim, foi fundear na ilha de Vaipem.

Trimumpára que foi dos primeiros que reconheceram o pavilhão, exclamou transportado de alegria: *Portugal*, *Portugal*, correu ao porto a encontrar o Chefe, e o recebeu como seu libertador. Francisco d'Albuquerque tendo-o cum-

primentado da parte d'El-Rei, e agradecendo-lhe o zêlo com que elle se votára a seus interesses, fez trazer os ricos presentes que El-Rei lhe enviára, e em seguida lhe offereceu seus serviços, e prometteu restabelecêl-o no throno.

Esta promessa foi logo cumprida. Francisco d'Albuquerque tendo derrotado, e afugentado as guarnições que o Çamorim deixára na Ilha de Cochim, reconduzio em triumpho o Rei para a sua capital. Não satisfeito com este primeiro resultado, tendo distribuido seiscentos homens de sua frota, sob o commando dos capitães que com elle vierão, se assenhoreou de duas Ilhas visinhas pertencentes a Caimaes rebeldes; derrotou suas tropas, deixou morto em combate um d'estes Caimaes; incendiou seus palacios, assolou suas terras, bateu uma frota de cincoenta paráos pertencentes ao Çamorim, fez muitas excursões nas terras de Repelim, e com incrivel celeridade voltou para Cochim coberto de gloria. O que mais se distinguio nestes primeiros combates, foi Duarte Pacheco, que tinha hido na primeira expedição do Almirante D. Vasco da Gama, e voltava agora segunda vez ás Indias commandante d'um dos navios da Esquadra de Affonso d'Albuquerque; mas como os temporaes o obrigassem a separar-se d'ella, elle o antecipou na sua chegada á India.

O Rei de Cochim estava tão satisfeito, que o general julgou aproveitar estes felices momentos para lhe propor, um nome d'El-Rei D. Manuel, o permittir-lhe edificar e na fortaleza na sua cidade. O Rei na situação em que se achavão os seus negocios não só consentiu, mas forneceu os materiaes e operarios para se acelerar a obra, e Francisco d'Albuquerque, receando que o Rei se arrependesse brevemente d'um consentimento dado sem ponderação, não perdeu tempo, escolheu um sitio alto, que dominava a Cidade, e o porto, delineou a planta da fortaleza, e na falta de

pedra e cal mandou cortar troncos de palmeiras, que o Rei deu francamente. Quatro dias depois de começada a obra, chegou Affonso d'Albuquerque, o qual, como trazia o mesmo regimento de Francisco d'Albuquerque, adiantou a obra de cuja direcção tomou cargo, e concluio em breve tempo, assim como a igreja que successivamente se fundou.

Constava o forte de um quadrado de madeiros sobre madeiros bem unidos, e pregados com prégos, estava terraplenado e cercado de um grande fosso, onde entrava a agua do rio, nos dous augulos do quadrado se fizeram duas torres ou cavalleiros, em que se abriram boas baterias (*). A pressa que se davão os dous Albuquerques, a fazerem suas carregações, e voltarem para Pertugal, lhes não permittiu empregarem na construcção do forte e da igreja outra materia que não fosse madeira, nem de construirem uma obra de maior solidez. O remate dos trabalhos d'estes dous edificios foi logo seguido de uma ceremonia santa, e tão pomposa quanto o permittia a situação em que se achavão os Portuguezes. Esta ceremonia não deixou de agradar aos infieis, que admiraram os usos de nossa religião, e forão testemunhas da solemnidade com que foi sagrada a igreja, sob a invocação de S. Bartholomeu, e o forte que foi baptisado sob o nome de S. Thiago.

Terminado este negocio, não cuidaram os Albuquerques em outra cousa mais do que em fazerem excursões no paiz inimigo, e de vingarem o Rei de Cochim de seus subditos rebeldes. Fizeram muitas correrias, umas sobre outras, invadiram as terras dos Caimaes de Repelim e Cambalam, e devastaram as povoações. Como a noticia d'estas irrupções corresse por todos os povos circumvisinhos, isto

(*) Esta foi a primeira fortaleza que os Portuguezes fundaram nas Indias.

fez com que, em mui pouco tempo, se reunisse um tão grande numero de Naires, que os Portuguezes se viram muitas vezes em vivíssimo aperto, e constrangidos a recolherem-se apressadamente ás suas embarcações. Duarte Pacheco como não tivesse achado a sua no mesmo sitio em que a deixára, esteve a ponto de ser morto pela multidão; mas tendo feito esforços de bravura mais que humanos, conseguiu dar tempo aos Albuquerques de o livrarem. Pouco depois elle prestou igual serviço a Affonso d'Albuquerque, que assim como lhe devia a vida, da mesma sorte lhe deveu depois toda a gloria que adquiriu. Duarte Pacheco destruio trinta e quatro paráos de Calecut, que andavão crusando naquella costa e perturbavão o commercio de Cochim

O Çamorim que não ignorava estes acontecimentos, e estava já aborrecido da guerra, excitado além d'isso pelo Principe Naubeadarim, cujo amôr á justiça, e estima para com os Portuguezes o fazião pender para estes, sollicitou a paz. Esta foi tratada e concluida tão secretamente, que os Mouros de Calecut o não souberão senão quando o tractado foi assignado. O Çamorim obrigou-se a viver em paz e amizade com o Rei de Cochim, a retirar seus navios dos portos d'este Reino, e a não perturbar seu commercio; e comprometteu-se além disso a pagar aos Portuguezes mil e quinhentos bahares, (*) de pimenta e alguns quintaes d'outras mercadorias, a titulo de indemnisação, pelo que havia sido roubado por occasião do assassinio de André Corrêa; e finalmente a não permittir que Mouro algum de Calecut commerciasse no Mar Vermelho. Francisco d'Albuquerque quiz que lhe fossem entregues os dous christãos transfugas, mas como este Principe não annuisse a semelhante clausula desistiu-se d'ella. Em consequencia des-

(*) Bahar, era uma especie de pezo Asiatico de 300 libras proximamente.

te tratado, foi desde logo restabelecida a feitoria Portugueza em Calecut, e por toda a parte se começou a desfructar as vantagens d'uma paz tão appetecida.

Affonso d'Albuquerque que tinha ordem positiva d'El-Rei D. Manuel para fazer suas carregações em Culam, e que recebêra da Rainha, Regente durante a menoridade do Rei seu filho, um convite para alli hir, havia já partido para aquelle destino. A estima que esta Rainha professava aos Portuguezes, e as vantagens que se propunha tirar de seu commercio, a tinhão excitado a dar este passo. Culam era uma das cidades mais antigas da India, e donde se pretende terem sahido as colonias que fundaram as capitaes dos diversos Reinos do Indostão. O Commercio porém não podendo ahi fazer-se então com tanta vantagem como anteriormente, pela superioridade que adquirira a cidade de Calecut, a tinha feito decahir de seu primeiro explendor, não obstante era ainda uma cidade bella e rica, e tinha um porto commodo n'um rio navegavel e bastante seguro, excepto em certos lugares onde o canal do rio se estreita. Affonso d'Albuquerque fez um tratado, e estabeleceu alli uma feitoria com um Feitor e dous Secretarios aos quaes deu vinte homens para lhes servir de guarda. Encontrando nesta cidade christãos de S. Thome suavisou a sua escravidão, e obteve do governo uma mui consideravel reducção dos impostos que elles erão obrigados a pagar. Finalmente tendo concluido a sua carregação, deixou alli por missionario o Padre Rodrigues, religioso dominicano, que á sua instrucção juntava uma grande virtude; e extendendo o seu zêlo sobre os christãos ignorantes, e os Indios idolatras, produzio grandes fructos entre uns e outros.

A paz não foi de grande duração, por quanto havendo desintelligencias entre o Feitor e os Portuguezes de Calecut

com o Çamorim, este inquieto Principe começou novamenas hostilidades.

Affonso d'Albuquerque, sendo advertido por Coje-Bequi e pelo Feitor de Calecut, deu aviso a Francisco d'Albuquerque. O Rei de Cochim instruido de tudo por via de seus espias, e que prevía que a borrasca hia cahir sobre elle, não omittiu cousa alguma afim de a desviar, tudo porém foi inutil. Francisco d'Albuquerque prometteu ao Rei de lhe dar alguma gente para o deffender; effectivamente elle deixou cincoenta homens no forte de S. Thiago, e um navio e duas caravellas com cem homens, ás ordens de Duarte Pacheco, que contra a opinião de todos os sacrificou nesta occasião pela honra nacional.

Francisco d'Albuquerque não querendo perder monção sahiu em direitura a Portugal, e morreu na viagem, naufragrando o seu navio sem se saber aonde, nem de que maneira. Pedro d'Atayde, que commandava um navio da mesma Esquadra, naufragou na costa da alta Ethiopia, salvando-se porém a sua tripulação, que depois de muitos trabalhos e fadigas, se dirigiu parte a Moçambique, e o resto a Melinde.

Affonso d'Albuquerque, apesar dos temporaes que soffreu em sua derrota, chegou felizmente a Lisbôa, sendo muito bem recebido d'El-Rei D. Manuel, a quem fez presente de dous bellos cavallos persas (os primeiros que forão vistos em Portugal) e grande numero de perolas de valor.

Duarte Pacheco animado d'uma extraordinaria coragem começou a fazer preparativos para a defesa de Cochim. O Rei seguia o exemplo do heróe portuguez, porém um boato o consternou ao ultimo ponto. Os Mouros residentes na cidade persuadiram este Principe que Duarte Pacheco re-

conhecendo a impossibilidade de resistir ás forças do Çamorim, tencionava retirar-se com a sua gente para Culam, ou Cananor. O Rei a quem esta confidencia fez a maior impressão, não poude deixar de fallar a Duarte Pacheco; este sciente da intriga produzio razões tão convincentes, que o Rei não só ficou satisfeito, mas ordenou que todos os seus subditos lhe obedecessem como a elle proprio, e prohibiu, sob pena de morte, a emigração da cidade.

Duarte Pacheco revestido d'esta authoridade convocou os principaes habitantes de Cochim, e depois de reanimar seus animos abatidos, lhe fez saber que estava na firme resolução de mandar enforcar a todos que fossem traidores aos Reis de Portugal e Cochim, ou abandonassem Cochim. Em seguida fez patrulhar a cidade de dia e de noite, porém ninguem se atreveu a contrariar ordens tão positivas.

O Çamorim constando-lhe que Duarte Pacheco entrára nas terras dos Caimaes seus alliados, e levava tudo a ferro e fogo, resolveu logo começar a campanha, e seguido dos Reis seus tributarios, ou seus alliados, e de cincoenta mil homens, de que se compunhão seus exercitos de terra e mar, dirigiu-se a marchas forçadas sobre Repelim, resolvido a entrar na Ilha de Cochim pelo passo de Cabalam. Duarte Pacheco conhecia a impossibilidade de podêr resistir a um tão prodigioso numero de inimigos, com cento e cincoenta Portuguezes, no entanto como a desesperação muitas vezes fornece forças, reunio a sua gente, e lhes representou d'uma maneira tão pathetica a conjectura em que se achavão, que todos elles obrigados pela necessidade de fazerem esforços mais que humanos, para defenderem seus bens, sua liberdade, suas vidas, e a honra de sua nação, ou de morrerem infamados; e além d'isso excitados pela vehemencia do seu discurso, abraçaram-se mutuamente e se obrigaram com os juramentos mais solem-

nes a prepararem-se com os sacramentos da igreja, para morrerem antes do que recuarem, ou fazerem ver o menor indicio de cobardia.

Satisfeito Duarte Pacheco da nobre emulação que abservava em todos os bravos que estavão sob suas ordens, os dividiu da seguinte maneira: postou no forte de Cochim trinta e nove homens commandados pelo Feitor Fernando Corrêa, vinte e cinco homens ficaram ás ordens de Diogo Pereira, capitão do navio, que destinou para guarda da cidade. Das duas carvellas que havia, uma precisava de concertos, e ficou no estaleiro fóra de serviço; pela outra caravella e mais duas lanchas distribuio o resto de sua gente, devendo elle proprio commandar uma das lanchas para com este fraco soccorro hir postar-se no passo de Cambalam, que se propunha defender. Antes de partir, foi despedir-se do Rei, o qual poz á sua disposição quinhentos Naires sob o commando de dois Caimaes, que fez acompanhar dos thesoureiros de suas finanças. A affectada alegria de Pacheco não illudio este Principe, que dando-lhe os adeuses não poude reter as lagrimas pela idéa de o vêr correr a uma morte certa, pela comparação que elle fazia d'esta pequena tropa com a inumeravel multidão de seus inimigos.

Duarte Pacheco logo que chegou ao passo de Cambalam afugentou oitocentos Naires, que pertendião embaraçar-lhe o passo, em seguida fundeou na mesma passagem, de sorte que a caravella e as duas lanchas quasi que a obstruião, ficando amarradas umas ás outras com duplicados cabos, e estes ainda fortificados com cadêas de ferro para que as não podessem facilmente cortar.

Naquelle mesmo dia appareceu o exercito inimigo, e no principio da noite o Çamorim fez levantar, por intervenção dos dois christãos transfugas, um cavalleiro com

cinco bombardas em frente do passo de Cambalam. No dia seguinte marcado pelos agoureiros como dia feliz e decisivo, os inimigos ao romper da aurora se poserão em movimento para combate. A margem estava toda coberta de tropa que devião tentar a passagem do váu, e erão commandadas pelo proprio Çamorim. A frota ás ordens de Naubeadarim e do Caimal de Repelim, seu commandante em segundo, occupava todo o canal, e se compunha de cento e sessenta navios de rêmo de trez diversas especies, a saber — de setenta e seis paráos levando cada um d'elles cinco bombardas, vinte e cinco archeiros, e cinco arcabuseiros; cincoenta e quatro catures (*) e trinta tones ou almadias tendo cada uma a sua bombarda, com deseseis combatentes diversamente armados. A'vista d'esta multidão d'inimigos, do brilhantismo de suas armas, do som de seus instrumentos bellicos, e dos seus gritos, assustaram-se tanto os Naires do Rei de Cochim, que se poserão todos em fuga, não ficando um só dos subditos d'este Principe, á excepção dos dois thesoureiros, que estando na caravella, forão retidos, a pesar seu, pelos Portuguezes, os quaes pela sua parte mostraram a maior firmeza e resolução.

Vinte paráos encadeados e armados de arpéos para aferrarem a caravella, principiaram o ataque. Uma nuvem de frechas e o fogo de mosquetaria e artilheria tornaram o combate terrivel, mas os inimigos estando muito apertados não podião fazer evolução alguma, e recebião um damno extraordinario com o fogo da nossa artilheria.

Duarte Pacheco tendo feito muito a proposito disparar dous tiros d'um dos maiores canhões que guarnecião a caravella, metteu quatro paráos a pique, e como despedaçasse

(*) Catur era entre os Indios uma especie de pequeno vaso de guerra.

a cadêa que os amarrava, obrigou os outros a retirarem-se. A segunda linha de paráos veiu occupar o lugar da primeira, elle meteu do mesmo modo oito d'estes a pique; poz oito fóra de combate, e os restantes em fuga. O Caimal de Repelim que commandava a terceira linha, avançou para substituir as primeiras duas, e o exercito de terra entrou no váu. Então o combate tornando-se mais perigoso por este duplicado ataque, renovou com maior furor e durou até á noite sendo os inimigos destroçados e obrigados a retirar vergonhosamente com a perda de mil e quinhentos homens, sem que os Portuguezes tivessem pela sua parte mais do que alguns feridos.

O Çamorim recebendo reforços ordenou novo ataque, dividiu suas forças em dous corpos, um dos quaes devia atacar o navio que ficára de guarda á cidade, em quanto que o outro, como embuscado no rio de Repelim, viria postar-se na passagem do váu, na ausencia do Chefe portuguez, que elle previa não deixar de correr logo a defender o seu navio. Duarte Pacheco havia sido avisado por seus espias, do dia em que devia ter lugar o ataque, mas ignorava o estratagema que se projectára, e como se tivesse preparado para a defensa do váu, ficou muito admirado de que o inimigo não apparecesse naquelle ponto; mas pelas nove horas da manhã recebeu um expresso do Rei de Cochim, que o advertia do perigo em que se achava o navio portuguez. O nobre heróe toma a resolução seguinte: das duas caravellas que estavão ainda em estado de servir, deixa uma com uma das lanchas de guarda á passagem do váu, e com a outra caravella e a segunda lancha vôa em auxilio do navio, coadjuvado pela baixa-mar, e d'um vento de terra favoravel, sua presença poz os inimigos em fugida, apesar dos esforços dos chefes. Como Duarte Pacheco não podesse seguil-os, continuava seu caminho para o navio, quando o estrepito d'artilheria dos que atacavam e defendião

a passagem do váu de Cabalam o chamou para alli. Felizmente como tivesse mudado o vento á prêa-mar, se apresentou naquelle ponto em poucas horas, e chegou muito a proposito, posto que a caravella tivesse um rombo a flôr d'agua. O combate foi de uma e outra parte tão encarniçado que os Portuguezes já não podião mais; a vinda porém de Duarte Pacheco decidiu este novo ataque, por quanto os inimigos vendo-se investidos de flanco não pensaram mais do que em fugir, depois de terem perdido perto de tresentos homens, e desenove paráos, que os Portuguezes queimaram, não tendo estes mais prejuizo do que alguns feridos; ficando todos ensoberbecidos com tão extraordinarias façanhas, que encheram de terror os inimigos da inclita Nação Portugueza.

CAPITULO VII.

ANNOS DE 1504 A 1505.

O Çamorim renova o combate, e é obrigado a retirar-se vergonhasamente. Duarte Pacheco o segue de perto. O Çamorim deseja a paz; é dissuadido pelos seus Agoureiros de a sollicitar; e tenta novamente entrar em Cochim por outras passagens. Rebenta a peste no exercito inimigo, a qual faz suspender suas operações. Duarte Pacheco aproveita-se d'este intervallo para dispor a defesa das passagens. O Çamorim entra novamente em campanha. Ordem em que marcha o seu exercito. Dispõe-se Duarte Pacheco a receber o inimigo, que tenta uma das passagens e é repelido. Perigo que corre Duarte Pacheco, e de que maneira o evita. O Çamorim é obrigado a retirar-se com grande perda e desesperando

a paz, recorre outra vez á guerra. Tenta incendiar os vasos portuguezes surtos na Ilha de Cochim; descobre-se este projecto, e é batido pela quinta vez. Lopo Soares chega ás Indias com uma poderosa armada. As condições de paz propostas por Lopo Soares não são acceitas pelo Çamorim; rompem-se as negociações, e Calecut sofre um terrivel bombardeamento. O Çamorim prepara-se para recomeçar a guerra. Lopo Soares trata de a prevenir. O inimigo é ainda outra vez batido, e dispersado. Lopo Soares entra violentamente em Cranganor, e lhe lança fogo. O Rei de Tanor sublevase contra o Çamorim, allia-se com os Portuguezes, e o bate em diversos recontros. Lopo Soares bate, apresa, e queima desesete grandes navios mouriscos ricamente carregados, e volta, juntamente com Duarte Pacheco para Portugal. Distincções com que são recebidos na Capital por El-Rei D. Manuel. O ultimo é victima da inveja, e que galardão merecêram seus serviços. Parte para a India D. Francisco d'Almeida com uma esquadra de vinte e duas vellas. Grande ascendente qae os Portuguezes adquirem em todo o Indostão. D. Francisco d'Almeida funda uma fortaleza na Ilha Anchediva, e parte para Cananor, aonde estabelece a sua residencia, tomando a titulo de Vice-Rei da India.

A indignação do Çamorim pelo resultado d'aquelle seu estratagema, não lhe permittiu differir a renovação do combate. Duarte Pacheco advertido de seus projectos, deu as convenientes ordens para que a sua gente estivesse prompta, e recommendou deixassem aproximar o inimigo o mais possivel. O silencio augmentou a confiança d'este, pois que

effectivamente veiu em chusma e quasi desordenado, e logo que estiverão ao alcance da mosquetaria, se fez um tão vivo fogo de artilheria, e mosquetaria, que os Indios ficaram inteiramente descorçoados. Debalde Nambeadarim, e o Caimal de Repelim, excitados pelas iujurias, exprobrações, e insultos que lhes fez o Çamorim desesperado, procuraram repetidas vezes reconduzil-os ao assalto; o combate terminou por uma vergonhosa retirada, perda de uns vinte paráos, e perto de seiscentos homens fóra do combate. Esta retirada affligiu o Çamorim, e o obrigou a levantar o campo, e retirar-se precepitadamente. Duarte Pacheco o seguiu, picando-lhe a retaguarda; incendiou-lhe dous pagodes, uma pequena aldêa, e bateu um corpo de tropas, que pretendia oppôr-se-lhe. Por mui fatigados que estivessem os Portuguezes, Duarte Pacheco não lhes dava tempo para descançarem, afim de que os inimigos não podessem respirar, e como era sempre avisado dos designios do inimigo, e além d'isso observára que os ataques erão assignalados pela superstição dos dias que elles tinhão por felices, ou de máu agouro, elle se aproveitava d'aquelles intervalos, e apparecia nos lugares aonde menos o esperavão; ora incendiava uma povoação, ora saqueava outra, ora cahia sobre um destacamento da frota, marchava sempre com segurança, e jámais voltava d'uma expedição sem que tivesse combatido, e alcançado alguma vantagem consideravel.

O Çamorim teria sollicitado a paz da maneira que a proposera em conselho, se o Caimal de Repelim, os Mouros, e os Brachmanes o não tivessem affastado d'essa idéa, dando-lhe a esperança, de que se obteria mais feliz resultado, tentando as passagens de *Palinhard* e de *Palurt*, onde elle passára na primeira vez, quando entrára na Ilha de Cochim.

Resolvido o Çamorim a fazer esta nova tentativa, para alli fez conduzir as suas tropas. Duarte Pacheco, segundo os avisos que se lhe havião feito, estava persuadido que este Principe se retirava para Calecut, mas tendo depois sido mais bem informado ácêrca da sua marcha, que já a vanguarda de seu exercito havia entrado na Ilha de Arail, e que este se occupava em cortar ramagens de arvores, o que entre os Indios era um signal de victoria, correu logo com tal rapidez sobre este corpo de tropas, que o poz em debandada, encravou a artilheria das baterias que ahi havião construido, e fez cortar as arvores que guarnecião a extremidade da Ilha.

As duas passagens de *Palinhard* e de *Palurt*, distantes meia legua uma da outra, tinhão de vantajoso para os Portuguezes o não poderem ser atravessadas ambas ao mesmo tempo. A primeira só era accessivel á gente de pé, no fim da baixa-mar, e ainda então se tornava mui difficil, em consequencia da grande altura de lodo que ficava na vasante e da espessura das balsas que guarnecião a margem opposta; a segunda podia ser transitada em botes na prêa-mar, mas de nenhuma sorte quando abaixavão as aguas. Duarte Pacheco que havia attendido a esta circumstancia, conheceu logo que elle podia achar-se sempre ao alcance de defender ambas as passagens, e tendo postado as suas duas caravellas na passagem de Palurt, bem ancoradas e amarradas uma á outra com cadêas de ferro, elle se deixava hir nestas lanchas bem armadas, na corrente das marés, de sorte que chegava á passagem do Palinhard no fim da vasante, e voltava ajudado pela enchente para o passo de Palurt. Neste trabalho continuou sem interrupção de dia e de noite, por todo o tempo que o inimigo o ameaçava. Este não o fez esperar muito, atacou como da primeira vez, porem foi derrotado, declarando-se victoria pelos Portuguezes.

A peste fazia grandes estragos no exercito do Çamorim, e o obrigou a ausentar-se por algum tempo: d'esta maneira Duarte Pacheco teve occasião de poder concertar os seus navios, de fazer provisões de guerra e bôca, e fortificar as mencionadas passagens. Fez obstruir a que era vadeavel por gente a pé com vigas e pranchas guarnecidas de longas pontas de ferro, mas como estas vigas e pranchas, se entranhassem muito pelo lodo, mandou ahi assentar grande numero de estacas de madeira rija bem aguçadas, as quaes não deixaram de produzir em tempo conveniente o seu effeito. Fortificou depois a frente do váu, e estabeleceu uma extensa estacada ao longo da margem que medeava entre uma e outra passagem, de cuja guarda encarregou os Naires do commando do Principe herdeiro de Cochim.

Como a peste tivesse diminuido e os agoureiros marcassem um dia feliz para a passagem do váu de *Palinhard*, o Çamorim fez avançar o seu exercito na seguinte ordem: trez mil Naires formavão as avançadas; seguia-se a vanguarda ás ordens do Principe Nambeadarim, composta de doze mil homens, entre os quaes se contavão duzentos archeiros, e trinta mosqueteiros. O Caimal de Repelim commandava outros doze mil homens. O Çamorim fechava a marcha do exercito com a retaguarda de quinze mil homens, entre os quaes havião quatrocentos porta-machados, destinados a destruirem a estacada. Para oppôr a todas estas forças não tinha Duarte Pacheco mais do que quarenta homens com duas lanchas, em cada uma das quaes havião seis pedreiros, dous falconetes, e outro canhão de maior calibre. Esperou que o inimigo se aproximasse, e fez um fogo tão destruidor, que o compelliu a retirar-se; entretanto chegou Nambeadarim com a vanguarda, entrou no váu com bastante deliberação, e foi recebido pelos Portuguezes com um vivissimo fogo de artilheria, mosquetaria, e granadas. A novidade do ultimo não deixou de

causar grande desordem e extraordinario espanto entre os inimigos, cujo ardor affroxou. Duarte Pacheco que receou que a sua lancha ficasse em sêco fez avançar Christovão Juzarte, commandante da segunda lancha, que era mais pequena, para occupar a entrada do váu, em quanto elle retrocedeu um pouco, afim de o sustentar, preparando-se a reunil-o logo na prêa-mar, a qual não podia tardar muito.

Este movimento não paralisou a acção dos Portuguezes, porém os Naires de Cochim encarregados de guardar a estacada, tomaram a fuga, por traição de um Caimal parente de Trimumpára, que tendo deixado o partido d'este Principe, para seguir o do Çamorim, havia tambem abandonado este para se congraçar com o Rei de Cochim, que elle outra vez trahia: d'esta forma Duarte Pacheco ficou só com os Portuguezes.

O Çamorim sabedor d'este successo fez avançar suas tropas, que effectivamente entraram no váu; mas logo que chegaram ás pontas aguçadas das estacas, atormentados de uma parte por estes dolorosos obstaculos, e seriamente encommodados pelo fogo que lhes fazião as lanchas portuguezas, tudo entre elles era confusão, e pretendendo retroceder viram-se embaraçados pelo lodo, em que alguns ficaram enterrados. Até então todas as vantagens estiveram da parte dos Portuguezes: mas a palissada que se achava indefesa, por ter sido cortada pelo inimigo, ministrou uma nova passagem, os inimigos tomão coragem, e avanção. Duarte Pacheco estava quasi cercado, e julgando-se perdido, chamou de todo o coração o Altissimo em seu auxilio. A prêa-mar pareceu então voltar de proposito neste momento como em deferimento á sua supplica. Foi este effectivamente o instante decisivo; á medida que augmentava a agua, maior era a facilidade com que os Portuguezes manobravão; pelo contrario, os inimigos viram-se na necessidade

de cederem, até que tornando-se-lhes a passagem impossivel, o Çamorim fez tocar a retirar, e reconduzio suas tropas para o acampamento, tendo soffrido nesta occasião maior perda que em alguma das acções percedentes. Sua pessoa correu ainda grande perigo, porque ao tempo que elle caminhava ao longo da margem, Diogo Raphael que commandava uma das caravellas no passo de Palurt, tendo-o apercebido, lhe fez apontar um canhão, que descarregando, matou trez dos principaes senhores da sua côrte, e tão perto d'elle, que ficou todo salpicado de sangue; atterrado desceu de seu palanquim para poder salvar-se a pé.

Crescia a indignação no coração d'este Principe, á medida que se multiplicavão as suas desgraças; magoado pela perda de tantas batalhas, dizem alguns Historiadores que recorrêra ao artificio, e á traição, já que até então havia sido infructifera a força descoberta. Pretendem tambem que pelos perniciosos conselhos do Caimal de Repelim, elle posera em campo assassinos para tirarem a vida a Duarte Pacheco, e encarregára outros agentes de envenenar as aguas dos poços e das fontes. Duarte Pacheco a quem não erão occultas estas tramas, divulgadas talvez com o fim de o intimidarem, fingiu despresal-as, não deixando de tomar secretamente as necessarias medidas para as prevenir; e querendo depois lograr o inimigo, e atemorisal-o, fez correr o boato de que formára certo plano em virtude do qual seria infallivel a captura do Çamorim. Entretanto estes trabalhos reduziram-se a fortificar a passagem do váu em que se excavaram profundos fossos, e a construir um reducto sobre o qual mandou levantar uma especie de forca, supplicio então em uso entre os Indios, para a infima plebe. Interrogado pelos Naires de Cochim para que fim era destinada aquella forca, respondeu friamente, *para inforcar o Çamorim*. Este Principe ficou tão assustado com tal noticia que immediatamente enviou dois agentes encar-

regados de negociarem a paz. Duarte Pacheco desejava o fim d'esta guerra, porém como os deputados secretos lhe não apresentassem plenos poderes, e obrassem simplesmente em seu proprio nome, affectou não fazer caso d'elles, e declarou, *que se o Çamorim pessoalmente lhe sollicitasse a paz elle pensaria na resposta.*

Este despreso apparente, sustentado pelo feliz exito das frequentes e sempre imprevistas correrias de Duarte Pacheco, acabou de affligir a Çamorim, e augmentou mais seus terrôres. Não obtendo a paz, resolveu tentar ainda uma vez a sorte da guerra, persuadindo-se que seria facil aniquilar seus inimigos com umas machinas de guerra, inventadas por um engenheiro arabe, as quaes consistião em oito tôrres, cada uma levantada sobre dois paráos unidos, e podendo levar uns dez arcabuseiros, que ficando mais elevados que os navios dominariam a coberta, e os poderião bater com vantagem. Duarte Pacheco que poude obter o plano d'estas machinas, dispoz-se a recebêl-as, e para este fim encostou as suas duas caravellas uma á outra com as popas para a margem, apoiadas sobre pequenas vigas a fim de que os paráos inimigos as não podessem investir, arranjou em cada uma das caravellas um castello de prôa, cada um dos quaes continha seis homens, e finalmente formou na frente um pontão construido de madeiros, e guarnecido de doze homens.

O Çamorim começou o novo ataque investindo o exercito o váu de Palinhard. Grande numero de jangadas carregadas de materias combustiveis devião ser incendiadas para hirem com a corrente da maré sobre os navios portuguezes e lançar-lhe assim o fogo. Seguia-se depois a frota ordenada sobre trez linhas, a primeira era composta de vinte poráos parte encadeados, e parte soltos; a segunda de cem catures, e de oitenta tones ou almadias; depois d'estas vinhão

os oito castellos de que se esperavão tão grandes effeitos, mas todas as esperanças do inimigo se desvanecêram como o fumo, seus projectos não serviram senão de lhes causarem novas perdas e de os cobrir de maior vergonha e confusão.

As balsas inflamadas abandonadas á vasante da maré ficaram afastadas dos navios por causa do pontão e consumiram-se inutilmente. A frota inimiga permaneceu todo o tempo que durou este incendio, exposta a um vivo fogo da artilheria portugueza, que era de maior calibre e melhor servida que a dos Indios, de sorte que se não disparava um tiro que não fosse bem empregado. O rio estava coberto de centenares de cadaveres, e destroços das embarcações, as quaes umas se afundavão, outras em extremo incommodadas, procuravão affastar-se, e não fazião mais do que augmentar a desordem. Das oito grossas e pesadas machinas, dificeis de manejar, sómente duas poderam aproximar-se, porém mandando Duarte Pacheco disparar alguns tiros de peça cahiram com grande estrondo no mar, morrendo todos os combatentes que nellas se achavão.

O Çamorim não foi mais bem succedido no passo de Palinhard. Simão d'Andrade, e Christovão Juzarte, que commandavão os bateis, Lourenço Moreno que tinha sob as suas ordens alguns paráos indianos, e o Principe de Cochim, que com seus Naires guardava a estacada, todos se defendêram com heroico valôr, até que subindo a agua pela prêa-mar, a victoria se decidiu pelos Portuguezes.

Algumas proposições de paz não tiveram o exito desejado, e em differentes ataques o Çamorim foi ainda rechaçado. Finalmente depois de cinco mezes empregados nesta guerra, foi obrigado a voltar a Calecut, tendo perdido, pela peste, ou pelo ferro do inimigo, dezoito a vinte mil homens. Cahiu em tal abatimento, que pelo espaço de al-

guns dias esteve retirado n'um *Turcal* (*) resolvido a passar alli o resto de seus dias, no exercicio da penitencia, e serviço de seus deuses.

A noticia d'este retiro depressa correu por todo o Indostão e acabou por desordenar os seus negocios. Muitos Principes, incluindo o Caimal de Repelim, abandonaram sua causa, e congraçaram-se com o Rei de Cochim.

A Mãi do Çamorim conseguio dissuadir este Principe de tão desesperada resolução, e alfim o resolveu a regressar a Calecut; porém sua causa estava completamente perdida, porque Lopo Soares, que El-Rei D. Manuel havia mandado neste anno para as Indias, chegou então a Cananor com uma armada composta das doze vélas com que sahira de Lisboa, e mais algumas que se lhe reuniram em Melinde, e Mombaça. (**)

Lopo Soares, informado em Cananor do resultado da guerra de Cochim, partiu a toda a pressa para Calecut. O Çamorim mandou cumprimentar o Chefe, e lhe enviou refrescos, porêm este nada aceitou, e disse aos Enviados Indios: «Que exigia a entrega dos dous transfugas europêos, e que se fizesse um tratado de commercio. O Çamorim, seguindo os impulsos de seu traiçoeiro coração, oppoz varios obstaculos, e positivamente recusava entregar os dous transfugas, mas como as duas partes contratantes se obstinassem neste ponto, Lopo Soares deu signal para romper o fogo d'artilheria, que, durando dous dias successivos, destruio muitos edificios, e matou mais de 1:500 pessoas.

(*) Tucal era uma especie de convento dos Brachmanes.

(**) Esta armada trazia mil e duzentos homens de peleja fora a gente necessaria para marear.

A esquadra dirigiu-se depois a Cochim, onde foi acolhida com os maiores applausos. O Rei recebeu com muita alegria Lopo Soares, a quem apresentou Duarte Pacheco como seu libertador. Lopo Soares agradeceu a este Principe, em nome d'El-Rei D. Manuel, a sua constante affeição aos Portuguezes, e entregou-lhe os ricos presentes que lhe enviára este Soberano.

A cidade de Cranganor, de que já temos fallado, situada no Malabar, a quatro leguas de Cochim, era composta de muitas nações reunidas, e de diversas communhões, taes como idolatras, mahometanos, judeus, christãos, e formava com seu territorio um pequeno Estado, que era governado á maneira de Republica, sob a protecção do Çamorim, a quem pagava certo tributo, para poder manter-se contra os Reis visinhos, e sustentar o seu commercio. Nesta ultima guerra, havia ella patenteado demasiado zêlo pelos interesses d'este Principe; zêlo promovido pela facção dos Mouros que alli erão os mais poderosos. Cochim havia soffrido muito pela visinhança d'esta cidade. Corria n'esta épocha que o Çamorim contando com a proxima partida da armada portugueza para a Europa, fazia preparativos de guerra, para tornar a atacar a Ilha de Cochim onde esperava entrar por outra passagem chamada o passo de Paliport. O Principe Nambeadarim ahi reunia um numeroso exercito de terra, e um Mouro por nome Maimane, habil maritimo, dirigia com a maior actividade a formação de uma nova armada, para a qual tinha já oitenta paráos, e cinco grandes navios.

Por este tempo Lopo Soares tendo feito armar vinte e cinco paráos, com estas e outras embarcações, em que embarcaram mil Portuguezes, e outros tantos Naires foi para Cranganor. Apesar do segredo, os inimigos tiverão tempo de se pôrem em defensa. Maimane apresentou-se com dous

de seus grandes navios amarrados um ao outro, bem guarnecidos de artilheria, os quaes cobrião a sua frota. Cinco bateis que fazião a vanguarda dos Portuguezes, começaram desde logo o ataque com bastante resolução; por muito tempo se combateu com denodado valor de parte a parte. Maimane e seus dous filhos, defenderam-se como desesperados, e morreram como uns bravos. Capturados os dous navios, o resto da frota não tardou em ser destruida. Lopo Soares deu então o signal para desembarque. Nambeadarim se lhe oppoz com as suas tropas; o combate foi renhido e sanguinolento, mas por fim vendo-se obrigado a ceder, e sendo pelos seus arrastado á fuga, entrou em Cranganor por uma porta, para sahir por outra. Os Portuguezes o seguiram pela cidade onde pozerão tudo a fogo e sangue. Lopo Soares tinha dado ordem para que se respeitassem as Igrejas, e as casas dos christãos, que tinhão vindo reclamar a sua protecção; mas como no Indostão as casas são quasi todas formadas de madeira, e cobertas de caniçados ou de grandes folhagens, não poude obstar-se a que muitas fossem devoradas pelas chammas.

Neste mesmo tempo, e Çamorim recebeu dous novos revezes, da parte, donde menos os esperava. O Rei de Tanor denodado e assaz poderoso em territorio, havia sido pouco a pouco despojado pelo Çamorim, o qual lhe não havia deixado mais do que Panana e Tanor. Tinha soffrido estas extorsões com paciencia, como d'ordinario acontece aos pequenos estados que se vêem obrigados a ceder a uma potencia maior, e durante a ultima guerra havia este Principe servido o Çamorim com o maior zêlo na esperança de que seus serviços o indusirião a fazer-lhe mais justiça. O Çamorim longe de attender a seus bons officios, pelo contrario pensava ainda em invadir o resto de suas terras, pela commodidade que ellas lhe efferecião na guerra que projectava continuar contra o Rei de Cochim. Semelhante

proceder irritou o Rei de Tanor, que resolveu tirar a mascara: expediu Embaixadores a Lopo Soares a fim de solicitar a sua alliança e de obter algum auxilio; mas antes que este soccorro tivesse chegado, elle descarregou dous golpes mortaes e decisivos no Çamorim. Sabendo que este Principe avançava com dez mil homens, para reunir ás tropas que vinhão de Cranganor, esperou-o n'um desfiladeiro, e o derrotou completamente, matando-lhe mais de dous mil homens, e voltando rapidamente sobre as tropas do commando de Nambeadarim conseguio nova victoria acabando d'aniquilar os restos do fugitivo exercito.

Lopo Soares, e Duarte Pacheco despediram-se do Rei de Cochim; Manuel Telles Barrêto ficou com quatro navios para defender os estados d'este Principe, e os do Rei de Tenor, bem como as feitorias Portuguezas.

Lopo Soares tendo aviso que em Pandarane se achavão dezesete navios dos Mouros ricamente carregados, e que sómente esperavão vento favoravel para se fazerem á vella pelo Mar Roxo, resolveu hir incendial-os, e nada disse sobre este particular ao Rei de Cochim. Fingiu não ter outra cousa em vista senão hir a Cananor, e partiu com toda a armada, fazendo-se ainda accompanhar da que elle deixava nas Indias.

Logo que chegou á altura de Pandarane, vinte paraos inimigos bem armados vendo as caravellas que se havião antecipado e que pouco avançavão por falta de vento, as assaltaram com bastante coragem, mas chegando a nossa armada logo fugiram. Os dezesete navios mouriscos estavão n'uma especie de circulo encadeados uns aos outros com a poupa para a margem, e a prôa eriçada de canhões, com quatro mil homens para os defenderem. O circulo achava-se a coberto de um recife no alto do qual havia um re-

ducto com uma bôa bateria. Os navios portuguezes como não podessem approximar-se muito da terra, por estarem carregados, Lopo Soares foi com a sua gente escolhida nas lanchas, e observando que nada obstava a que as caravellas entrassem as fez rebocar. Toda a difficuldade esteve em passar o recife. A bateria neste estabelecida e a dos navios produziram um tão terrivel effeito, que por pouco que continuasse os Portuguezes se virião obrigados a retirar. Os Capitães das lanchas excitados pelo perigo, forão abalroar ás dos vasos inimigos. Tristão da Silva subiu para o navio que aferrára; este exemplo foi seguido por todos os outros Capitães entre os quaes estava Duarte Pacheco, combateu-se então de parte a parte, braço a braço. Os Mouros cedêram e abandonaram seus navios, que sendo prêsa das chammas, forão consumidos com todas as suas riquezas, por ordem de Lopo Soares, que depois d'esta assignalada victoria, seguio viagem para a Europa, entrando em Lisboa no dia 22 de Julho de 1505, isto é, quatorze mezes depois que d'aqui partira.

Lopo Soares tinha titulos capazes de lhe grangearem a estima publica: filho do grande Chanceller do Reino, depois de haver effeituado uma expedição gloriosa, não é para admirar que fosse acolhido com geral satisfação; no emtanto Duarte Pacheco, seu emulo em proesas, captivava a attenção de todos os habitantes de Lisboa. Succedeu pois que por este tempo El-Rei D. Manuel fez extrahir uma noticia circumstanciada das façanhas de tão grande heróe, a qual enviou ao Summo Pontifice e a todos os Soberanos da Europa. Após isto conduzio Duarte Pacheco até á Cathedral em procissão, hindo alli dar graças ao Altissimo. Por esta occasião o Bispo de Vizeu fez a apologia do vencedor das Indias em sua propria presença. A mesma ceremonia religiosa teve lugar em todas as Igrejas de Portugal.

E' bem de crer se deseje indagar se tantas honras não forão seguidas de revézes. Duarte Pacheco deve augmentar a lista muito numerosa de homens illustres, victimas de uma fatal desgraça. Não pensando mais do que na gloria e vantagens da sua patria, tinha obstinadamente recusado todos os presentes, que o Rei de Cochim lhe queria fazer. Depois do dia glorioso em que elle se vira publicamente elogiado em Lisboa, seja esquecimento, ou inveja, pareceu não se cuidar nelle durante longo tempo. Passados muitos annos, alguns Nobres tendo recordado o seu nome, lhe alcançaram o governo de S. Jorge da Mina. Activo, e pouco politico, Duarte Pacheco adquiriu numerosos inimigos, foi accusado de prevaricação, e o desinteresse de que havia dado provas tão evidentes, não poude obstar a que viesse prêso para Portugal. Sua prisão foi longa; e a final reconhecida a sua innocencia recobrou a liberdade, mas nem por isso deixou de ser o alvo aonde a malignidade dirigiu sempre os seus tiros. Finalmente aquelle que tinha triunfado com tão pouca gente de todas as forças de um poderoso Soberano, e tornado o nome Portuguez tão respeitavel na India, morreu reduzido á ultima indigencia.

(**1505**) El-Rei D. Manuel informado das maquinações occultas, e pouco leaes da Republica de Veneza, e da manifesta opposição do Soldão do Egypto, ligado com os Reis de Calecut e de Cambaya, resolveu mandar á India um grande capitão, que com o titulo de Vice-Rei dirigisse, promovesse, e defendesse os negocios da navegação, e commercio d'aquellas partes. E escolheu para este importante cargo o illustre D. Francisco de Almeida, o qual acompanhado de uma poderosa armada de vinte e duas vélas (*) sahiu do Tejo em Março de 1505.

(*) Esta armada levava 1:200 homens de desembarque.

D. Francisco d'Almeida, devia residir nas Indias primeiramente na qualidade de Governador e Capitão general, e tomaria o titulo de Vice-Rei, logo que tivesse feito construir fortalezas nos lugares que El-Rei lhe designára. (*)

A esqnadra seguio sua derrota com feliz viagem, e veiu lançar ferro a Quilôa. O Rei, a quem D. Vasco da Gama obrigára a prestar pleito e homenagem a El-Rei de Portugal, era usurpador do Throno d'este paiz, e sendo sempre inimigo dos Portuguezes, apenas D. Francisco de Almeida chegou, fugiu para o interior. Mahomet Ancossim ficou governando interinamente, e teria seguido o exemplo do usurpador se o chefe portuguez o não tranquilizasse.

O Vice-Rei, sabedor de quanto este individuo era bemquisto dos Portuguezes, fêl-o logo reconhecer Rei, entregando-lhe a purpura que o fugitivo usurpador maculára As pompas e as festas para a acclamação do novo Rei forão luzidas, e não nos deteremos em as enumerar detalhadamente: basta que digamos que a corôa lhe foi posta na cabeça com o maior ceremonial por D. Francisco d'Almeida, havendo o novo Rei prestado antes juramento de fidelidade a El-Rei de Portugal, de quem se considerava subdito.

Viu-se então na pessoa d'este Principe um bello exemplo de probidade, porque levando o desinteresse até á abnegação, reputou-se tão sómente um depositario da realeza, chegando a rogar ao general que fizesse reconhecer um dos filhos do Rei Abulfait, que fôra desthronado pelo usurpador, e isto com prejuizo de seus proprios filhos. Ainda que D. Francisco d'Almeida admirasse n'este Mahome-

(*) Estas fortalezas devião ser levantadas, segundo as instrucções da côrte, em Quilôa, Anchediva, Cananor, e Coulão.

tano tanta generosidade, tão pouco vulgar nos Principes da terra, annuio todavia ao que elle sollicitára com a condição que conservaria o sceptro em quanto vivo fosse, governando os Estados do seu pupillo.

D. Francisco d'Almeida havendo edificado uma fortaleza em Quilôa, partiu para Mombaça, afim de castigar a audacia do Rei d'este paiz, e exigir-lhe satisfação do seu proceder para com os Portuguezes. O piloto, que tinha sido encarregado de reconhecer a entrada do porto, foi recebido com tiros d'artilheria, e entre as peças notou-se que algumas tinhão as armas de Portugal, as quaes tendo pertencido ao navio S. Raphael, que naufragára n'esta costa, o Rei de Mombaça conseguira tirar do fundo do mar.

O inimigo estava preparado para a defensa. Perto de quatro mil homens guarnecião a praça, e contava afóra isto com varios outros soccorros. D. Francisco d'Almeida não se acobardou: — atacou a cidade por duas differentes partes com vivissimo fogo, e finalmente após um mal ferido combate, tomou-a. Pelejou-se ainda assim pelas ruas da cidade porfiadamente e por muito tempo. Fizerão-se duzentos prisioneiros; e para mais de setecentas pessoas succumbiram n'está lucta sanguinolenta. O Rei refugiou-se para o interior, e d'ahi fez algumas propostas de paz, que se regeitaram completamente. A cidade foi saqueada, e obteve-se um consideravel despojo, de que o Vice-Rei não guardou para si mais do que uma frecha. Na tomada da praça distinguio-se sobremaneira D. Lourenço d'Almeida — D. Francisco d'Almeida não quiz perseguir mais o Rei fugitivo, e mesmo a sua gente estava tão cançada que mal podia manobrar. Contentou-se em tomar a artilheria inimiga, e proseguio na sua derrota para Anchediva, onde mandou edificar uma fortaleza, e assim que esta se achou em estado de resistir a qualquer assalto, foi nomeado seu governador

Manuel Pessanha, a quem ficaram sufficientes munições e petrechos de guerra.

Concluidos estes trabalhos, D. Francisco d'Almeida partiu para Cananor, onde mal que chegou assumiu o titulo de Vice-Rei da India.

CAPITULO VIII.

ANNOS DE 1505 E 1506.

D. Francisco d'Almeida, o primeiro Vice-Rei da India appresenta-se com um fausto digno do alto emprego que exerce. Recebe a bordo de seus navios uma pomposa embaixada do Rei de Narsinga que sollicita a sua alliança. Descrevem-se os extensos estados d'este Principe. O Vice-Rei vai para Cochim, onde acha reinando um sobrinho do antigo Rei do paiz; firma este no throno, repara e augmenta a cidadella aqui estabelecida, e expede para Portugal a frota ricamente carregada. Imprudente proceder do Feitor, Antonio de Sá, em Coulão, que dá causa a serem massacrados os Portuguezes alli residentes. Vingança tomada pelo Vice-Rei por aquelle attentado. O Çamorim instiga os Reis

seus alliados e dependentes, e clandestinamente se prepara para atacar todos os vasos portuguezes que se achassem exulados. O Vice-Rei encarrega seu filho, de hir encontrar, e bater o inimigo, que é desbaratado, perdendo muitos vasos. A cidadella de Anchediva é atacada pelas forças do Sabaio, ou Senhor de Gôa, que são repulsadas com perda: D. Francisco d'Almeida conhece a pouca utilidade que esta fortaleza presta ao Estado, e a faz arrazar. O proceder de Gonçalo Vaz de Góes para com um navio mourisco de Cananor revolta a população d'está cidade contra os Portuguezes. Lamenta a de Cochim a perda de varios vasos que lhe são capturados pelas forças do Çamorim. O Rei de Cananor procura render a cidadella, já por ardis, já de viva força, mas sempre com desvantagem. Prolonga o assedio da mesma por mais de quatro mezes. E' levantado pela chegada inesperada da frota de Tristão da Cunha ás Indias.

O novo Vice-Rei de dia para dia procurava augmentar o lustre do seu nome. Se apparecia em publico era sempre com as maiores pompas e gallas; e como tivesse uma entrevista com El-Rei de Cananor, quiz ahi demonstrar até onde chegava o luzimento da sua côrte, e por isso a nada se poupou quanto podesse accrescentar sua fama em riquezas, e dotes moraes que o tornassem preclaro. Tractou ao principio este Principe como seu subdito, depois renovou com elle a antiga alliança, e obteve poder construir uma fortaleza, que em breve espaço se concluio, fornecendo El-Rei os materiaes, e trabalhando todos os Portnguezes sem distincção de classe, na obra para que se concluisse com a maior diligencia.

Ferio porém mais o amor proprio do Vice-Rei a circumstancia de vêr-se ao mesmo tempo sollicitado pelo Rei de Narsinga ou de Bisnagar. Este Principe, além dos extensos estados que possuia para o interior das terras, extendia ainda o seu poderio por toda a costa de Coromandel d'além do cabo de Çamorim, e d'aquem, pelo territorio tocava Canará, d'uma parte no Malabar, e da outra, no Reino de Decan. Elle se appellidava *o Rei dos Reis*; e effectivamente contava muitos d'elles seus feudatarios especialmente o Rei de Onor. Como seus interesses o indusissem a procurar a amisade dos Portuguezes, tanto que lhe constou a chegada de D. Francisco d'Almeida a Anchediva apressou-se a enviar-lhe um Embaixador que o foi encontrar em Cananor. O Vice-Rei lhe deu pomposa audiencia a bordo. O Embaixador disse por esta occasião «Que «a affeição que El-Rei seu amo tributava á Nação Portu«gueza, obrigando-o a alliar-se com ella, era tão gran«de que não duvidava acceitar voluntariamente quaesquer «condições que podessem favorecer o commercio entre El«Rei de Portugal e seus subditos; e para prova da sua «boa vontade consentia desde já que se estabelecessem for«talezas em nome do Rei de Portugal nos portos de seus «Estados; que o Vice-Rei julgasse mais convenientes, ex«cepto no de Baticala, por haver já este porto sido conce«dido a outros. Finalmente, que para mais estreitar os la«ços da união que aquelle Principe desejava contrahir com «El-Rei de Portugal, elle lhe offerecia para esposa do Prin«cipe de Portugal, sua irmã, Princeza de rara formo«sura.» Estas offertas erão accompanhadas de riquissimos presentes. O Vice-Rei respondeu ao Embaixador cavalheira e dignamente, e regulou temporariamente as condições que lhe pareceram mais convenientes aos interesses de Portugal, promettendo fazer quanto podesse para firmar cada vez mais a alliança que se lhe propunha estabelecer, e a final despediu o Embaixador summamente satisfeito, en-

carregando-o igualmente de magnificos presentes tanto para El-Rei seu amo, como para elle proprio.

O Vice-Rei, tendo deixado Lourenço de Brito governador da fortaleza de Cananor, partira para Cochim, onde se propunha praticar uma brilhante acção. Trimumpára, este tão fiel, constante, e generoso amigo dos Portuguezes já não existia no throno. A sua devoção o havia levado a abdicar, afim de procurar, segundo um mui ordinario costume dos Reis Indios, a solidão, e alli terminar seus dias no exercicio das mais santas praticas de sua religião: mas ao retirar-se do throno, quiz dar aos Portuguezes um testemunho irrefragavel de sua affeição para com elles; porque tendo de escolher um successor entre seus sobrinhos, recusou aquelle que mais inclinado se mostrára ao Çamorim, e nomeou de preferencia Nabeadora, que fôra sempre affecto á Nação Portugueza, não obstante o primeiro ser, conforme o uso do Malabar, o mais proximo herdeiro da corôa. Esta troca não deixou de produzir ao Vice-Rei algum receio, mas reflectindo nesta circumstancia, achou ser a mais favoravel ao seu projecto.

El-Rei D. Manuel mandára uma magnifica corôa de ouro ao Rei de Cochim, e o Vice-Rei tomou a deliberação de coroar solemnemente este Principe. O Rei cercado da sua côrte, recebeu o Vice-Rei, que foi acompanhado de todos os seus officiaes, ao palacio, e depois dos cumprimentos do estillo, começou este o seu discurso. « Exaltou « primeiro os importantes serviços que Trimumpára, seu an- « tecessor prestára á Corôa Portugueza, a ponto de ter arris- « cado seus estados, e sua propria pessoa pela conservação, « e bem estar dos seus alliados. Accrescentou depois que El- « Rei de Portugal se mostrava por tal circumstancia tão agra- « decido, que desejando dar-lhe um testemunho não vulgar « de sua gratidão, lhe recommendára trez cousas que elle

« passava a executar, a respeito do Principe reinante de « Cochim, pois que Trimumpára, por sua abdicação, se « não podia aproveitar d'ellas. Que era a primeira, pôr-lhe « na cabeça uma corôa de ouro, como signal distinctivo « da authoridade real que elle lhe conferia, sob a protecção « de Portugal, exemptando-o desde aquelle momento de « toda a dependencia do Çamorim, ou de outro qualquer « soberano, permittindo-lhe o cunhar moeda de ouro, pra- « ta ou qualquer outro metal, como é da pratica dos Reis, « obrigando-se Portugal a defender o novo Rei, e seus suc- « cessores contra quaesquer inimigos. »

Dizendo isto o Vice-Rei toma a corôa, que põe na cabeça do Principe ao som d'instrumentos guerreiros, colloca-o no throno, e proclama-o Rei.

Poucos instantes depois proseguio assim: « Que con- « sistia a segunda cousa em lhe offerecer uma taça d'ou- « ro, e que em testemunho do reconhecimento e protecção « que El-Rei de Portugal lhe outorgava, todos os annos lhe « enviaria uma taça como aquella. » O Vice-Rei levantou- « se e entregou a taça ao Rei.

« Que era, emfim, a terceira edificar uma segunda « fortaleza mais forte do que a primeira, afim de que a « pessoa do Rei e a cidade de Cochim ficassem a coberto « de qualquer insulto que se premeditasse. »

Lavrou-se um auto, em dupplicado, do acontecido. Alguns escriptores affirmão que Nabeadora se declarára desde então vassallo da Corôa Portugueza, e que os Portuguezes assim e reconheceram; porém é ponto que não podemos dar por inteiramente esclarecido.

O Vice-Rei satisfeito de tão bem haver empregado o

seu tempo, deu-se pressa em accelerar os trabalhos de fortificação: expediu para Portugal oito navios grandes, cuja carga se achava já prompta nos depositos portuguezes de Cochim e de Cananor, e encarregou o commando d'esta frota a Fernando Soares.

Em consequencia dos infortunios acontecidos ao Çamorim pelo valor de Duarte Pacheco, aquelle Principe, desgostoso, parecia não desejar outra cousa mais do que a paz; mas, ou por que o orgulho o impedisse de ser elle o primeiro que a sollicitasse, ou porque o receio o privasse da coragem necessaria para emprehender alguma cousa, conservava-se em inacção, não pedindo a paz, nem fazendo a guerra.

Em Coulão occorreram por este tempo desordens de graves consequencias. Antonio de Sá, Feitor nesta Cidade, determinou que ninguem podesse carregar generos do paiz em quanto os depositos portuguezes não estivessem cheios. Este facto havia tido lugar no tempo em que Duarte Pacheco commandava só nas Indias, o que o obrigára a transportar-se a Coulão; mas por mui activo que fosse, elle pensou dever então dissimular prudentemente o passado, occultar este negocio, e assegurar seus direitos para o futuro. Logo que D. Francisco d'Almeida fundeou em Anchediva, na sua chegada á India, João Homem Capitão da Caravella, que se despachára para participar a vinda do novo general, tendo chegado a Coulão, Antonio de Sá, soberbo de se considerar reforçado por este novo auxilio, renovou as suas instancias e diligencias. Estavão então surtos no porto de Coulão grande numero de navios mouriscos, que sollicitavão o Rei para que os fizesse carregar, pois que nenhuma outra cousa esperavão para se fazerem de véla. Antonio de Sá o havia até então impedido de os satisfazer, posto que lhe não faltasse para isso a

vontade; temendo porém que o Rei cedesse áquellas instancias, expoz a João Homem o objecto de seu receio: e este respondeu-lhe pouco mais ou menos nos seguintes termos: « Que melhor seria não se expor a que o Rei fal-« tasse á sua palavra, e para o collocar na necessidade de « cumprir suas promessas, o seu parecer era, que se man-« dassem tirar aos vasos estrangeiros os lemes e as velas, « guardando-as na Feitoria. » Este projecto teve prompta execução, e em seguida João Homem sahiu d'este porto para hir fazer juncção com a esquadra do Vice-Rei.

Esta acção motivou grande descontentamento entre os Mouros e os Indios; e decorridos alguns dias em contestações, a populaça correu ás armas, e os Portuguezes foram todos mortos; sendo a maior parte queimados na sua propria igreja, que havião procurado, como um asylo seguro, ou assassinados tentando evitar as chammas.

O Vice-Rei logo que teve noticia de tão desagradael acontecimento, ordenou a seu filho de hir tomar vingança d'elle. D. Lourenço d'Almeida, posto que ainda joven, era um dos mais esforçados varões que Portugal então possuia; parte a toda a pressa para Coulão, e observando que nem da parte do Rei, nem da Regencia do paiz, se tratava de se lhe dar satisfação, e que ao contrario, os navios que ahi se achavão começavão a encadear-se uns com os outros para oppôrem vigorosa resistencia, faz saltar a sua gente nas lanchas, e os ataca; depois de um encarniçado combate, mandou lançar fogo aos navios inimigos, em numero de vinte e quatro, ricamente carregados, os quaes todos foram prêsa das chammas.

Como todos aquelles navios pertenciam aos Mouros de Calecut, o Çamorim ressentiu-se vivamente d'esta perda. Este Principe permanecia em perfeita inacção, não era is-

to mais do que uma affectada tranquillidade, por quanto no Indostão lá predominava a sua politica doble, e preparava-se uma reacção geral contra os Portuguezes, tractando-se occultamente de todos os preparativos de guerra para que os seus projectos tivessem bom exito.

Achava-se então em Calecut, certo Romano da nobre familia dos Potrizzi, mais conhecido pelo nome de Luiz Barthêma, Bolonez, que elle proprio se dera nas suas memorias. A sua curiosidade, e desejo de viajar o tinhão levado do Levante até ás Indias, disfarçando seu nome, seu estado, e sua patria. Tendo a habilidade d'observar o que se passava na côrte do Çamorim, achou meio de sahir da cidade, e vir relatar fielmente tudo a D. Lourenço d'Almeida. O seu relatorio foi precisamente o que se segue: « Que o Çamorim exasperado por ver seu commercio interrompido, tendo reunido o maior numero de calafates possivel, havia feito apromptar, uma armada a mais numerosa de qnantas elle até então havia posto no mar; afim de fazer comboiar todos os vasos mercantes que viessem para seus portos: Que esperava surprehender os navios portuguezes que andassem dispersos em differentes pontos: Que se servira com vantagem dos dois transfugas christãos, de que se tem fallado: Que estes lhe havião fundido, grande numero de canhões de diversos calibres, e apresentado a planta de muitos navios, de que a sua armada se compunha. Que estes dois renegados, que se havião tornado tão nocivos aos Portuguezes, estavão vivamente atormentados em suas consciencias, continuavão a servir aquelles infieis por necessidade, e voluntariamente se entregarião aos Portuguezes, se podessem obter o seu perdão. »

Sabedor o Vice-Rei de todos estes promenores, enviou immediatamente o Italiano a seu filho D. Lourenço de

Almeida, com instrucções para que o fizesse passar a Calecut, e auxiliasse a evasão dos dois transfugas, reunindo ao mesmo tempo todos os seus vasos que andassem dispersos, e sahisse ao encontro da armada inimiga, para a bater, Não deixou D Lourenço d'Almeida d'executar á risca as ordens de seu pai; mas a ambição dos transfugas foi causa da sua perda. O desejo que elles tiverão de transportarem para bordo suas mulheres, seus filhos, e bens moveis, e os movimentos que para isso fizerão produziram a suspeita de quaes fossem seus designios, pelo que a populaça amotinou-se e os fez em pedaços. O fiidalgo romano, mais habil, salvou-se, não sem grande difficuldade.

Não tardou a armada inimiga em apparecer, na conformidade do aviso que recebêra. Compunha-se esta de mais de duzentas vélas; a saber: de oitenta e quatro navios, e cento e vinte e quatro paráos. Os numerosos vazos pareciam cobrir o mar. A esquadra de D. Lourenço d'Almeida constava apenas d'onze vasos, a saber: tres galleões, cinco caravélas, duas galéras, e um bergantim; o Joven Chefe resolvido a combater, segundo as ordens que havia recebido de seu pai, collocou toda a sua confiança no auxilio do Céo, e fez voto de edificar um templo em honra de Nossa Senhora da Victoria. Os inimigos, não obstante suas grandes forças, não deixaram igualmente de possuir-se de algum mêdo, e mesmo de o dar a conhecer pedindo que se lhes desembaraçasse a passagem. Pode ser que elles pretendessem dissuadir os Portuguezes do combate, significando-lhes que tinhão ordens positivas de não combaterem os christãos, mas tão sómente de comboiarem os navios que erão por elles escoltados.

No primeiro dia não se fez mais do que pairar por falta de vento. No seguinte dia porém tendo-se levantado um vento fresco, D. Lourenço d'Almeida, que não que-

ria ser envolvido pelo inimigo, ganhou o largo, e tomou a barlavento. As duas esquadras começaram então a bater-se com artilheria; mas com bem diverso resultado; porque a artilheria inimiga era mal servida, e como tal, produzia pequeno effeito nos vazos portuguezes, que se achavão mui affastados uns dos outros; pelo contrario estes não perdião um só tiro, sobre aquella multidão de vélas apertadas e unidas, de sorte que as suas mesmas evoluções os prejudicavão. Logo que D. Lourenço d'Almeida percebeu a desordem na frota inimiga, correu a dar abordagem ao navio principal; trez vezes lhe falharam os arpéos, e só á qnarta conseguio abalroál-o. Foi D. Lourenço d'Almeida o primeiro que saltou dentro, seguido de João Homem, que posto que se não mostrasse satisfeito do Vice-Rei, comtudo quiz seguir o filho d'este, como voluntario, e repartir com elle a honra d'este dia. Saltaram ao mesmo tempo Filippe Rodrigues, Fernando Peres d'Andrade, e Vicente Pereira, que forão seguidos de outro muitos. Guarnecião o navio seiscentos Mouros escolhidos, os quaes se bateram com denodo, mas atterrados dos grandes golpes que os Portuguezes descarregavão lançaram-se ao mar, deixando a coberta juncada de mortos.

Nuno Vaz Pereira, a exemplo do seu Chefe, havia tambem dado abordagem a outro navio, quasi do tamanho do primeiro, e que era guarnecido por uns quinhentos homens, mas com mui differente resultado. A sua caravéla, como fosse pequena, não lhe dava lugar a manobrar com vantagem. Os Golpes que ella recebia do navio inimigo, parecião metêl-a a pique, e os adversarios reunidos no castello de prôa ficando-lhe sobranceiros, lançavão seus dardos de cima para baixo, e combatião com maior vantagem. D. Lourenço d'Almeida que se apoderára do navio que abalroára, voou em auxilio de Nuno Vaz Pereira, e depois d'um vigoroso combate, se assenhoreou tambem d'es-

te. A prêsa d'estes navios lançou o terror na frota inimiga, que constava pela maior parte de vasos mercantes, os quaes fugiram voltando uns para Calecut, e seguindo outros seus respectivos destinos. Os paráos e demais navios das escolta, esses avançaram para envolverem os vasos portuguezes, e praticaram esta manobra com tal resolução e felicidade, que o seu resultado ficou por algum tempo duvidoso. A coragem era extrema d'ambas as partes. Combateu-se com incarniçamento. Os Portuguezes fizerão prodigios; entre estes, se distinguiram João Serrano. e Simão d'Andrade, que combateram como heróes. Finalmente, depois de ter durado a acção um dia inteiro, e parte da noite, com a claridade da Lua, a frota inimiga retrocedeu e retirou-se com perda de mais de trez mil homens, de muitos vazos metidos a pique, e de nove apresados, os quaes o vencedor fez entrar no porto da Cananor, onde foi recebido com grandes applausos, tanto do Rei como do povo que havia presenciado o combate.

Entretanto o Sabaio, Soberano de Gôa cioso da alliança que os portuguezes havião contrahido com o Rei de Onor, seu adversario, esperando occasião de os hostilisar, expediu emfim uma frota para Anchediva por lhe constar que D. Lourenço d'Almeida partira a combater a frota de Calecut. Compunhão-se as forças maritimas do Sabaio de sessenta vasos a rêmos. A frota do Sabaio atacou a praça d'Anchediva com bastante vigor; mas o governador Manuel Pessanha a soube defender com tal coragem, que obrigou o adversario a levantar o sitio, e a voltar mui mal tratado para Gôa. Observando o Vice-Rei, que a conservação d'esta praça, por ficar muito affastada, motiváva grandes despezas, e que por outro lado a mesma de pouco servia, fêl-a demolir, alguns dias depois, em consequencia da determinação de seu conselho.

Um novo acontecimento veiu excitar a cólera dos Indios. Golçalo Vaz de Goes, tendo sahido de Cananor, afim de se reunir á frota de D. Lourenço d'Almeida, cahiu sobre um navio mourisco, que tambem sahia do mesmo porto e aprisionou-o. Succedeu que o capitão do navio, que casualmente fôra morto e arremeçado o seu cadaver ao mar, foi levado pela maré ás praias de Cananor. Bastou isto só para pôr tudo em alarme, accrescendo que Cananor mudára de senhor, e o Çamorim conseguira fazer uma substituição assaz desvantajosa para os Portuguezes.

O capitão do navio, morto, era sobrinho de um Mouro de grande consideração, que logo se transportou á presença de Lourenço de Brito, governador da fortaleza, pedindo reparação. Este prometteu-lh'a; porém o ancião não contente com a promessa, amotina o povo, vai á presença do Rei, que sendo mortal inimigo dos Portuguezes, aproveitou o ensejo, para ainda mais exaltar os amotinados.

Os elementos de revolta contra os Portuguezes parecião combinar-se entre si. D. Lourenço d'Almeida tendo á sua disposição uma esquadra de dez vasos, tinha ordem de guardar a costa para favorecer o commercio d'El-Rei de Cochim, que então tinha muitos novios no mar, promptos a fazerem-se de retorno. D. Lourenço d'Almeida tendo chegado a Dabul (*), recebeu aviso de que se achavão alli muitos navios de Cochim, sitiados pela frota do Çamorim. Esta frota que permanecia no rio, não podia escapar-lhe, e depois de ter libertado os seus alliados, esteve a ponto de alcançar uma nova victoria sobre a mencionada frota. Desejava D. Lourenço d'Almeida combater, mas reunindo seus

(*) Hoje grande cidade do Indostão, no Reino de Visapur na Costa do Malabar, ao sul do golfo de Cambaya. Consiste seu principal commercio em pimenta preta e em sal.

capitães em conselho, forão a maior parte d'elles de opinião contraria. Por consequencia, D. Lourenço d'Almeida sendo vencido em votos, viu-se obrigado, a seu pesar, a abandonar a empresa. Os inimigos, aproveitando-se d'esta circumstancia, queimaram, ou aprisionaram os vasos que estavão bloqueados. Esta noticia logo que chegou a Cochim, encheu de pranto toda a cidade. O mesmo Vice-Rei se mostrou afflicto, e prometteu ao Rei a punição de seu filho, caso que se achasse culpado. Effectivamente logo que este chegou, o fez responder a conselho de guerra, mas D. Lourenço d'Almeida, que tivera ordem de não praticar cousa alguma, que não fosse do parecer da maior parte de seus capitães, e que tivéra o cuidado de que lhe dessem estes pareceres por escripto, levava comsigo a sua justificação, e se livrou assim de todo o embaraço.

O Çamorim, jurou o perda dos Portuguezes; e vendo que o Rei de Cananor estimava cometter contra elles uma empreza de guerra, offereceu-lhe desde logo trinta mil homens com vinte peças d'artilheria.

Os Portuguezes não estavão em bôa posição, porque não lhes tendo chado frota alguma, tinham forças desiguaes, do que seus adversarios deduzião grandes esperanças, fundados nas predições de seus agoureiros, os quaes lhes annunciavão, por este anno, grandissimas vantagens. Effectivamente D. Lourenço d'Almeida havia lançado sessenta homens na cidadella, e abastecido a praça. O inverno se aproximava, e não havia apparencia de se poder soccorrer a praça, até que voltasse a primavera, e o Çamorim, fazendo marchar suas tropas por terra, podia movêl-as qualquer que fosse a estação do anno.

Um acaso inesperado, ou antes a Providencia salvou os Portuguezes. Um sobrinho do Rei, avisa-os do que se

premeditava, subministra-lhes auxilios conforme a occasião e as suas precisões, e alfim consegue dar animo aos desalentados, livrando das insidias dos mouros a flôr da gente de Portugal.

A Fortaleza de Cananor estava situada sobre uma ponta de terra, que o mar banhava d'ambos os lados, e tinha um defeito essencial, que era a falta de agua potavel, que só se podia obter d'um poço entre a cidade, e a Praça, na qual o mesmo não podéra ser incluido. O Rei de Cananor, que bem previa, deverem os Portuguezes ficar á sua descripção, se conseguisse cortar-lhes a communicação do mencionado poço, antes mesmo de alli se hostilisarem os dois partidos, fez, sob diversos pretextos, excavar d'uma margem á outra, um profundo fosso, não deixando senão uma passagem mui estreita, para hir ao poço; e guarneceu depois toda esta linha de reductos e de bôa artilheria. O governador Lourenço de Brito advertido, praticou pela sua parte os mesmos trabalhos, não deixando para se poder hir ao poço situado entre estas duas linhas, mais do que uma simples ponte levadiça. Logo que de uma e outra parte esteve concluida a obra rompêram as hostilidades. O Rei de Cananor apresentou-se com sessenta mil homens, os quaes fizerão nesta primeira demonstração de sua força, maior ruido do que obras. O poço foi durante um mez, o campo de batalha onde os mais bravos dos dois partidos derão provas não equivocas de seu valor. Posto que os inimigos obtivessem alli menos vantagens, os Portuguezes comtudo estavão reduzidos á triste necessidade de não poderem tirar agua, senão á custa de seu sangue, e para a obter era necessario pôr-se toda a guarnição em armas, o que extremamente a fatigava. O Governador que não tinha mais de quatrocentos homens, entre Portuguezes e Malabares, para conservar a sua gente, evitava, as sortidas, o que tornava a agua ainda mais

rara, e obrigava os infelizes a quem apertava a sêde, a passarem por cima das obras, e a expôrem a sua vida, illudindo a vigilancia das sentinellas.

Achando-se na Praça Thomaz Fernandes, que de Portugal havia sido mandado ás Indias, na qualidade de Engenheiro; este formou um bello plano que deu a victoria aos Portuguezes. Mandou abrir um caminho subterraneo, alto e espaçoso, que conduzia ao poço mesmo ao nivel d'agua, e para que os inimigos não podessem envenenar a agua, fez construir, com o maior segrêdo possivel, uma abobada por cima da agua, concluida a qual, o Governador n'uma sortida ordenou se arrasasse, e entulhasse o poço. Este resultado de tal sorte espantou o Rei de Cananor, e os Indios, que não duvidando, de que os Portuguezes tivessem encontrado agua dentro da cidadella não pensaram que tivesse havido nisto algum ardil, ou artificio.

Como os inimigos, por esta parte, tivessem perdido a esperança, resolvêram atacar a Praça com um assedio regular, e derão logo repetidos assaltos aos entrincheiramentos que o Governador formára. A artilheria portugueza, porém, tendo produzido continuos estragos nos sitiadores, estes de tal sorte afrouxaram em seu ardor, que não ousavão mostrar-se. Para obviarem a este inconveniente, os Mouros suggeriram ao Rei, o fazer apromptar grande quantidade de gabiões ou saccas cheias de lã, bem calcada ao abrigo das quaes, como d'um parapeito, elles podessem estar a coberto da artilheria portugueza. Taes preparativos não forão ignorados pelo Governador, que tambem foi avisado das precauções do inimigo pelo Principe de Cananor, que lhe enviára durante a noite, um de seus confidentes com dois bateis carregados de viveres. O artificio dos inimigos não deixou de lhe produzir um grande resultado.

As ballas expedidas pelos canhões que então se chamavão *spheras*, e *camelos*, perdião a sua volocidade e força naquelles muros de lã, o que intimidava os sitiados, e ao contrario offoutava tanto os Indios, que sahindo de seus entrincheiramentos, e apresentando-se em chusma para escalar o dos Portuguezes, chegaram a agarrar-se ás estacas da palissada que sustentava as terras. O governador mandou então conduzir com a maior rapidez para o terrapleno algumas colombrinas, das que se chamavão basiliscos, e fazendo um terrivel fogo não poderam os gaviões manter-se, de sorte que deixando descobertos os inimigos que antes abrigavão, as cargas a metralha difundiram entre elles o terror e a desordem.

Como se fosse prolongando o assédio houverão outros ataques: o mais celebre foi dirigido por um cavalheiro castelhano, conhecido pelo nome de Guadalaxara, sua patria. Para esta operação escolheu uma noite mui escura, fria, e chuvosa, e tendo cahido sobre um abarracamento inimigo matou uns trezentos homens, e voltou carregado de despojos e de viveres.

Aproveitando tão mal aos inimigos os seus esforços, parecia que a fortuna se apresentava para combater em seu auxilio. Um fiel d'armazem tendo por descuido posto o fogo á Feitoria, este pegou com tal violencia, que não achando alli mais do que materiaes combustiveis, em poucas horas a consumiu com quasi todos os viveres, e muitas das casas visinhas.

Os Portuguezes ficaram na maior consternação, e apesar dos soccorros que o Principe de Cananor secretamente lhes enviára, viram-se reduzidos a tal penuria, que forão obrigados a nutrirem-se de ratos e de toda a sorte de immundice. A volta do bom tempo como tivesse feito receiar

ao Çamorim e ao Rei de Cananor pelos soccorros que poderião então chegar da Europa aos Portuguezes, resolveram prevenil-os, reunindo todas as suas forças e fazendo o ultimo esforço para tomarem a Praça. Effectivamente o Çamorim fez partir a sua armada, logo que ella poude navegar livremente. A ordem do ataque estava bem disposta. Devia este naturalmente começar pelo entrincheiramento interior, afim de attrahir a esta parte toda a attenção dos sitiados, que de modo algum desconfiarião da ficção, mas quando tivesse empenhada a acção, a armada, até então occulta, devia hir desembarcar na lingua de terra, e apoderar-se da Praça por escalada sem receio de resistencia alguma. Como o governador fosse advertido d'este projecto dos inimigos tomou as devidas precauções. No dia em que a acção, devia ter lugar apresentando-se a esquadra inimiga, conforme se tinha determinado, foi recebida com tanto valor, que os chefes pasmados d'uma resistencia que não esperavão retiraram-se quasi sem combaterem. Os Portuguezes que defendião este posto, tendo então corrido aos entrincheiramentos onde os Indios de Cananor principiavão a ter alguma vantagem, os repetiram tão vigorasamente que os sitiadores, não podendo sustentar a impetuosidade dos sitiados, viram-se obrigados a retirar, deixando muitos dos seus mortos no campo.

Os sitiados, não obstante seus triumfos, estavão redusidos á ultima extremidade, e terião sucumbido se a Providencia não condusisse a esquadra de Tristão da Cunha a Cananor. (*) Os inimigos pediram a paz, que lhes foi concedida, e assim terminou este memoravel sitio, que durou quatro mezes, ficando Lourenço de Brito, e todos os que serviram debaixo das suas ordens cobertos de gloria.

(*) No Capitulo seguinte trataremos da viagem, e descobertas d'este illustre Portuguez.

CAPITULO IX.

ANNOS DE 1506 E 1507.

Diogo Fernandes Pereira descobre a Ilha de Socotorá. O Rei de Zamzibar e o chefe de Bravá tornão-se tributarios da Corôa Portugueza. Pedro Anaia occupa Sofala, hindo de Portugal para a Asia. Descripção d'esta Ilha; levanta-se aqui uma Fortaleza em nome d'El-Rei de Portugal: descobre-se uma traição que se urdia contra os Portuguezes; morre o Cheque da ilha. Em Quilôa disputa-se a posse do throno; disturbios que esta contenda traz comsigo. Por intervenção de Nuno Vaz Pereira é elevado Hocem ao throno: o seu máu proceder faz com que Nuno Vaz chame em seu lugar o usurpador Ibrahim. Tristão da Cunha descobre algumas Ilhas, a que dá o seu proprio nome. Faz o reconhecimento da Ilha de Madagascar, que fôra descoberta por Ruy Pereira e Fernando Soares. Descripção d'sta Ilha.

Tristão da Cunha declara a guerra aos Reis de Hoya, e de Lamo, prestando auxilio ao de Melinde. O primeiro é morto e sua cidade saqueada, e faz-se o segundo tributario de Portugal. Bravá é tambem saqueada. Circumstancias que promoveram este acontecimento. Descreve-se a Ilha de Socotorá, usos, costumes e religião de seus habitantes. E' occupada por Tristão da Cunha, depois de expulso o Rei de Cacheu, que d'ella se apoderára. O Vice-Rei e Tristão da Cunha atacão, tomão, e incendeião alguns vasos mouriscos no porto de Panana alliado do Çamorim. O Vice-Rei volta para Cochim, e Tristão da Cunha parte com o comboio para Portugal.

El-Rei D. Manuel se por um lado empregava diligencias e dinheiro para que os negocios da India tivessem bom exito; por outro não esperdiçava quanto ao seu alcance estava para a boa fortuna na Africa, pois quer n'uma quer n'outra parte o interesse era reciproco. Em quanto pois se guerreavão os Mouros de Fez e de Marrocos, mandava El-Rei repetidas esquadras ao Occeano, afim de dilatar as conquistas e descobertas, fazendo n'estas costas novos estabelecimentos para interesse e accrescentamento do lustre das façanhas dos Portuguezes.

D. Manuel já havia chegado atê ao cabo de Guardafú; em quanto que da parte do mar Atlantico tudo permanecia tranquillo e socegado; e este principe disfructava pacificamente as suas possessões e o fructo do seu commercio. A piedade era caracteristica d'El-Rei D. Manuel, e por isso nenhum outro objecto tinha elle mais a peito do que a

religião christã; pelo que não cessava d'enviar missionarios para que ella se arraigasse profundamente entre estes povos. Não se deixou de colher bom fructo de taes missões, especialmente no Reino de Congo, onde o piedoso Rei D. Affonso empregára identicos esforços com feliz resultado.

Por estes tempos El-Rei D. Manuel expediu trez vélas sob o commando de Antonio de Saldanha, que acoçadas pelos tomporaes, viram-se na necessidade de se separar. Diogo Fernandes Pereira, commandante d'uma d'ellas descobriu a Ilha de Socotorá (*) até então desconhecida aos Europêos; invernou ahi e passou depois ás Indias. Rodrigues Lourenço Ravasco, que commandava a terceira, fez viva guerra ao Rei da Ilha de Zamzibar, não obstante ser alliado de Portugal; aprisionou-lhe muitos navios, metteu seu filho n'uma desavença, e obrigou este Principe a fazer-se tributario, pagando annualmente cem meticaes de ouro, e trinta carneiros para o capitão que fosse buscar o tributo: e impoz igualmente um tributo de quinhentos meticaes de ouro cada anno á cidade de Bravá. (**) Tendo reunido Antonio de Saldanha, intimidaram o Rei de Mombaça e o obrigaram a effeituar uma paz, posto que simulada, com o Rei de Melinde, e passaram depois ás Indias.

Como grassára então a idéa de que Sofala era o Ophir de Salomão, d'onde se transportára quasi todo o ouro, El-

(*) Socotorá, Ilha d'Africa, no mar das Indias á entrada do estreito de Bal-el-Mandel a umas 60 leguas ao Nordeste do cabo de Guardafú. Tem 27 leguas de comprimento sobre 9 de largura. Abunda em fructos e gados, sendo as tamaras o principal alimento de seus habitantes. Suppõe-se ser a Dioscorida dos antigos geographos.

(**) Cidade d'Africa na costa d'Ajan, hoje capital d'um pequeno estado independente; 25 leguas ao sul de Mogadoxo.

Rei D. Manuel não perdia de vista um ponto tão importante, em consequencia do que, pouco tempo depois da partida de D. Francisco d'Almeida para as Indias, expediu para aquella Ilha uma esquadra, sob o commando de Pedro Anaia, o qual devia ser o Governador d'ella. Esta esquadra era composta de seis vasos, trez dos maiores devião empregar-se no serviço das Indias logo que Anaia não precisasse mais d'elles. Os trez que restavão servirião de guarda costas na baixa Ethiopia, commandados por Francisco Anaia, filho de Pedro Anaia.

Sofala abrange debaixo do mesmo nome uma cidade, uma Ilha, e um Reino, situado no paiz dos Cafres, muito além do Cabo de Bôa Esperança, sahindo para o Equador, entre o Cabo das correntes e Moçambique. A Ilha de Sofala é formada pelos dois braços do rio Cuama que é um ramo do Zambese. Seus habitantes erão negros e encarapinhados, supersticiosos como todos os demais negros mas menos simplices, grosseiros, e um tanto mais industriosos que elles. Não obstante erão pobres, no meio da abundancia, e esta sua pobresa se manifestava não somente nas suas habitações, e nas suas pessoas, mas tambem em tudo o mais que lhes pretencia. O paiz era realmente rico pelas minas d'ouro que ahi abundavão, e ainda mais pelas avultadas particulas d'ouro que se encontravão nos lagos, e nos rios que corrião por vastas campinas; e onde navegavão, segundo se affirma, alguns barcos tão bem contruidos, que resistião á inclemencia dos tempos, e datavão de eras tão remotas, que com quanto esta se manifestasse por certos caracteres n'elles gravados, todavia como erão quasi descochecidos e denotavão grande antiguidade, por isso parecião ser dos primeiros seculos.

Este Reino fôra outr'ora dominado pelo soberano de Monomotapa, cujo Imperio ainda hoje se extende por to-

das as vastas regiões da baixa Ethiopia Oriental. Mas estes povos erão incapazes de se aproveitarem das vantagens de suas terras, que pareciam destinadas para extranhos mais habeis. Os Mouros havião-se apoderado d'ella em ultimo lugar, e alli se estabeleceram desde logo pacificamente. Alguns dos generos que o commercio leva a toda a parte, forão o engodo que os fez ser acolhidos com prazer. Affirma-se terem sido os Mouros de Mogadoxo os primeiros que alli forão, os quaes tendo sido expulsos pelos Reis de Quilôa, estes se apossaram do paiz, e ahi estabeleceram Cheques ou governadores, em seu proprio nome. O que então se achava, quando os Portuguezes alli aportaram, por nome Isuph, aproveitando-se das desordens que motivara a ultima revolução de Quilôa, constituiu-se Soberano independente. Foi porém tarde, pois que não disfructou do titulo por muito tempo.

Tendo Pedro Anaia conseguido aportar a Sofala, depois de ter aplanado algumas difficuldades que lhe obstavão apresentar-se no palacio do Cheque, situado n'uma aldêa, mui affastada, tomou a deliberação de alli se dirigir com toda a sua gente ao som de tambores e de trombetas. O Chegue, que de bom grado teria dispensado semelhante visita, dissimulou, e recebeu-o agradavelmente. Estava recostado n'um sophá na parte mais retirada do palacio. A seu lado via-se collocado um molho de frechas. Tudo o mais, posto que elegante, era modesto; em toda a sua côrte nada havia notavel senão a sua propria pessoa, e posto que fosse homem d'uns oitenta annos, mostrava ainda um ár que bem indicava a superioridade, e sustentava a reputação, que adquirira.

Pedro Anáia expoz-lhe o objecto de sua commissão, exaltou-lhe o poder d'El-Rei de Portugal, e as grandes vantagens que se lhe seguirião de sua alliança, e concluiu por

pedir a permissão de edificar uma fortaleza que podesse servir de emporio aos navios destinados para as Indias, de armazem seguro de deposito para as suas mercadorias, e mesmo de baluarte contra os inimigos d'elle Cheque, cuja amizade os Portuguezes ambicionavam.

Isuph nenhuma necessidade tinha do commercio dos Portuguezes e não ignorava que havia mais lugar de os temer do que de os estimar, mas foi esta mesma idéa a que o tornou facil em satisfazer todas as exigencias de Pedro Anáia.

A permissão de se construir uma fortaleza, em nome d'El-Rei de Portugal, irritou os Mouros, e principalmente Musaph genro do Cheque, que se tinha atrevido a fallar com altivez a seu sogro. Este ancião, experimentado nos perigos e nas guerras, era dotado d'uma grande agudeza de espirito, e por isso sabia refrear os impetos da sua colera, e respondeu tranquillo a seu genro, fazendo-lhe reflectir os motivos da sua politica. « Já não é tempo, lhe « diz elle, de querermos oppôr-nos ao que não podêmos im- « pedir. Nada resiste a estes novos hospedes. Bem sabeis o « que elles fizerão em Moçambique, Qnilôa, Mombaça e « mesmo nas Indias. Confesso que são hospedes encommo- « dos e máus visinhos. Dou-lhe tempo para se fortificarem « e para se estabelecerem. Mas onde estão as forças que te- « mos para começar as hostilidades ou para nos defender- « mos, se elles quizerem oppremir-nos? Esperemos pois; « demos tempo ao tempo; esta gente não ha-de sempre fi- « car aqui; deixemos partir aquelles cujo destino os deve « conduzir a outra parte. O ár d'este paiz, pestifero a todo « o estrangeiro, como nós mesmos o experimentamos, os « destruirá. Quando fôr diminuto o seu numero, e elles es- « tiverem enfraquecidos pelo ár infecto d'estas regiões, en- « tão nós os teremos á nossa discripção, e livrar-nos-hemos « de tão impertinentes hospedes. »

Pedro Anáia não perdeu tempo algum em levantar com a maior actividade a sua fortaleza, sendo coadjuvado neste trabalho pelos Cafres indigenas, que elle empregou mediante modicos salarios. Concluida a obra, expediu Barrêto para as Indias com os trez navios de carga, e destinou seu filho com os outros trez para crusarem naquella costa até Moçambique. Foi este tão infeliz, que depois de ter perdido dous de seus navios, teve summa difficuldade em se salvar em Quilôa, ficando assim tão reduzida a guarnição, ainda mais foi dizimada pelas doenças, que o ar contagioso d'estes paizes pantonosos produzia, o qual se tornára ainda peior por se haver revolvido a terra na construcção da fortaleza, e os measmas que ella exalava erão summamente prejudiciaes. A guarnição ficou limitada a quarenta homens, muitos dos quaes estavão em tal fraqueza que com difficuldade se sustinhão.

Os Portuguezes attrahião a si sós todo o commercio do ouro. Estabeleceram aqui os mesmos regulamentos, que n'outras partes, e os fazião observar com tal rigôr que os Mouros escandalisados, e apoiados na protecção de Musaph, obrigaram finalmente o Cheque a aproveitar-se da actual conjunctura para os exterminar.

A fim de melhor assegurar o golpe, e de multiplicar as suas forças, Isuph fez convidar um Principe visinho tributario do soberano de Monomotápa, expondo-lhe as offensas que dos Portuguezes havião recebido, e exhortando-o a tomar parte na derrota, e nos despojos d'elles. Representou-se-lhe esta empreza, como cousa facillima, d'uma parte, e como objecto vantajosissimo da outra. Não era necessario mais nada para excitar a avidez do Cafre, que immediatamente se poz em marcha com numeroso exercito.

Havia então junto ao Cheque um grande do paiz mui

acreditado, Abexim de nascença, que sendo captivo pelos Mouros, na idade de dez annos, havia por elles sido circumcidado, e instruido na sua religião. Era homem de merito, e que havia sabido ganhar a confiança do Cheque. Desde o momento em que vira Pedro Anáia na primeira audiencia que a este se concedêra, logo o seguio, e com elle travou estreita amisade, e para lhe dar um testemunho, fez-lhe presente de vinte portuguezes, que havião cahido em suas mãos, pertencentes á tripulação de um dos vasos de sua esquadra, que tendo-se amotinado contra o seu capitão, preferiram expôr-se a todos os perigos n'um paiz desconhecido, e serem captivos, do que tornarem a embarcar.

Esta amisade de Abexim tinha crescido prodigiosamente com o tempo; no conselho havia sempre sustentado o partido dos Portuguezes; como porém alli o seu voto não fosse o de maior pêso, veiu avisar Pedro Anáia do que se havia resolvido para sua ruina, e metteu-se elle proprio na fortaleza com cem homens de seu partido, e isto pouco antes do instante em que começára o ataque, tendo Pedro Anáia tido sobejo tempo para se preparar para elle.

Era o projecto dos inimigos, lançarem fogo á fortaleza, que era formada de madeira, e isto por meio de frechas inflamadas, e fachinas incendiadas. Effectivamente lhe lançaram grande numero das primeiras, e as segundas forão em tanta quantidade que igualavão quasi á altura da muralha. Pedro Anáia, qne tomára as necessarias precauções contra o fogo, deixou aproximar os inimigos e então fez jogar sobre elles a artilheria tanto a proposito, que os Cafres que não estavão acostumados ao estrepito e ao effeito d'estas maquinas de guerra, poserão-se desde logo em debandada, e retiraram-se para um bosque de palmeiras proximo; mas o fogo da artilheria tendo lançado

por terra muitas arvores, e as estilhas que destacavão d'estas, produzindo ainda maiores estragos; os Cafres indignados, de terem sido chamados para fazerem a guerra não contra homens, dizião elles, mas contra Deus, empregaram todo o seu furor contra os Mouros, roubaram-lhes as suas aldêas, e retiram-se para as suas terras.

Pouco satisfeito de que os inimigos não ficassem ainda por esta vez bem castigados, Pedro Anáia quiz escaramental-os por um golpe de vigôr, e pôl-os em estado de o não prejudicarem mais. Para esse fim levou comsigo quinze Portuguezes, e vinte homens do Abexim, seu leal amigo, e appresenta-se ao romper do dia, na aldêa em que residia o Cheque, penetra no palacio d'este, lançando por terra quantos se lhe oppunhão á passagem, entra na camara do Principe, a quem nem a sua velhice, nem a sua cegueira perturba; este põe-se em defeza, lança ao accaso suas frechas, uma das quaes fere Pedro Anáia, posto que muito ligeiramente no pescoço. A vingança d'esta ferida foi mui prompta. O Feitor Manuel Fernandes, homem forte, e bom soldado, aproximando-se do velho, lhe corta a cabeça, que foi exposta na ponta de uma lança sobre os muros da fortaleza, para que servisse de espectaculo de terrôr.

Esta morte, posto que de um lado tivesse accelerado a conclusão da paz, por outra parte lançou a discordia entre os Mouros, ácêrca da successão. Como cada um dos filhos do Cheque tivesse seu partido, Pedro Anáia fez pender a balança a favôr de Solimão, que se mostrára sempre mais inclinado aos Portuguezes, e que de bom grado se sujeitou á condição de se fazer tributario da Corôa de Portugal. Pedro Anáia falleceu pouco tempo depois, tocado do contagio do ar pestilento do paiz. Tomou o governo da fortaleza Manuel Fernandes, na esperança de ser confirmado, em consideração a seus serviços; mas o Vice-Rei, a

quem esta nomeação pertencia, e a cujo conhecimento tinha chegado a noticia da morte de Pedro Anáia, por via dos dous capitães de navio, que El-Rei D. Manuel havia expedido em busca de Francisco d'Albuquerque, o fez render por Nuno Vaz Pereira, com ordem de passar a Quilôa, onde as desordens que alli se havião suscitado requerião a sua presença, e um remedio prompto.

Com effeito Vaz Pereira, achou em Quilôa as cousas em grande desconcerto. Mahomet Anconim, que por sua bondade alli mantinha o socêgo, depois de ter escapado ás ciladas dos partidarios de Ibrahim, foi victima da sua propria generosidade. Pedro Ferreira, feitor e governador em Quilôa havia aprisionado um filho do Rei de Tirendiconde, e o tratava mais como escravo, do que como prisioneiro. Mahomet, que não era homem de humilde nascimento, e que queria adquirir para si proprio um protector, libertou este joven Principe, e o mandou entregar a seu pai juntamente com alguns presentes. Este, fingindo-se mui sensivel a tal testemunho de grandeza d'alma, procurou attrahir Mahomet a uma conferencia, sob o pretexto de tratar com elle ácêrca dos negocios da paz, e tanto que o teve em seu poder, o fez cruelmente assassinar durante o somno.

Morto Mahomet, e provavelmente o joven Principe que elle designára por legitimo herdeiro do Reino, foi o throno disputado por Hocem filho de Mahomet, e por Micante sobrinho do usurpador Ibrahim. Estes dois competidores desuniram tanto os Mouros como os mesmos Portuguezes. A inclinação que Mahomet tivera aos estrangeiros não sendo no conceito dos principaes um motivo de merito para Hocem, pois que além d'isso, o tinhão em despreso por causa de seu baixo nascimento, quasi todos elles se declararam por Micante. Mas não era nisto que exis-

tia a origem do maior mal. Havia El-Rei de Portugal, por mal informado, feito publicar uma ordem para que nenhuma pessoa podesse transportar para fora d'esta cidade generos alguns dos que ordinariamente se levavão para Sofala, cujo commercio elle reservava só para os Portuguezes. Semelhante ordem que era á risca observada, de tal sorte revoltou todos os animos que, em pouco tempo, a cidade ficou quasi inteiramente deserta, por se terem retirado todas as principaes familias d'ella para Mombaça, Melinde, e outras cidades proximas; Vaz Pereira porém antes mesmo de chegar a Quilôa, derrogou esta ordem, e fez constar em sua derrota esta derrogação. Tão salutar effeito produzio esta medida que elle chegou áquelle porto, seguido d'uns vinte navios carregados das familias fugitivas que alegremente voltavão para seus lares. D'esta sorte a cidade reassumio sua primeira magnificencia. Vaz Pereira fez advogar a causa dos dois competidores na sua presença, e poz Hocem de posse do sceptro, depois do que partiu para Sofala.

Como uma victoria, obtida um pouco depois por Hocem, lhe tivesse adquirido a estima do povo, se tornou por isso tão insolente, que tendo-se novamente as facções posto em movimento, o Vice-Rei mandou desapossal-o e substituil-o por Micante: este como se conduzisse ainda peior que o seu rival, e cada dia désse novos motivos de queixas pela brutalidade de seus costumes, foi da mesma forma desapossado; afinal se recorreu ao usurpador Ibrahim. Este a principio com difficuldade se confiou nos Portuguezes, tendo porém vencido a sua desconfiança, reinou pacificamente, e viveu depois na melhor intelligencia com elles.

N'este estado de cousas havia Tristão da Cunha partido de Portugal para as Indias com ordem de pôr em pratica, mesmo durante a sua derrota, algumas medidas uteis

na Costa d'Africa. El-Rei D. Manuel, que o estimava do coração, o tinha nomeado para residir nas Indias na qualidade de Vice-Rei; porém tendo cegado repentinamente foi nomeado para o substituir D. Francisco d'Almeida. Como se applicassem todos os soccorros que a medicina podia fornecer, Tristão da Cunha recuperou a vista, e El-Rei nomeou-o então General, commandante da esquadra que enviava ás Indias, e o fez partir com uma frota de dezesseis vélas, seis das quaes erão commandadas por Affonso d'Albuquerque.

Tristão da Cunha, tendo navegado muito ao largo, fez a descoberta de algumas Ilhas a que poz seu proprio nome, e aportou depois felizmente a Moçambique. Como tivesse perdido muito tempo na derrota, por não ter seguido os conselhos d'Affonso d'Albuquerque, achou a estação já demasiado adiantada para passar ás Indias. Quiz indemnisar-se d'esta perda, hindo reconhecer a Ilha de Madagascar ou de São Lourenço, que Ruy Pereira havia reconhecido pela parte occidental, e que depois foi descoberta pela oriental por Fernando Soares, que alli tocou voltando das Indias.

Acha-se esta Ilha situada na Zona Torrida e sob o Tropico de Capricornio, no mar da Ethiopia, correspondendo ao paiz dos Cafres, e tem perto de tresentas e cincoenta leguas de comprimento, sobre umas cento e trinta e seis de largura. Seus habitantes erão parte nêgros, e parte brancos, ou baços: habitavão as ultimas margens do mar e pareciam ser de colonias arabes. Os negros que erão os mais antigos do paiz, provavelmente descendião dos Cafres aos quaes se assemelhavão tanto nos costumes como na religião. A Ilha era assaz abundante em todos os generos necessarios á vida, e uteis ao commercio; mas Tristão da Cunha não encontrou as grandes riquezas com que o tinhão lisongeado. Os povos não o receberam aqui bem, senão pa-

ra o atraiçoarem, o que elle não tardou em castigar; mas vendo que havia pouco que fazer voltou, perdeu alguns de seus vasos na restinga da Ilha, que se extende muito ao largo, e esteve elle mesmo a ponto de perecer.

Tendo achado tudo tranquillo em Quilôa, passou a Melinde. O Rei d'este paiz trazia então guerra com os Reis d'Hoya e de Lâmo por interesses particulares e antigas pretenções. Mas tendo persuadido a Tristão da Cunha, que a guerra fôra motivada pelo favôr, e amizade que elle sempre prestára aos Portuguezes, com isto obrigou este general, a tomar parte em sua contenda; consequentemente Hoya foi saqueada, e seu Rei morto. O de Lâmo, instruido da desgraça de seu visinho, affastou de si o mesmo infortunio submettendo-se e fazendo-se tributario da Coroa Portugueza.

A cidade de Bravá, situada trinta leguas mais acima de Hoya, e que imitára o exemplo da primeira d'aquellas cidades, teve igual sorte. Era esta, grande, rica, populosa, circumdada d'uma muralha, d'um fosso, e de muitas torres defendidas por seis mil Mouros bem armados, e que fizerão vêr que erão corajosos. Ella havia sido feita tributaria de Portugal por alguns dos Chefes que se achavão em Quilôa, mas tinha-se revoltado.

Quando Tristão da Cunha alli se appresentou, enviaram os habitantes uma mensagem insolente, porém pouco depois mudaram de plano, e pediram a paz: o General desconfiando dos embaraços que se offereceram para se assignar o tratado, procurou saber a verdade dos Embaixadores, e usando com elles de rigôr, veiu no conhecimento que se tratava de o entreter com o unico fim de o perder, porque se aproximava a estação em que costumava reinar alli uma rajada de vento tão forte, que nenhum navio escapava de perecer naquella costa.

Tristão da Cunha vendo a traição, convocou o conselho e resolveu atacar a cidade no dia seguinte. Fez embarcar a sua gente nas lanchas, dispostas em duas linhas. Affonso d'lAbuquerque commandava a primeira composta de cem combatentes, e Tristão da Cunha a segunda de uns seiscentos. Elles chegaram á terra ao romper do dia, e apezar de todas as precauções necessarias para que o inimigo se não apercebesse d'esta marcha, foi descuberta, porque haviam dois mil homens postados sobre a margem para se oppôrem ao desembarque; todavia este fez-se com feliz resultado, posto que com algum derramamento de sangue. Os inimigos combateram com vigôr, mas sendo repellidos dirigiram-se para a cidade, onde entraram, e apenas tiverão tempo para fechar as partas. Os Portuguezes se extenderam então ao longo das muralhas. Affonso d'Albuquerque tendo percebido uma especie de abertura na muralha na parte onde esta era mais baixa, deu logo por aquelle ponto o assalto, e se apoderou da cidade. O combate pelas ruas foi longo, e violento, mas Tristão da Cunha que ao mesmo tempo dirigia o seu ataque por outro ponto, tendo igualmente entrado por essa parte na cidade, os Mouros passaram a occupar a praça maior e a mesquita. Alli se renovou o combate ainda com maior vigôr. Alfim depois de ter durado até ao meio dia, os Mouros retiraram e sahiram da cidade, deixando ahi mil e quinhentos mortos.

Não consentiu Tristão da Cunha que se perseguisse o inimigo além da cidade; fez fechar as portas d'ella, e não querendo demorar-se mais, pelo receio da rajada de vento de que estava ameaçado, a entregou ao saque, dando ordem para que esta operação se fizesse com presteza, por que queria fazer lançar-lhe o fogo. Encontraram-se alli grandes riquezas de todas as especies, mas a cobiça do soldado, e do marinheiro foi descomedida a ponto, que alguns não podendo retirar-se a tempo, ficaram envolvidos nas chammas.

Magadaxo, outra cidade situada a dez leguas de Bravá, tão rica e poderosa como ella, não quiz ceder-lhe em coragem, posto que tivesse a receiar o mesmo infortunio. Logo que a esquadra portugueza appareceu, se poz em defeza. Lionel Coutinho que o General mandára para a intimar, vendo a praia toda guarnecida da multidão do povo tanto de pé como de cavallo, não ousou arriscar-se, e sómente desembarcou um escravo, o qual foi incontinente despedaçado. Esta má estrêa como o obrigasse a voltar para bordo, afim de fazer o seu relatorio ao General, Tristão da Cunha, reuniu immediatamente os seus Capitães em conselho, os quaes seguindo antes as leis da prudencia, do que os impetos da sua coragem, forão de opinião que se differisse o resultado d'este negocio para melhor occasião, e que se continuasse a derrota para Socotorá onde aportáram com feliz viagem.

Socotorá, que se julga ser a Deoscorida dos antigos geografos, era uma Ilha á entrada do Mar Roxo no estreito de Meca, cuja entrada é formada do lado d'Africa pelo Cabo de Guarda, e pelo de Fartaque da parte da Arabia. A Ilha fica precisamente entre estes dous cabos, quasi a igual distancia d'elles; tem vinte e sete leguas de comprimento sobre nove de largura. A temperatura é quente, porém saudavel por ser modificada por um vento de mar que d'ordinario ahi gira. O terreno elevado, montanhoso, arido, e estéril, á excepção de alguns valles proprios para sustentar gados. Encontra-se alli o vermelhão, e em ambas colhe-se grande quantidade de tamaras, que com os lacticinios formão o sustento d'aquelles insulares.

Erão estes originariamente Arabes, e vivião em casas subterraneas, á maneira dos antigos Troglodytas. Andavão nús á excepção do que o pudor exigia que estivesse coberto, e tudo o mais tinha relação com a sua nudez. Timidos,

perguiçosos, frouxos, pouco espirituosos, parecião não ter nascido senão para serem escravos e miseraveis. A sua religião não era mais do que uma miscellanea monstruosa de judaismo, de mahometismo, e de christianismo, de que póde dizer-se que não tinhão mais do que as apparencias exteriores; quão perfeita era a sua ignorancia! Ha tradicção, de que São Thomé hindo ás Indias, ahi annunciára o christianismo que os Jacobitas alteraram depois. Como christãos sem serem baptisados, trasião ainda os nomes de Maria, e dos Apostolos; prestavão grande respeito á cruz que tinhão collocada em differentes lugares, e que mesmo trazião ao pescoço. Resavão as suas resas em Hebraico, posto que não tivessem conhecimento algum d'esta lingua; Erão monógamos; observávão os jejuns e os dias sanctificados, e d'esta sorte tinhão outros muitos vestigios de uma religião, cujas verdadeiras noções estavão inteiramente apagadas em seu espirito e em seu coração.

O Rei de Kacen no paiz dos Fartaquins, aproveitando-se da fraqueza d'estes pobres insulares, se tinha assenhoriado d'elles impondo-lhes durissimo jugo, e afim de que o não podessem sacudir, havia feito levantar uma fortaleza na Ilha, de que nomeára Governador seu filho Ibrahim, joven de uma grande resolução, e de esforçada coragem, da qual soube dar grandes provas.

El-Rei D. Manuel tendo em vista arruinar o commercio dos Mouros pelo Mar Roxo, pois que este lhe era assaz nocivo; e não havendo cousa que aquelle Monarcha tomasse mais a peito do que assenhorear-se d'aquelle ponto, por isso que anhellava apoderar-se do estreito, e além d'isso via que lhe prestava ás frotas um asylo seguro, fez partir Tristão da Cunha com instrucções para expulsar d'aquella Ilha os Fartaquins, afim de se apoderar da fortaleza, e de edificar outra n'um local conveniente: para o que fez car-

regar nove navios dos da frota com os materiaes necessarios para uma fortaleza, a qual toda se achava construida em peças separadas nos arsenaes de Lisboa, de sorte que não havia mais do que ajustarem-se as differentes peças para ficar levantada no sitio que se escolhesse.

Tristão da Cunha mandou intimar Ibrahim para que se rendesse: este deu uma resposta propria de um bravo, foi necessario virem ás mãos. Logo que o General tomou esta resolução, mandou reconhecer a costa, afim de ver o ponto em que seria mais proprio o fazer o desembarque; como então fazia preamar, não se achou sitio mais commodo, do que em frente de um pequeno bosque de palmeiras, a pequena distancia do forte. O General devia commandar a primeira linha com os Capitães de sua esquadra, cada um em sua lancha, e Affonso d'Albuquerque a segunda linha com os Capitães da sua.

No dia seguinte, Tristão da Cunha poz-se em movimento, e foi direito ao lugar que na vespera se designára. Ibrahim, attento a tudo, sahiu á testa de seus Fartaquins, para sustentar um entrincheiramento que fizera construir no bosque, durante a noite, e se oppoz ao desembarque. Affonso d'Albuquerque penetrando a intenção do inimigo, em lugar de seguir o General, foi desembarcar no porto, mesmo defronte da fortaleza, onde o mar estava menos agitado, do que na vespera, e o desembarque mais facil. Ibrahim, que por esta manobra que o mesmo General não percebêra, receou ser tomado de flanco, ou cortado, repartiu a sua força; e de cem homens que tinha, mandou oitenta para o entrincheiramento, e correu com os restantes para o porto, afim de fazer frente a D. Affonso de Noronha, sobrinho de Affonso d'Albuquerque, que já havia desembarcado, e occupava o caminho para a fortaleza.

Ibrahim foi morto, e os da cidadella, vendo-se sem chefe, tocaram a retirada, seu unico recurso. Tristão da Cunha havia forçado o entrincheiramento, e posto em fuga os Mouros que o guarnecião; muitos d'elles tornaram a entrar na fortaleza, outros se entranharam pelos bosques. Os Portuguezes aproximando-se das muralhas, esforçaram-se por penetrar na fortaleza; fizerão vir escadas para darem o assalto, e os petardos para lhe arrombar as portas. Os sitiados defendem-se do alto das muralhas, lanção materias inflamaveis, e pedras, uma das quaes de tal sorte atordoou Affonso de Albuquerque, que permaneceu por algum tempo sem poder fallar; mas recobrando os sentidos, e tendo-se os Portuguezes aproximado das muralhas, e aberto as portas da fortaleza, praticou então como todos os demais, prodigios de valor. Tanto que os Fartaquins viram a fortaleza occupada pelos inimigos, retiraram-se para um reducto na parte mais elevada da mesma. Tristão da Cunha lhes fez propor a vida e a liberdade, se se rendessem. Aquelles bravos, porém, excitados pela vista de seus companheiros mortos, que se havião batido como heróes, respondem: «Que os Fartaquins não costumavão capitular: Que «o filho de seu Rei lhes déra o exemplo de morrer combatendo valorosamente, e que lhe não sobreviverião; que estavão resolvidos a defenderem-se até á ultima pinga de seu «sangue.» Effectivamente o reducto foi forçado e tomado, e todos os que o defendião passados á espada, á excepção de um só. Era este um piloto mui habil, que ao depois prestou relevantes serviços a Affonso d'Albuquerque.

Tristão da Cunha mandou então annunciar aos insulares; «Que não viera alli, senão para os libertar do jugo «insuportavel que os Fartaquins lhes imposerão: Que El-«Rei de Portugal vindo no conhecimento que erão christãos, que gemião sob a tyrannia dos Musulmanos, nenhuma outra cousa tivera mais a peito, que a sua instrucçãs: que

« finalmente estavão livres, pois que as armas Portuguezas « havião occupado a fortaleza, e que se lhes deixaria um « virtuoso missionario, que de bom grado se encarregaria « de sua instrucção. » Era este um religioso da Ordem de São Francisco, por nome e Padre Antonio Loureiro, o qual não deixou de colher grandes fructos entre este pobre povo. A mesquita foi convertida em Igreja, e consagrada sob o nome de Nossa Senhora da Victoria. Affonso de Noronha foi nomeado Governador da fortaleza.

Eis qual era a situação dos negocios Portuguezes em Africa, quando Tristão da Cunha d'alli partiu para as Indias, onde não permaneceu por muito tempo. A sua presença, como já indicámos, contribuio para accelerar a paz de Cananor, e fazer levantar o sitio d'esta cidade. Dirigiu-se depois directamente a Cochim onde achou já prompta a sua carregação; resolveu pois regressar sem demora a Lisboa, mas antes de seguir viagem quiz presenciar uma bella empresa que o Vice-Rei dirigia pessoalmente, o qual ficou mui satisfeito em o ter por commandante em segundo, e de repartir com elle as honras d'aquella empresa.

O Vice-Rei tendo sido avisado de se acharem em Pananá, a quatorze leguas de Cochim, quinze ou dezeseis vasos Mouriscos, que estavão quasi a ponto de carregarem e de partirem, resolveu incendial-os, e pôr a ferro e fogo esta cidade, que então se achava na alliança do Çamorim. A empresa era arriscada, Pananá estava situada na margem d'um pequeno rio, que ahi forma um ponto commodo, uma legua acima da embocadura do mesmo. A sua entrada era difficil por causa das arêas alli amontoadas. Os inimigos que esperavão ser atacados, não sómente havião fortificado a praça, mas tambem a entrada do rio, construindo d'uma e outra parte um reducto guarnecido de grossa artilheria. Além d'isso havião alli nu-

merosas tropas sob o commando d'um Mouro, por nome Cutial, que gosava da reputação de grande guerreiro, e os Mouros que constituião a flôr d'estas tropas, achavão-se tão irritados pelas perdas que os Portuguezes lhes accarretavão, que mais de setenta d'entre elles, pela maior parte Capitães de navios, havião rapado a cabeça e a barba, como signal usado entre elles, de que se obrigavão por juramentos a vencer ou morrer.

A esquadra Portugueza, tendo apparecido na fóz do rio em força de doze vélas, não deixou de surprehender os inimigos, posto que não abatesse a sua coragem. Estes trabalharam, toda a noite, em fortificar os seus entrincheiramentos, e prepararem-se para o combate. Os Generaes Portuguezes convocaram o conselho. D. Francisco d'Almeida tendo apresentado uma planta exacta do lugar, a qual obtivera de seus espias, foi resolvido no dito conselho que no principio da maré, em quanto os navios de maior porte fechassem a barra, afim de que os inimigos não podessem entrar, Pedro Barrêto, e Diogo Peres subissem cada um no seu batel, levando oitenta homens dos mais decididos das forças Portuguezas: que o primeiro desembarcaria no lugar em que os vasos inimigos, proximos da margem, estavão amarrados uns aos outros; e que Diogo Peres tomasse terra junto ao reducto que defendia a foz do rio, e cuja defensa se reputava a mais mortifera: que D. Lourenço d'Almeida e Nuno da Cunha, filhos dos Generaes, conduzirião o corpo de batalha nas lanchas, pelos quaes se repartirião, pela maior parte, os Capitães e mais officiaes das esquadras de seus respectivos pais. Nuno da Cunha devia sustentar Pedro Barrêto, e D. Lourenço d'Almeida apoiaria Diogo Peres. Seguir-se-hião depois os Generaes, conduzindo uma terceira linha nas galéras.

Tudo isto foi pontualmente executado, conforme se

projectára. Logo que começou o prêamar, Pedro Barrêto e Diogo Peres se poserão em movimento, e passaram por entre os dois reductos com os soldados deitados de bruços, sem que a artilheria inimiga que atirava demasiado alto, podesse attingil-os, nem prejudical-os. Mas tanto que principiou o desembarque, os Mouros sahiram de seus entrincheiramentos, saltão n'agua que lhes dava pela cintura, apoderam-se dos bateis, e causão tão grande embaraço aos soldados, que estes ficando demasiadamente apertados, a ponto de não poderem bater-se, vêem-se obrigados a saltar para o mar, onde o combate foi então obstinado. D. Lourenço, e Cunha chegaram cada um ao posto que se lhe designára, e os soldados cobraram animo. O combate se tornou então ainda mais sanguinolento, pois que todos se batião como desesperados. Diz-se que nesta acção D. Lourenço d'Almeida matou seis inimigos a golpes de pique, que manejava com bastante habilidade e vigor. Como fosse o joven de maior estatura e de melhor apparencia de todos os Portuguezes, um dos inimigos o tomou por um dos chefes, e se unio com elle occultando-se debaixo do seu escudo, para lhe cortar as pernas. D. Lourenço d'Almeida que era agil, desviou o golpe, e voltando sobre o seu inimigo, lhe descarregou sobre a cabeça tal golpe que logo o matou; mas tendo sido por outro ferido no braço, afrouxou um pouco seu ardor. Os Generaes que não havião podido chegar mais cêdo, porque as galéras não tendo agua sufficiente, não tinhão por isso podido entrar com os outros vasos, apparecendo agora e animando seus respectivos filhos, e a sua gente, Nuno da Cunha poz fogo aos vasos inimigos, e as tropas de D. Lourenço d'Almeida ganharam o reducto. Como os inimigos tivessem sido mortos pela maior parte ás cutiladas, os restantes tomaram a fuga. Os vasos inimigos forão todos consumidos pelas chammas, bem como a cidade com quasi todas as suas riquezas: pois que o Vice-Rei temendo que a cobiça dos soldados pelo saque viesse a ser-lhes

funesta, deu as mais rigorosas ordens, afim de o evitar. Ganhados os reductos, toda a artilheria que os guarnecia foi conduzida para bordo da esquadra portugueza.

Os inimigos perderam trezentos homens, entre mortos e feridos; e os Portuguezes desoito mortos, e trinta feridos, entre os quaes se contaram os dois filhos dos Generaes. Esta acção encantou de tal modo o Vice-Rei que resolveu armar muitos Cavalleiros sobre o campo da batalha, depois do que elle, e Tristão da Cunha, tendo hido a Cananor, acabaram de fazer a carregação nos navios de retorno. O Vice-Rei regressou para Cochim, e Tristão da Cunha seguio viagem para Portugal aonde deu a agradavel noticia d'estes acontecimentos.

Voltemos para a costa d'Arabia, onde a gloria do grande Affonso d'Albuquerque nos chama, sigamol-o em suas primeiras façanhas, cujo projecto por si só parece annunciar-nos, d'antemão, as maravilhas que este novo conquistador obrou depois na India. Seus trophéos quasi que o igualaram aos heróes mais celebres da antiguidade,

CAPITULO X.

ANNO DE 1507.

Affonso d'Albuquerque projecta a conquista do Reino d'Ormuz. Descreve-se este Reino, a sua capital e o caracter de seus habitantes. Affonso d'Albuquerque dirige-se ao Cabo Rosalgate. Cajalate lhe abre as portas. Curiata e Mascate são occupadas pelas armar portuguezas. Soor rende-se. Orphasam resiste; é saqueada e incendiada: entra no porto d'Ormuz, e faz significar ao Rei por meio de um emissario o objecto da sua vinda. Resposta altiva de Coge Atar ministro do Rei. Rompem-se as hostilidades, e combate-se de parte a parte com obstinação e denodo. Os inimigos são completamente derrotados. Os navios protegidos pelos fortes são todos incendiados. Coge Atar aceita a lei que se lhe dictára. A paz é concluida, e solemnemente publicada. Affonso d'Albuquerque faz levantar uma fortaleza na parte

mais dominante do porto. Coge Atar por meio de seus espias conhece o diminuto numero dos Portuguezes e intenta destruil-os. Os Capitães portuguezes requerem formalmente a Affonso d'Albuquerque que abandone a empreza d'Ormuz; resposta que este lhes deu. Chegada dos Embaixadores do Sophi da Persia exigindo o tributo annual que o Rei d'Ormuz lhe pagava. Affonso d'Albuquerque é consultado sobre este objecto por Coge Atar, sua heroica reposta. Maquinações de Coge Atar contra os Portuguezes, descobre-se a traição, e rompem-se as hostilidades. A cidade é atacada por oito dias consecutivos pela artilheria portugueza, e depois bloqueada. Affonso d'Albuquerque faz incendiar as vélas inimigas que encontra. Intenta interceptar a agua que abastecia a cidade; malograda esta empreza é obrigado a levantar o bloqueio, em consequencia da deserção d'Alguns Capitães da sua esquadra, e logo em seguida sai do porto d'Ormuz para a Ilha de Socotorá. Duarte de Mello funda a fortateza de Moçambique. D. Lourenço d'Almeida descobre as Ilhas Maldivas e termina um tractado de paz para Portugal na Ilha de Ceilão. Diogo d'Azambuja entra á força d'armas na Cidade de Azaafi (que nós chamamos Cafim) na Mauritania Tingitana.

Affonso d'Albuquerque pensava de noite e de dia em dilatar as fachas dos Portuguezes. El-Rei tendo-o encarregado de cruzar na entrada do Mar Roxo, elle soube conciliar o dever com a honra, recusando-se, pois mal lhe hia o labéo de cruzeiro; impaciente de se assignallar por algum feito grandioso, e de que o seu Monarcha tirasse

maior utilidade concebeu o projecto de tomar Ormuz, e prestes poz em execução o seu plano.

O Reino d'Ormuz, assim chamado do nome da sua capital, começava no cabo de Rosalgate na Arabia Felix, e extendia-se ao longe pela Cermania, onde abrangia uma vastissima extenção de paiz; porém o que o tornava consideravel, era a situação da cidade d'Ormuz, collocada na Ilha de Gerum, á entrada do golfo Persico, a pouco mais de meia legua de distancia da terra firme d'uma parte, e a quatro leguas da outra. A Ilha não tinha mais do que cinco ou seis leguas de circumferencia, mas formava dous portos magnificos, separados entre si por uma estreita lingua de terra e tão vantajosamente situados, que parecião ter sido feitos, para servirem de emporio geral de todo o Oriente. Parece que a natureza, satisfeita de ter concedido a esta Ilha uma tão aprazivel posição, fôra esteril em tudo o mais, a agua escaceava, e a verdura a custo vegetava, todavia estas faltas não erão sensiveis, porque a cidade vasta, bella, rica e sumptuosa, juntava á profusão das immensas riquezas que o commercio d'Asia, d'Africa, e mesmo da Europa lhe trazia, uma abundancia espantosa de tudo o que pode servir de utilidade, e de commodidade á vida, como se todos os outros paizes não tivessem sido creados senão para supprirem a sua esterilidade.

Esta Cidade, engrandecida pelo commercio, reunia no seu seio um grande numero de estrangeiros de todas as Nações, no emtanto os Arabes e os Persas dominavão alli com a religião de Mafoma, que tambem era a do Soberano. Os habitantes, robustos e bem apessoados, união a coragem, que se ressentia da sua origem bellicosa e d'uma seita que á força de conquistas ganhára nomeada, ao amor das sciencias e das bellas artes, que são os fructos da paz e da tranquilidade.

Affonso d'Albuquerque tendo arranjado os negocios de Socotorá, e reprimido as facções dos Fartaquins, que havião ficado naquella Ilha, partiu d'alli com seis navios, e uma fusta commandados por officiaes de bravura, e em que hião quatrocentos e setenta Portuguezes. Com este pequeno corpo ganha o alto mar, tirando para o cabo de Rosalgate, onde principião os estados d'Ormuz; apresenta-se diante de Cajalate que lhe abre as suas portas. Curiata mais orgulhosa, experimenta a sorte das armas: a confiança que ella deposita em suas proprias forças origina a sua ruina. Mascate, mais consideravel submette-se pela prudencia de seu governador, porém entrando alli dous mil Arabes a sublevão novamente. Os dous mil Arabes foram batidos, e attrahiram sobre a Cidade os males de que querião livral-a. O governador ahi pereceu combatendo como um bravo.

As cidades de Soor, e Orphasam, ambas opulentas, e fortificadas com boas muralhas e cidadellas, não ousaram defender-se. Soor sujeitou-se ás condições que se lhe imposerão. Os habitantes porém de Orphasam possuiram-se de tão grande terror, que por mais que se esforçasse o seu governador, official de reputação, elles abandonaram a cidade fugindo para os bosques. Os Portuguezes não encontraram nem resistencia, nem submissão, saquearam-na, e queimaram-na, depois do que o victorioso Affonso d'Albuquerque foi fundear á vista d'Ormuz, e mandou logo dizer ao Rei: «Que vinha alli, não para trazer a guerra, mas sim a paz. «Que não havião outros meios d'obtêl-a senão sujeitando-se «a El-Rei de Portugal, e pagando-lhe o tributo annual que «os Reis d'Ormuz pagavão aos Sophis: Que El-Rei de Por«tugal era um Principe tão poderoso que mais ditosos fica«vão os que lhe obedecião do que os que região grandes «imperios. Que logo que se sujeitassem a ser seus vasallos «tudo poderião esperar da sua protecção contra os inimigos,

«assim como tudo tinhão a temer das suas armas victorio-
«sas; se porém fossem tão cegos que recusassem as vanta-
«gens d'esta protecção, que lhes offerecia, então não se res-
«ponsabilisava pelo resultado.»

Achava-se no throno de Ormuz Ceifadim, segundo do nome, que o havia herdado de seus pais, seus fundadores, mas como a tenra idade d'este Principe lhe não permitisse governar por si mesmo, estava ainda sob a tutella de um eunucho por nome Coje-Atar, homem astuto e experiente, o qual havia sabido ganhar o ascendente sobre todos os seus competidores.

A proposição de Affonso d'Albuquerque era extraordinaria, e devia parecer bem nova, porém Coge-Atar temia a fama dos Portuguezes, e receoso de que os descendentes do actual governo, se não aproveitassem d'aquella conjunctura, para effeituarem alguma mudança no estado, tomou desde logo o partido da dissimulação, procurando ganhar tempo, a fim de que podessem chegar á Cidade as tropas de terra e mar que não estavão longe. Coge-Atar enviou ao Chefe Portuguez um de seus officiaes, com cartas e presentes consideraveis. Affonso d'Albuquerque recebeu a carta, mas recusou os presentes, dizendo que os não podia receber em quanto não soubesse se devia tratar com amigos ou inimigos.

Coge-Atar nãe se julgou menos offendido por esta resposta, do que o fôra pela primeira proposição, não obstante elle continuou a dissimular, até que tivesse obtido o fim a que se proposera; mas logo que se viu com vinte mil homens de tropas, com a sua frota, junta a mais de sessenta navios de transporte, e mais de duzentas vélas entre canôas, lanchas e outros pequenos vasos, que d'antes se achavão no porto; arremeçando então de si a mascara, come-

çou por fazer prender os Portuguezes que com demasiada confiança tinhão ousado desembarcar, e mandou dizer a Affonso d'Albuquerque: « Que se admirava muito da petu-« lancia de suas proposições e da injustiça de suas exigen-« cias: Que os Reis d'Ormuz longe de pagarem tributos « aos estrangeiros que vinhão a seus portos, costumavão, « pelo contrario, exigil-os d'elles: Que se os Portuguezes « querião commerciar como as outras nações, se lhes con-« cederia a permissão e a liberdade com as mesmas condi-« ções; mas que se se propunhão a violental-os, conhece-« rião brevemente, e á sua custa, que mui enganados es-« tavão, se suppunhão estarem tratando com Cafres e com « miseraveis nêgros. »

Esta resposta, e as disposições observadas no porto, derão a conhecer a Affonso d'Albuquerque que era indispensavel o pelejar; e convocando o conselho, este decediu quese atacassem os vasos inimigos. Affonso d'Albuquerque occupou a barra, dispoz as suas vélas com os convenientes intervallos, a fim de poderem manobrar com facilidade, e fazerem um uso proprio de suas baterias, e em seguida fez jogar toda a sua artilheria. Os inimigos distribuidos por todos os seus pequenos vasos, dispostos em duas linhas commandadas pessoalmente por Coge-Atar, fazendo-se por ordem d'este ao largo para investirem a esquadra portugueza, não se atemorisão pelo continuado estampido e avanção affoutos, apesar do mortifero fogo da artilheria portugueza. O mesmo fumo, que por algum tempo esconde todos os objectos á vista, lhe permitte o aproximarem-se tão perto d'aquella que depois de terem despedido em muito boa ordem uma espessa nuvem de frechas, vierão á abordagem. Os portuguezes, grande numero dos quaes havião ficado feridos pela innumeravel multidão das frechas, tiverão grande difficuldade em se defenderem da actividade d'este primeiro assalto, em que foi necessario combater

braço a braço, a golpes de lanças, de machados e de sabres; a final as baterias inferiores que estavão ao lume da agua, fizerão tal destroço naquelles pequenos vasos, que Coge-Atar, vendo-os despedaçar-se ou pela maior parte afundarem-se, tomou o partido de se retirar; cujo máu exemplo em pouco tempo foi seguido por todos os seus subordinados.

Affonso d'Albuquerque vendo-se livre da importunidade d'estas embarcações, correu logo a atacar os navios de grande lote entre os quaes havia dous de oitocentas toneladas com quinhentos a seiscentos homens de tripulação, um dos quaes, por nome Principe, pertencia ao Rei de Cambaia, outro, denominado Meris, era de Melique-As, Senhor de Diu, de quem ainda muito nos occuparemos. Affonso d'Albuquerque accommetteu a ambos successivamente, e depois d'um combate assaz porfiado, os metteu a pique. Os demais Capitães, imitando o exemplo de seu Chefe, attacaram diversos navios. De pressa o mar ficou coberto de destroços. Foi tal a desordem entre os inimigos, que se combatião uns aos outros julgando-se mutuamente adversarios. Finalmente os inimigos abandonaram os seus navios, e se lançaram ao mar para se salvarem a nado, e como fossem perseguidos pelos Portuguezes que se achavão nas lanchas, a mortandade cresceu a um ponto extraordinario.

Terminado o combate, que durára oito horas, o victorioso Affonso d'Albuquerque aproveitando-se de sua vantagem, fez lançar fogo a todos os navios que o inimigo abandonára, os quaes sendo por um vento da terra arrojados para longe do porto, forão servir d'um novo espectaculo de horror sobre as costas da Caramania e da Arabia, onde se consumiram ou naufragaram. Affonso d'Albuquerque mandou igualmente pôr fogo a cento e oitenta va-

sos de toda a especie, que se achavão ainda nos estaleiros, promptos para se lançarem á agua, e que foram prêsa das chammas. Ao passar a esquadra por baixo de uma especie de fortim ou pequeno palacio em que se achava o Rei, e d'onde sem embargo da consternação em que todos estavão, se despedião nuvens de frechas, Affonso d'Albuquerque ficou ferido, bem como muitos officiaes, e soldados.

A animosidade dos Portuguezes era inconcebivel, alguns d'elles desembarcando tinhão posto fogo a um arrabalde, em que havia uma mesquita, que foi prêsa das chammas, e deixando-se dominar de seu ardor impetuoso, hião entrar na cidade de involta com os fugitivos; porém Affonso d'Albuquerque attendendo a seu pequeno numero, e ao cançasso, fez tocar a retirar, satisfeito do resultado d'uma tão bella victoria.

A presumpção de Coge-Atar, tornou-se n'um descorçoamento extremo: entregue pois ás suas crueis inquietações, e tendo muito a receiar tanto do interior como do exterior do Reino, elle mostrou uma excessiva impaciencia de concluir a paz; consequentemente fez arvorar, em um dos torreões do Palacio Real, uma bandeira branca, e mandou parlamentarios ao vencedor.

Dirigiram-se a elle com as maneiras mais submissas, demorando-se em relatar as desgraças que a Cidade, e seus habitantes havião supportado, fructo da sua inutil resistencia, e concluiram entregando quasi á discripção o Principe e o seu Reino.

Affonso d'Albuquerque aproveitou-se do terror geral, e concluiu, ou antes dictou um tratado, em que Ceifadim, Rei de Ormuz, se reconhecia tributario d'El-Rei de Portugal, pagava as despezas d'aquella guerra, e concedia

nesta cidade terreno para se coustruir uma fortaleza, para cuja construcção forneceria os materiaes e os trabalhadores que fossem necessarios; destinando-se na cidade os quarteis proprios para os Portuguezes, até que ficasse concluida a fortaleza. Que pela sua parte El-Rei de Portugal tomava o Rei d'Ormuz sob a sua protecção, e se obrigava a defendêl-o contra todos os seus inimigos. Fizeram-se d'este tratado duas cópias gravadas em laminas de ouro; uma em lingua Persa, e outra em Arabe. A bandeira portugueza foi arvorada no mais elevado dos torreões do Palacio do Rei. Este Principe e Affonso d'Albuquerque se avistaram, e conferenciaram; e finalmente foi publicada a paz com todas as demonstrações de alegria, que a afflicção em que então se achava a cidade permittia.

O terreno para a nova cidadella foi marcado no extremo da lingua de terra, que está entre as duas barras, e não podia ficar mais bem collocáda, pois que dominava ambas as barras, e o Palacio do Rei. Não se perdeu tempo na sua construcção, todos ahi trabalhavão desde o proprio General até ao ultimo grumete de navio; cada um se occupava no genero de trabalho que se lhe designára. Os trabalhadores estavão divididos por esquadras, que se rendião umas ás outras a determinadas horas; de sorte que não se interrompia o trabalho nem de dia nem de noite. Apesar de todas as precauções, Coge Atar veiu no conhecimento do pequeno numero dos Portuguezes, e envergonhou-se das concessões feitas a Affonso d'Albuquerque, resolvendo retractar-se do que promettêra; todavia era tal o terror que os Portuguezes continuavão a inspirar, que julgou dever empregar a astucia com preferencia á força. Alliciou para fugirem carpinteiros, e fundidores de artilheria, que efficazmente reclamou Affonso d'Albuquerque, mas em vão. Outros forão encantados pela generosidade do Ministro, e em pouco tempo fez nascer a discordia entre aquelles mesmos

que subjugavão seu paiz. Os officiaes, e soldados fatigavão-se de um trabalho, que não offerecia um resultado conforme aos seus desejos. Pertendião continuar os cruzeiros, e a severidade do chefe assás os descontentava; porém elles não conhecião bem a firmesa que tinha o seu caracter. Declararam-lhe em um requerimento, que era essencial ao serviço de El-Rei abandonar Ormuz, para cruzar em o golfo Arabico, ou regressar ás Indias junto do Vice-Rei. Affonso d'Albuquerque leu esta representação com ar alegre, e para lhe testemunhar a sua indignação a deu logo a um pedreido que estava assentado o limiar de uma das portas da fortaleza, mandando que a pozesse debaixo do dito limiar, dizendo por irrisão: = « *Este é o despacho!* » = por cujo facto se ficou aquella porta chamando = *Porta do Requerimento.*

Permittiu o accaso que ao mesmo tempo viessem a Ormuz os Embaixadores do Sophi da Persia. Coje Atar mandou então dizer a Affonso d'Albuquerque, que na terra firme, em um porto que se chamava Bandez Angou, onde costumavão vir as caravanas da Persia, erão chegados dous Embaixadores, que vinhão pedir o tributo que os Reis de Ormuz ha muitos annos pagavão aos da Persia, e como Ormuz estava debaixo da protecção d'El-Rei de Portugal, e lhe pagava tributo, desejava saber o que se devia fazer nestas circumstancias.

Replicou Affonso d'Albuquerque que de muito boa vontade daria a resposta, e que Coje Atar lhe enviasse pessoas d'authoridade para lh'a enviar por ellas.

Vindo dous emmissarios de Coje Atar ante Affonso de Albuquerque, este lhes mandou prestar juramento conforme o uso da religião do seu paiz, e dando-lhes uns poucos de pelouros, varias lanças, e molhos de settas, lhes disse: « Que

« pelo juramento que havião prestado os obrigava a appre-
« sentar aquelles objectos aos Embaixadores do Sophi, a
« quem dirião, que os Reis e Principes tributarios d'El-Rei
« de Portugal, quando d'outros erão requeridos por algum
« tributo, n'aquella moeda é que pagavão. Assegurai aos
« mesmos, acrescentou, de que logo que se ache conclui-
« da a fortaleza d'Ormuz entrarei no golfo Persico, afim
« de submetter á Corôa Portugueza todas as praças depen-
« dentes do Sophi. Abstendo-vos pois de lhe pagar outro
« tributo que não seja o que eu lhe envio, se não quizer-
« des ser demittidos do vosso cargo, e mui severamente
« punidos. »

Esta altivez impoz aos Ormuzienses; porém augmentou cada vez mais o numero dos Portuguezes descontentes. Comtudo, Coge Atar, sempre activo e prudente, havia feito construir peças de artilheria por aquelles que fizera desertar. Por ordem sua, tinhão entrado tropas na Cidade; e nas cazas proximas á fortaleza se havião tomado muitas medidas hostis; porém Affonso d'Albuquerque foi advertido a tempo, e tomou as cautelas necessarias.

Todos os Portuguezes que se achavão dispersos na cidade, occupados na construcção da fortaleza, receberam ordem de reembarcar em segredo, e obdeceram. Coge Atar vendo-se descoberto faz tocar a rebate, põe suas tropas em movimento, lança fogo a um navio que Affonso d'Albuquerque havia feito entrar no estaleiro para se concertar, e vôa ao porto, d'onde se arrojaram contra a armada, posto que inutilmente, toda a sorte de projectis.

Affonso d'Albuquerque tendo-se queixado d'esta infracção e não recebendo satisfação alguma, ataca com a artilheria a cidade pelo espaço de oito dias consecutivos, e incendeia os navios que Coge Atar se persuadia ter posto a

coberto; porém observando que assim pouco adiantava, concebeu o designio de render pela fome os habitantes da cidade, pondo-lhes um rigoroso bloqueio. Como a Ilha não produzisse, como temos mencionado, mais do que alguns vegetaes, que com dificuldade alli se davão, e os habitantes não tivessem outra agua potavel que a da chuva, que conservavão em algumas cisternas, o negocio não era difficil. Affonso d'Albuquerque cérca o melhor que pode com a sua esquadra a Ilha, e sendo informado depois, de que havia n'um lugar por nome Torombac, a uma legua da cidade, alguns poços d'agua potavel, guardados por um destacamento de duzentos homens e vinte e cinco cavallos, destaca de noite para aquelle sitio Jorge Barreto de Castro com oitenta homens. Castro comette o ataque, um pouco antes de amanhecer, desbarata o destacamento inimigo, e faz entupir os poços com os cadaveres dos homens e dos cavallos.

Aquelle ponto era importante, e Affonso d'Albuquerque, que o pertendia conservar, mandou para esse fim, vinte homens commandados por um bravo castelhano por nome Lourenço da Silva, com instrucções de fazer postar um canhão n'uma eminencia, aonde se não podia hir senão por uma veréda muito estreita; esta ordem não se poude executar por terem para alli concorrido os inimigos em força. Nestas circumstancias tendo Affonso d'Albuquerque chegado por mar, com perto de cento e cincoenta homens escolhidos, empregou todos os seus esforços para collocar o canhão no posto que determinára, porém os inimigos, tendo-se reforçado, pelas tropas commandadas pelo Rei e Coge Atar, começaram o ataque, no qual ficaram feridos quasi todos os Portuguezes, sendo este, como elle proprio depois affirmou, um dos maiores perigos que corrêra sua vida; não obstante conseguio salvar-se nos bateis com quasi toda a sua gente, deixando a seus inimi-

gos a gloria de o terem obrigado a fugir, e a seus Capitães, que lhe havião contestado esta empreza, o maligno prazer de o verem mortificado pelo mallôgro d'ella.

Entretanto a Ilha estava strictamente bloqueada, de sorte que soccorro algum podia passar, e a Cidade reduzida a uma penuria quasi extrema, estava a ponto de sublevar-se. Todos os dias uma multidão de mulheres, e creanças, cercavão o Palacio do Rei e com supplicas pedião a paz, ou o pão. Na esquadra de Affonso d'Albuquerque sabia-se o critico estado a que a Cidade estava reduzida, e a necessidade em que ella se achava de recorrer á sua clemencia: este momento estava proximo, quando Affonso d'Albuquerque viu ser-lhe arrebatada uma tão bella prêsa por trez de seus Capitães, que antepondo em seu coração o odio, e o ciume ao seu dever, vergonhosamente o abandonaram, e se dirigiram ás Indias, aonde o forão criminar ao Vice-Rei. Um d'elles levou comsigo os viveres da esquadra, e Affonso d'Albuquerque se viu por tanto na mesma necessidade que os sitiados soffrião; comtudo, elle tentou, e fez novos esforços; mas depois de algumas brilhantes acções de armas, julgou dever retirar-se á Ilha de Socotorá.

Antes d'entrarmos em outros detalhes mais minuciosos, retomando os successos de um pouco mais longe, concluiremos o presente Capitulo dizendo que n'este mesmo anno Duarte de Mello fundou a fortaleza de Moçambique, e n'ella uma Igreja e um Hospital. D. Lourenço d'Almeida fez a celebre descoberta das Ilhas Maldivas, e em Ceylão celebrou um tractado de paz com o Rei de Cale, que se tornou tributario d'El-Rei de Portugal. Finalmente os Portuguezes, commandados por Diogo d'Azambuja, entraram na Cidade de *Azaafi* (que nós chamamos *Çafim*) na Mauritania Tingitana, da qual se assenhorearam completamente no anno de 1508.

CAPITULO XI.

ANNOS DE 1508 E 1509.

O Çamorim colligado com os Reis de Cambaia, d'Ormuz, d'Achem, e outros, sollicitão a intervenção do Soldão do Egypto, afim de expulsarem os Portuguezes da India. Artificios do Soldão para aterrar os christãos. Queixa-se ao Papa Alexandre VI. dos Reis de Castella e de Portugal. O Papa persuade estes Monarchas suavisem a colera do Califa. El-Rei D. Manuel patentéa a sua resolução de continuar a fazer a guerra aos Musulmanos. O Soldão envia uma armada ás Indias, sob o commando d'um de seus Emires. Este, chegando á India, accomette D. Lourenço de Almeida nas aguas de Chaul, sendo obrigado a retirar e a pôr-se na defensiva. E' inopinadamente atacado por D. Lourenço d'Almeida. As forças de Melique-As fazem sua juncção com as do Emir. O combate torna-se geral; morre D. Louren-

ço d'Almeida, e declara-se a victoria a favor do inimigo. Affonso d'Albuquerque dirige-se a Cananor, onde apresenta a Carta Regia que o nomeára successor de D. Francisco d'Almeida no governo das Indias. Este se subtráhe a entregar-lho. Volta Affonso d'Albuquerque a Ormuz, sabe que o seu proceder em quanto áquella Ilhã fôra desapprovado pelo Vice-Rei, e não obstante prosegue em suas présas. Sahe o Vice-Rei com numerosa armada de Cananor, para atacar o Emir nas aguas de Diu. Nesta derrota afim de castigar o Çabaio, hostiliza a cidade de Dabul, que é incendiada, depois de passada toda a sua população á espada. Dirige-se em seguida a Diu a atacar o Emir. Trava-se o combate; os Portuguezes praticão gentilezas de valor, e a victoria se declara a seu favor, com grande perda dos adversarios. Sollici a Melique-As a paz. O Vice Rei volta para Cochim, e de caminho exige o tributo de varios Principes. Affonso d'Albuquerque continua no desagrado do Vice-Rei, que o manda encerrar na cidadella de Cananor. D. Fernando Coutinho com uma numerosa armada chega ás Indias. Dá liberdade a Affonso d'Albuquerque e leva-o para Cochim: toma posse do Governo das Indias, e D. Francisco d'Almeida parte para Portugal com alguns descontentes de Affonso d'Albuquerque. E' morto na sua derrota o Vice-Rei conjunctamente com alguns Capitães, na Aguada de Saldanha junto ao Cabo da Bôa Esperança pelos cafres indigenas.

Apenas os Mouros viram a prosperidade e boa fortuna que hião alcançando os Portuguezes no Indostão, logo pensaram que estes estrangeiros não vinhão alli com outras vistas

que não fosse arruinal-os, e ainda mais se convenceram da realidade d'este pensamento, quando os viram engrossar suas esquadras; guardarem os mares, e darem a Lei a diversos Reis Indios; construirem por toda a parte cidadellas; exigirem que se não fizesse carregação alguma dos generos da India, sem que elles primeiramente tivessem concluido a sua, prohibirem a navegação d'aquelles mares, a não ser com sua permissão, e finalmente praticarem todos estes actos sem rebuço, o que tudo fazia acreditar ser sua intenção o anniquilarem absolutamente o seu commercio no Mar Roxo e no golfo Persico.

Os Mouros pois, não se julgando assaz fortes para poderem livrar-se d'um inimigo, que desde seus primeiros passos, déra a conhecer o ascendente que havia adquirido, determinaram recorrer a um poder superior, cujos interesses, juntos aos seus, podessem constituir um motivo capaz de o obrigar a operar grandes esforços. Com taes vistas elles persuadiram o Çamorim a que mandasse uma embaixada ao Soldão do Egypto, que sendo a parte mais prejudicada, tomaria o negocio a peito, e se achava em estado de applicar ao mal commum um poderoso remedio. Escutou o Çamorim a proposição que se lhe fizera, e a esse fim mandou por emissario ao Cairo um santão (especie de monge mahometano) por nomé Maimane, homem prudente, e entre os seus sectarios em reputação de grande santidade. Este tendo-se posto a caminho tomou ainda durante este, cartas de recommendação dos Reis de Cambaia, d'Ormuz, d'Adem, e de outros Principes musulmanos, que reconhecião o Califa, ou Soldão do Egypto, como chefe de sua religião, e que possuindo os melhores portos d'aquellas costas, erão lesados pela interrupção do commercio, e tinhão todos elles queixas que fazer-lhe contra os Portuguezes.

Estava então sobre o throno Campsão, que pode considerar-se como o ultimo dos Mamelucos, que se estabeleceram no Egypto no tempo das Cruzadas. Os estados d'este Principe erão vastos, e comprehendião, além do Egypto, e d'uma parte d'Africa Septemtrional, toda a Syria até ao Euphrates, e uma parte d'Arabia. O transporte das mercadorias das Indias, e d'outras partes d'Asia para a Europa, não se podia fazer senão pelas terras de sua dominação, por meio de frotas ou caravanas. Em todas as Cidades em que ellas tocavão lhe pagavão pelo menos cinco por cento de direitos de entrada e sahida, e nos portos do Mediterranio elle percebia o dobro da parte dos Venesianos, dos Genovezes, e dos Catalães, que erão os unicos que fazião o commercio do Levante. Os principaes rendimentos d'este Principe consistindo por tanto no pruducto das alfandegas, devião necessariamente desfalcar-se pela interrumpção d'este commercio; e como os Mouros estabelecidos nas Indias tivessem seus correspondentes em todos os portos do Egypto e da Syria, as bancas rotas que se tornavão mui frequentes, havião exasperado os espiritos contra os autores de semelhante calamidade.

Neste estado de cousas Maimane tendo chegado ao Egypto achou ahi já todos os meios para poder ser attendido. O Soldão, que era um Principe pacifico e moderado, quiz primeiro que tudo tentar os meios da doçura, e por consequencia fez destramente correr em seus estados o boato de que elle se propunha destruir em Jerusalem os lugares santos, e apagar mesmo os vestigios dos sanctuarios e monumentos consagrados pela presença de Jesus-Christo, prohibir todo o commercio com os estrangeiros christãos, e expulsar todos os que estavão estabelecidos nas terras de seus dominios, ou constrangel-os a fazerem-se mahometanos. O guardião do convento de S. Francisco do Monte Sinai, por nome Mór, tendo ouvido esta

noticia acreditou-a, e se transportou logo ao Cairo todo assustado: era justamente o que pretendia o Califa, o qual depois de ter affectado as maiores difficuldades, consentiu por fim em suspender os effeitos de sua justa vingança, caso que se lhe desse uma satisfação; e como este religioso promettesse obter tudo, por sua mediação junto do Papa, e mesmo d'El-Rei de Portugal, o Califa approvou que elle viesse a Roma, e o encarregou d'uma carta para Sua Santidade.

Esta carta foi aberta e lida em pleno Consistorio. Começava ella pelos magnificos titulos que o Califa se attribuia, e pelos que dava ao Papa, que quasi não erão menos honrosos, e que merecem ser mencionados, taes erão: «O grande Rei, Senhor dos Senhores, Rei dos Reis, Es-«pada do Mundo, Herdeiro dos Reinos, Rei da Arabia, «de Gemia, da Persia, e da Turquia, Sombra do Altissi-«mo, e sua imagem sobre a terra, Distribuidor dos Im-«perios, Açoute dos rebeldes e hereges, Summo Sacerdote «dos templos que estão sob o seu poder, Explendor da fé, «Pai da victoria, Canação Algauri (era este o nome de «Campsão) cujo reinado Deus perpetúe, e cujo throno esta-«beleça acima do Signo de Geminis; Ao Papa Romano, «excellentissimo e espiritual, grande na antiga fé dos chris-«tãos fieis de Jesus, &c. O Califa punha mui extensa-«mente os justos motivos das queixas que tinha de fazer «aos Reis Catholicos Fernando e Izabel, e a El-Rei de «Portugal, os quaes se manifestavão os mais cruéis inimigos «d'uma religião, de que elle era o Chefe, e que elles «perseguião a fogo e a sangue até ás extremidades da «terra, sem que elle lhes tivesse jámais dado o mais leve «motivo para semelhante proceder. Que a sua honra, e «o seu zêlo por esta religião o obrigavão a vingal-a com «todas as suas forças, por isso o advertia, que se pela «influencia que elle Papa exercia sobre todos os Prin-

« cipes sectarios da Lei de Jesus; os não obrigasse a mu-
« dar de vida, elle se viria na necessidade de usar de re-
« presalias, destruiria os lugares Santos, expulsaria todos
« os christãos de seus estados, ou os obrigaria a abraçar a
« lei de Mafoma. »

O Papa Alexandre VI., que então occupava a cadeira de S. Pedro, e o Sacro Collegio, assustado d'uma ameaça, que elle receava vêr realisada, enviou logo o mesmo religioso para Hespanha com uma cópia da carta que este trouxéra do Cairo. Ignora-se o que responderão os Reis Catholicos; pelo que respeita a El-Rei D. Manuel, este teve summo prazer de ver o Califa recorrer a queixas, do que concluio mui justamente, serem ellas um testemunho evidente de fraqueza, e neste sentido escreveu ao Papa. « Que se tranquillisasse
« Sua Santidade pois lhe assegurava que o Califa não ousa-
« ria executar cousa alguma de quanto parecia projectar con-
« tra os Lugares Santos, por se não privar d'um de seus
« mais consideraveis rendimentos. Que era claro que o zêlo
« de religião nenhuma parte tinha nos motivos de sua em-
« baixada; pois que havia deferido por mais de vinte annos
« suas queixas, pelo que os Reis Catholicos Fernando e
« Izabel praticaram contra os Mouros de Granada: que elle
« unicamente tinha a queixar-se dos prejuizos que lhe cau-
« sava a interrumpção de seu commercio, assim longe de affron-
« xar no que já estava feito, elle se confirmava cada vez
« mais na resolução de fazer uma viva guerra a esses ini-
« migos da religião christã, pois que era justo que de-
« pois de terem trazido a desolação á Europa, cujos ter-
« riveis effeitos a Hespanha sentira por tantos seculos, se
« lhes levasse tabem ás suas terras a mesma guerra. »

El-Rei D. Manuel redobrou desde logo os seus esforços, enviando mais forças para a India. O religioso de S. Francisco, depois de ter por duas vezes hido a Roma, voltou pa-

ra o Egipto, onde não poude dar mais do que uma má conta de sua negociação. O Califa, vendo que era necessario recorrer a meios mais efficazes, decidiu-se a fazer passar ao Mar das Indias uma armada, em que fez uma despeza immensa, porque como no Egypto e nas margens do Mar Roxo não havia matas de madeiras de construcção, foi preciso mandal-as vir da Asia menor. A frota egypcia que transportava as madeiras para Alexandria, composta de vinte e cinco vélas, foi encontrada pelo Balio de Portugal André do Amaral, Chanceler mór da Ordem de São João de Jeruzalem, que havia sahido de Rhodes com uma esquadra de seis caravellas e quatro galéras da mencionada Ordem, e bateu o inimigo, apresando-lhe seis vasos, metendo-lhe a pique cinco, e dispersando o resto, os quaes forão aportar a Alexandria e Damieta. O Califa mandou transportar as madeiras para o Cairo em camêlos, construiu-se uma frota de quatro Náos, um galião, duas galéras, e trez galiotas, e nomeou para a commandar um de seus Emires por nome Hocem (ou segundo outros Miroçem) homem de merito, e que possuia a sua confiança. Nesta esquadra embarcaram mil e quinhentos Mamelucos, todos Christãos renegados, Hocem atravessou o mar Roxo, costeou a Arabia, e foi fundear em Diu, no Reino de Cambaia.

Melique-As Senhor de Diu o acolheu com a maior alegria, pelo olhar já como o Libertador da India. Melique-As Sarmata de origem nascido de pais Christãos era um homem de fortuna, havia sido captivado pelos Turcos que o tinhão educado na religião mahometana, e pela continuação do tempo o venderam como escravo ao Rei de Cambaia. Ganhou Melique-As affeição do Principe pela habilidade que possuia de atirar bem ao arco, e de tal sorte soube insinuar-se no seu animo que obteve a sua confiança. Alcançando o governo de Diu e de algumas outras praças

no continente, tão habilmente manejou o espirito dos Mouros Asiaticos e Europêos que fez de sua cidade um dos mais celebres emporios das indias, e se poz quasi ao nivel dos Reis do Indostão tanto pelo seu credito, como por suas riquezas.

Hocem, e Melique-As tendo unido suas forças, resolveram hir demandar os Portuguezes, e D. Lourenço de Almeida estava em Chaul, onde esperava vinte navios de Cochim que elle devia escoltar. Era então Chaul uma cidade de grande commercio, situada na margem d'um grande rio, duas leguas mais acima da sua foz, e a cincoenta da cidade de Diu; pertencia a Nizamoluc, um dos tyrannos, que tendo-se sublevado contra o Rei de Decan, se havião erigido em pequenos soberanos nos districtos de seus respectivos governos. Era este Principe mui curioso de attrahir os estrangeiros a seus dominios e pela estima que lhe havião merecido os Portuguezes, elle lhes abrira seus portos.

D. Lourenço d'Almeida, que se persuadia não ter inimigos a temer, vivia alli em grande segurança, e passava o tempo em festas, correrias, e outros exercicios militares e de praser, quando correu o boato de ter chegado uma armada de Rumes a soldo do Califa, e que esta se achava já em Diu. Chamavão então na India Rumes aos Turcos Europêos, que se havião estabelecido sobre os destroços do Imperio dos Gregos, que affectaram de chamar á sua capital a nova Roma, do mesmo modo que se appellidavão Francos, indistinctamente, todos os Latinos desde o tempo das empresas dos Francezes na Terra Santa, então das Cruzadas, cuja fama corrêra até ás extremidades da Asia.

Esta primeira noticia, que a principio não fôra mais do que um boato surdo e duvidoso, foi bem depressa confirmada a D. Lourenço d'Almeida por Lourenço de Brito, go-

vernador da cidadella de Cananor, a quem fôra participado por Timoja e pelo mesmo Vice-Rei, o qual para esse fim, fez partir para Chaul Pedro Cão com ordens para D. Lourenço d'Almeida hir combater esta armada, antes que ella podesse chegar a Calecut. D. Lourenço d'Almeida parecia-lhe inconcebivel que o Califa tivesse podido fazer passar uma esquadra do Mediterraneo para o Mar Roxo; sendo que o ultimo não comportava navios de grande porte, pelos muitos baixos que nelle existem, o muito menos acreditava que tivesse esta esquadra rodeado a Africa. Não obstante, D. Lourenço d'Almeida ordenou aos navios de Cochim, que activassem a sua carregação.

Entretanto a esquadra do Emir appareceu. D. Lourenço d'Almeida e seus Capitães nem ainda ao divisal-a se persuadiram que fosse a esquadra egypcia, antes acreditavão ser Affonso d'Albuquerque, que todos os dias era esperado; mas logo que ella começou a dobrar certo cabo, foi reconhecida por suas flamulas e pavilhões vermelhos e brancos semeados de meias luas escurecidas: Estava toda empavesada com bandeirólas de seda, como para uma divertida festa. Foi então que tudo se preparou seriamente, e houve ainda sufficiente tempo para se pôrem em estado de bem a receber. Os oito ou nove navios da esquadra de D. Lourenço d'Almeida convenientemente intervallados uns dos outros, tinhão todos a popa voltada para a terra. D. Lourenço d'Almeida os deixou ficar nesta disposição, contentando-se em fazer avançar a capitania mais para o largo, e de collocar na sua frente um pouco mais longe no meio do rio Pedro Barrêto, não ficando entre os dous mais que o espaço sufficiente, por onde podesse passar a frota inimiga.

O Emir sobre as informações fieis que tivera da situação da frota portugueza se collocou na vanguarda para atacar o navio de D. Lourenço d'Almeida; o resto da sua es-

quadra o seguia. Aproximado ao inimigo deu uma terrivel descarga de artilheria, materias combustiveis, e de frechas; mas os Portuguezes lhe corresponderam tão vigorosamente, que elle se abrigou junto á cidade, esperando que Melique-As, que se achava na embocadura do porto, viesse auxilial-o.

O numero dos feridos era consideravel em ambas as esquadras; tanto o combate, ainda que de pouca duração, tinha sido vigoroso. A noite foi empregada em cural-os; e de manhã ao romper do dia, D. Lourenço d'Almeida se dirigiu aos inimigos. Batido por este e por Pedro Barrêto, um dos seus Capitães, Hocem se aproximou de terra, e como o seu navio era de borda mui alta, a guarnição fazia fogo a coberto, e de cima para baixo sobre o de D. Lourenço d'Almeida, que foi ferido por duas frechas. Tornou-se indispensavel afastar-se de um inimigo tão vantajosamente postado; mas os seus Capitães meteram a pique muitas galéras inimigas, e se serviram com tanta superioridade da sua artilheria, que obrigaram um grande numero de Mouros a deixar os seus navios lançando-se a nado para se salvarem em terra. Neste momento a victoria estava decidida a favor dos Portuguezes, o valor inconsiderado de Francisco de Nhaya lh'a fez perder. Elle saltou em seu batel, e perseguiu com a lança os Mouros que fugião. Daqui resultou que os outros não os imitaram, e que a maior parte d'aquelles mesmos que havião abandonado os navios, voltaram com firme resolução de combater como desesperados. Por outro lado D. Lourenço d'Almeida não deu ouvidos aos Capitães que lhe aconselhavão mandasse incendiar os navios inimigos, mas sim os poupou na esperança de os apresentar a seu pai.

Foi então que appareceu a esquadra de Melique-As, com mais de quarenta embarcações de remos, e bem pro-

vida de artilheria. Elle tinha querido deixar soffrer á Hocem os primeiros esforços dos contrarios, e não se apresentar senão em o momento decisivo.

A vista d'esta numerosa esquadra sobresaltou os Portuguezes; e para augmentar a sua critica situação, a cidade que até alli se conservára neutra, se declarou a favor dos inimigos.

Tendo a noite suspendido o ardor dos combatentes, D. Lourenço d'Almeida chamou seus Capitães a conselho; forão todos elles de opinião, que attendendo a seu pequeno numero e á multidão dos inimigos, á quantidade de feridos que tinhão, e ao cançaço e fadiga dos outros, era de absoluta necessidade o retirarem-se. Foi a opinião mais geral do conselho, que tudo isto tivesse lugar logo no principio da noite. D. Lourenço d'Almeida, porém, e alguns outros de seus Capitães, não querendo que tal retirada tivesse visos d'uma fuga, obstinaram-se em não partir, senão um pouco antes de amanhecer. Os navios mercantes passaram sem novidade; seguiram-se-lhes os de guerra, porém D. Lourenço d'Almeida, que devia formar a retaguarda, tendo-se obstinado em querer levantar o ferro da capitania que estava junto da do Emir, em lugar de picar a amarra, os inimigos lhe percebêram o designio, e a sua lancha que levantava a ancora foi metida a pique. Então o piloto da capitania picou a sua amarra, mas já era muito tarde. O medo se apoderára d'elle, e do desejo que tinha de se affastar o mais possivel do inimigo, que lhe fez perder o rumo da Náo, e hir direito á costa e encalhar. Melique-As que o perseguia de perto com as suas fustas, lhe fez um rombo á flor d'agua por baixo do leme; forão então inuteis os esforços de Pelagio de Sousa para a rebocar.

Nesta extremidade a gente de D. Lourenço d'Almei-

da só pensando na sua conservação instava para que se retirasse no batel, pois ainda era tempo; mas elle rejeitou esta proposição como ultrajante, e declarou mesmo que atravessaria com a lança quem lhe désse uma unica palavra a semelhante respeito. No entanto o seu navio hia soçobrando, e tinha setenta homens já fóra de combate; dividiu em trez corpos os trinta que lhe restavão, resolvido a fazer por toda a parte face aos inimigos, que raivosamente combatião aquella embarcação.

O ataque e a defeza erão igualmente terriveis, quando uma balla partiu uma perna a D. Lourenço de Almeida, e o arrojou por terra. O Joven heróe mandou que o levantassem, e o sentassem em um banco junto ao mastro grande. Só pensava em animar a sua gente, quando uma segunda bala veiu varar-lhe o peito. O seu corpo foi escondido para não desanimar os soldados, que ainda sustentaram quatro consecutivas abordagens. A' quinta os Mouros conseguiram tomar pé sobre a embarcação, a qual já se afundia, e aonde todos os homens que se achavão entre pontes, Christãos ou Musulmanos, morrêram afogádos. Melique-As teve em fim piedade de uns inimigos tão valentes, e fez cessar a carnagem.

Nesta horrorosa acção distinguem-se mais, entre tantos rasgos de valor, dous Portuguezes; o primeiro era um môço pagem de D. Lourenço d'Almeida, o qual ferido em um olho por uma frecha, jámais abandonou o corpo de seu amo, e morreu sobre um montão de inimigos que sacrificára. Um marinheiro Portuguez natural do Porto por nome André Fernandes, ferido e privado da mão esquerda, se defendeu em uma gávea por largo espaço de tempo, até que Melique-As admirado de tão excessiva coragem, debaixo de juramento, lhe offereceu a vida que ac-

ceitou. O Vice-Rei não se esqueceu depois de o premiar, como era do seu dever.

Os vencedóres forão muito mais maltratados que os vencidos; perderam seiscentos homens, e sómente cento e quarenta os Portuguézes; porém a morte de D. Lourenço de Almeida foi reputada como um acontecimento decisivo. Entre aquelles que os Mouros prantearam mais, foi o Santão Maimane, elle invocava Mafoma, e lhe pedia a victoria para os seus, quando foi atravessado de uma bala.

Hocem queria hir em seguimento dos vencidos; Melique-As não consentiu, e tratando os prizioneiros com a maior attenção, deu todas as providencias a favor d'aquelles que tinhão ficado feridos. Tinha tenção de fazer enterrar D. Lourenço d'Almeida, mas nunca se poude achar. Melique-As escreveu ao Vice-Rei, e intentou consolal-o pela consideração da gloria que seu filho expirando havia adquirido.

O desventurado Pai, entregue aos mais pungentes cuidados, tinha até alli esperado que seu filho ficasse em o numero dos prisioneiros; quando soube o seu fatal destino, conservou-se pelo espaço de trez dias na mais profunda tristeza, mas resignou-se, na deliberação de tomar uma justa e necessaria vingança. Os Mouros no entanto, odiando os Portuguezes, trasbordavão d'alegria. Toda a India ressoava com a fama de sua victoria, e não se fallava de outra cousa senão do Emir e de Melique-As. Seus nomes erão celebrados em canticos, que se compunhão em seu louvor; todos os Reis e Principes do Indostão lhes enviávão Embaixadores para os cumprimentarem. Os povos exaltavão seus triumphos por meio de festas e de divertimentos; olhavão-nos como deuses tutelares, e acreditavão que estava chegado o momento de se libertarem dos Portuguezes.

O Vice-Rei fez immediatamente reunir as embarcações que se achavão em diversos pontos, e resolveu hir pessoalmente combater os inimigos da Nação Portugueza. Felizmente permittiu o accaso que nesta occasião chegassem as frotas dos dous annos antecedentes.

Foi em taes circumstancias que Affonso d'Albuquerque fundeou em Cochim com a sua esquadra. O Vice-Rei o recebeu com polidez, mas recusou entregar-lhe o governo da India, dizendo differia essa entrega para quando voltasse da expedição contra o Emir. Affonso d'Albuquerque se lhe offereceu para o acompanhar na qualidade de voluntario, e debaixo das suas ordens; elle lhe agradeçeu friamente, e não condescendeu a este pedido.

D. Francisco d'Almeida sahiu finalmente de Cochim com 19 vasos de guerra, levando 1:300 Portuguezes e 400 Malabares. Depois de ter na derrota incendiado alguns navios de Calecut, logo que chegou á altura de Dabul, resolvido a castigar o Sabaio, a quem esta cidade pertencia, o qual mostrára em todas as occasiões sua parcialidade contra os Portuguezes, e havia ultimamente manifestado a maior alegria pela victoria do Emir, dirigiu-se de repente sobre a cidade, e veiu fundear em seu porto. Dabul situada junto de uma aprasivel e fertil montanha, sobre um rio largo e navegavel, a duas leguas de sua embocadura, era uma cidade vasta, bem construida, commercial, e populosa. O Sabaio a havia cercado de uma boa muralha e de um profundo fosso, e lhe tinha addicionado em differentes pontos outras obras de fortificação, guarnecidas de boas baterias. Havia nella um governador, homem de reputação, com uma guarnição de seis mil homens, entre os quaes se contavão uns quinhentos Rumes Turcos ou Christãos renegados.

D. Francisco d'Almeida effeituou o desembarque; o Governador veiu sahir-lhe ao encontro fóra da cidade com toda a sua guarnição, e se bateu corajosamente, morrendo como um bravo. O combate foi terrivel; a final os inimigos forão completamente derrotados, e os Portuguezes levaram a cidade d'assalto. Alli se commetteram excessos de vingança, nem sexo nem idade forão exceptuados, e a esposa querida do Governador não poude comprar a vida offerecendo o sacrificio de todos os seus thesouros. A lembrança se prolongou na India por largo espaço de tempo, e deu lugar a esta maldição proverbial: « *A cólera dos Européos se estenda sobre vós como foi sobre Dabul.* » Para fazer acabar o saque e reunir os soldados, o Vice-Rei não viu outro partido mais do que incendiar a cidade.

Depois d'esta empresa e da destruição dos lugares vesinhos, o Vice-Rei foi procurar a esquadra de Hocem e de Melique-As.

No dia 3 de Fevereiro de 1509 teve lugar a grande batalha naval. Dado o signal começou o renhido combate. Nuno Vaz Pereira commandava a vanguarda das forças Portuguezas, e o Vice-Rei estava d'observação com metade da esquadra. As descargas de artilheria eram feitas com muita rapidez, e Hocem recebeu Nuno com desmedido valor. Tinha-o collocado entre dous fogos, quando Nuno fez atirar ao navio que auxiliava o de Hocem, e o varou de parte a parte á flôr da agua. Os Portuguezes conseguiram saltar em o navio inimigo: ao mesmo tempo Nuno tendo desatado o capacete para melhor respirar, foi por uma frecha ferido na garganta, e trez dias depois expirou. A sua ferida não causou consequencia alguma infeliz no valor da sua guarnição, e Francisco de Tavora saltou com a maior parte da gente em o navio de Hocem.

Combatia-se com o mesmo ardor em toda a parte. Os navios Portuguezes estavão atracados aos dos inimigos, excepto o de Jorge de Mello e o do Vice-Rei; comtudo, estes dous guerreiros não deixavão por isso de combater com valor. Mello perseguia em distancia duas embarcações de Cambaya, e D. Francisco d'Almeida metteu um navio a pique. Ainda que os Portuguezes tinhão alcançado vantagem, a sua victoria comtudo não estava decidida, pois que de terra Melique-As fornecia ao seu alliado tropas frescas, e matava ou feria aquelles que se lançavão a nado para escapar do combate.

Apesar de todas as precauções que se havião tomado para ter em segurança a vida do Vice-Rei, elle comtudo se viu em perigos imminentes. A cidade lhe desfechava a sua artilheria, em quanto muitos navios de Calecut, e de Melique-As o circulavão. Por longo tempo se configurou o seu navio abrasado, não cessando de fazer fogo de todas as baterias. D. Francisco d'Almeida corria de um extremo ao outro animando a equipagem, e dando-lhe o exemplo da maior intrepidez.

A victoria começou emfim a declarar-se pelos Portuguezes, logo que foi tomada a embarcação de Hocem. Elle conseguio ganhar terra com a maior parte da sua gente, e se dirigiu á Côrte de Cambaya, porque receava, não se sabe o motivo, que Melique-As o entregasse ao Vice-Rei. Os navios de Calecut, e os de Melique-As fugiram. Ruy Soares que os perseguia, fez uma acção corajosa, da qual foi testemunha toda a esquadra Portugueza. Lançou duas ancoras sobre dous navios inimigos, e os rebocou assim para a Náo do Vice-Rei. Aquella de Melique-As resistiu por longo tempo, e achando-se por toda a parte coberta de couros azeitados, não poude ser tomada de abordagem; mas a caravella de Garcia de Sousa a metteu a pique, tendo-a varado á flôr d'agua.

Assim acabou esta sanguinolenta e porfiada batalha, aonde os Musulmanos perderam quatro mil homens. De mil e quinhentos Mamelucos de Hocem vinte e dous sómente conservaram a existencia; os outros combateram até serem feitos em pedaços. Sete navios forão tomados pelos Portuguezes, os quaes tiverão pequeno numero de mortos, e trezentos homens feridos.

No dia immediato á acção Melique-As pedíu e obteve que se acabasse a guerra, entregando os prizioneiros de que se achava senhor, cedendo algumas galeras, e promettendo não facilitar mais asylo aos navios do Califa; porém foi debalde que os Portuguezes instaram para que lhes fossem entregues os soldados de Hocem que alli ficaram. Melique-As allegou sempre que não trahiria a sua palavra, e esta lealdade prova que Hocem suspeitando-o tinha pensado mal.

D. Francisco d'Almeida victorioso voltou a Cochim, e nesta viagem confirmou as pazes que tinhamos com o Rei de *Chaul*, de quem recebeu as páreas, dando-lhe carta de vassallagem: avistou-se com o Rei de *Onôr*, augmentou o tributo, que já pagava a Portugal: fez vassallo de Portugal o Rei de *Baticala*, e lhe impoz tambem tributo.

Os felizes acontecimentos do Vice-Rei não suavisaram seu animo respectivamente a Affonso d'Albuquerque, pelo contrario tudo parecia tendente a exasperal-o mais, e não poucas scenas desagradaveis se passaram entre estes dois chefes: as cousas chegaram a ponto que o Vice-Rei deixando-se levar dos perniciosos conselhos de seus aduladores, lhe deu a voz de prêso, e o mandou assim para Cananôr. Havia já trez mezes que Affonso d'Albuquerque se achava nesta situação, quando D. Fernando Coutinho, Marechal de Portugal, chegou a Cananôr com uma esquadra de quinze vélas e trez mil homens de peleja.

Acontecimento algum poderia ser mais agradavel a Affonso d'Albuquerque. O Marechal era seu parente e amigo, e levava novas ordens d'El-Rei em seu favor. E' facil de conjecturar a indignação do Marechal, quando soube da propria bocca de Affonso d'Albuquerque a exposição circumstanciada d'estes acontecimentos; elle fez com que immediatamente fosse reconhecido Governador Geral da India, pois que levava para isso ordem d'El-Rei; em seguida o tomou a seu bordo, e o condusiu a Cochim.

O Vice-Rei recebeu o Marechal com demonstrações da maior estima, e não oppoz então difficuldade alguma em obedecer ás ordens da Côrte; pela sua parte, o Marechal fez quanto lhe foi possivel por congraçar estes dous grandes homens, aos quaes sómente erão exprobraveis suas dissenções. Affonso d'Albuquerque pareceu esquecer o passado proceder de seus subalternos para com elle; mas mostrou-se difficil em reconciliar-se com o Vice-Rei, o qual não deixou de o conhecer; por que desde o momento em que lhe fez entrega do governo, retirou-se para bordo da sua Náo, e não tornou a desembarcar.

A maior parte dos Officiaes que se havião declarado contra Affonso d'Albuquerque seguiram o Vice-Rei para Portugal.

A esquadra de D. Francisco d'Almeida seguio sua derrota com feliz viagem, e no 1.º de Março de 1510 lançou ferro na Bahia da Aguada de Saldanha, proxima do Cabo da Bôa Esperança.

Tendo alguns soldados hido a terra para tratarem com os Cafres a compra de gado e outras provisões, infelizmente por esta occasião promovêram-se rixas, sendo os Portuguezes pela pequenhez do numero obrigados a fugir para

bordo, perseguidos pelos Cafres com páus pedras e frechas.

D. Francisco d'Almeida mandava já levantar ferro para continuar sua derrota; porém instado pelos officiaes consentiu em desembarcar a tropa para castigar os Cafres. Travou-se o combate, os Portuguezes tendo que marchar debaixo d'um sol abrasador sobre areáes, bem depressa se viram fatigados ao ultimo ponto; pelo contrario os inimigos movião-se com a maior agilidade, e sendo continuamente reforçados envolveram os Portuguezes Finalmente o vencedor de Hocem e de Melique-As, o Vice-Rei, que tinha por tantas vezes feito respeitar a nação Portugueza na India, foi victima d'esta empreza; uma lança d'arremesso sem ferro lhe atravessou a garganta. Perdeu-se nesta infeliz acção o Estandarte Real, e ficaram sobre aquelles areáes o Vice-Rei, 11 Officiaes, e 50 soldados mortos ás mãos dos Cafres os mais selvagens d'aquella costa, e sómente armados de pedras páus e frechas, de maneira que esta mal projectada acção foi mais fatal, que muitas outras em que se tratava de conquistar Reinos na India, sustentando o credito adquirido pelos Portuguezes.

FIM DO VOLUME II.